



**UNIVERSIDADE TIRADENTES
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

LUZIANE DOS SANTOS

***“PELO SANGUE” E “PELA LÍNGUA”*: AÇÃO *ETHINICA* NO DISCURSO
MESTIÇO NA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA DE SYLVIO ROMÉRO
(1881-1888)**

ARACAJU - 2019

LUZIANE DOS SANTOS

**“PELO SANGUE” E “PELA LÍNGUA”: AÇÃO ETHINICA NO DISCURSO
MESTIÇO NA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA DE SYLVIO ROMÉRO
(1881-1888)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação –Universidade Tiradentes.

**PROFA. DRA. ILKA MIGLIO DE MESQUITA
ORIENTADORA**

ARACAJU – 2019

S237p Santos, Luziane dos
“Pelo sangue” e “Pela língua”: ação étnica no discurso mestiço na História da
Literatura Brasileira, de Sylvio Romero / Luziane dos Santos; orientação [de] Prof.^a
Dr.^a Ilka Miglio de Mesquita – Aracaju: UNIT, 2019.

105 f. il ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tiradentes, 2019
Inclui bibliografia.

1. Discurso racial. 2. Sylvio Romero. 3. Mestiçagem I. Santos, Luziane dos. II.
Mesquita, Ilka Miglio de. (orient.). III. Universidade Tiradentes. IV. Título.

CDU: 821. 134. 3(81)- 09

SIB- Sistema Integrado de Bibliotecas

LUZIANE DOS SANTOS

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação –Universidade Tiradentes.

Aprovada em 27/02/2019

BANCA EXAMINADORA

Orientador(a) Amiglio

Examinador(a) Externo(a): Claudia Santos

Examinador(a) Interno(a): Luiziane dos Santos

Mestrando(a): Luiziane dos Santos

Tinha sete anos apenas, apenas sete
anos, que sete anos!
Não chegava nem a cinco!
De repente umas vozes na rua me
gritaram Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
“Por acaso sou negra?” – me disse
SIM!
“Que coisa é ser negra?”
Negra!
E eu não sabia a triste verdade que
aquilo escondia.
Negra!
E me senti negra, Negra!
Como eles diziam
Negra!
E retrocedi
Negra!
Como eles queriam
Negra!
E odiei meus cabelos e meus lábios
grossos e mirei apenas minha carne
tostada
E retrocedi
Negra!
E retrocedi . . .
Negra! Negra! Negra! Negra!
E passava o tempo, e sempre
amargurada
Continuava levando nas minhas
costas minha pesada carga
E como pesava!...
Alisei o cabelo, Passei pó na cara,
e entre minhas entranhas sempre
ressoava a mesma palavra
Negra! Negra! Negra! Negra!
(Victoria Santa Cruz)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Maria Aparecida e Paulo.

AGRADECIMENTOS

Muita gente me ajudou chegar aqui
Foi aos trancos e barrancos que eu consegui
Minha família, meus amigos, minha fé
A vocês devo tudo.

[...]

Eu sou feliz demais, quando olho pra trás só
consigo sentir

Gratidão

Pela força que não me deixou desistir

Valmir Alencar Correa

Gratidão é o sentimento que me move neste momento. Esses versos, compostos por Valmir Alencar Correa, interpretados na voz do sambista Xandy de Pilares, me fizeram refletir sobre a necessidade de ser GRATA. Sim, meus queridos, o fato de ser MARAVILHOSA potencializa o meu ato de agradecer! (risos).

Lembro-me de que, há alguns anos, a educação superior era algo distante para pessoas como eu: negras, pobres e de pais semianalfabetos que enfrentaram muitas dificuldades na vida, mas nunca permitiram que nenhum filho faltasse na escola. Por essa razão, a possibilidade de cursar o nível superior só se tornou real com os projetos de interiorização das universidades federais, entre eles, o programa Universidade Aberta do Brasil – UAB, instituído pelo decreto nº 5.800, de 8 de junho de 2006. Ali se concretizava uma OPORTUNIDADE: cursar a Licenciatura em História, o curso que me fez professora!

O sentimento de gratidão que agora me toma faz transbordar diversos sentidos da minha história, do que vivi e construí até aqui, numa caminhada árdua, mas quase nunca solitária. Assim, retomo minhas raízes e aqueles que comigo estiveram para externar meus agradecimentos.

À minha família, pois, ainda que não tivesse oportunidade de acesso ao ensino superior, sempre me ofereceu suporte para permanecer estudando, mesmo com todas as limitações.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tiradentes, pelo diálogo e pela inserção de novas leituras, que ampliaram o meu conhecimento acerca da História da Educação.

Aos membros da banca, no exame de qualificação e defesa, Professor Doutor Claudefranklin Monteiro Santos, que se fez presente desde o exame de pré-

qualificação, e a querida Professora Doutora Vera Maria dos Santos. Agradeço pela leitura minuciosa do meu trabalho.

Ao nosso Grupo de Pesquisa História, Educação, Memória, Educação e Identidade (GPHMEI), pelas valorosas contribuições, a respeito do meu objeto de estudo, principalmente, durante o I Seminário de Pesquisa do GPHMEI. À minha orientadora, Professora Doutora Ilka Miglio de Mesquita, a nossa suprema. Para além de um conhecimento histórico gigantesco (quem me dera ter 1% da sua sabedoria), a minha admiração supera o campo acadêmico, justamente pelo privilégio de ter uma orientadora humana, que chama a atenção quando precisa e, acima de tudo, se importa com seus orientandos. Mulher, você é incrível! Não tenho adjetivos para descrever tamanha admiração pelo ser humano que você é. Muito obrigada!

Ao professor MSc Gustavo dos Santos, que, prontamente, aceitou a incumbência de realizar a leitura minuciosa do um texto de alguém que estava em meio a uma crise com o objeto de pesquisa e precisando de um norte para prosseguir no seu objetivo. Seguimos este caminho juntos, estudando teorias e metodologias. Obrigada por ser presente, literalmente, e por fazer enxergar meu objeto desde a primeira conversa que tivemos. A partir dali, já no segundo encontro, eu senti que precisava perder a insegurança e o medo, pois o momento de errar era aquele e você estava comigo. Que privilégio! Foi a partir das suas análises e ponderações nas minhas apresentações no Seminário de Pesquisa do GPHMEI e em outros eventos que fui perdendo a insegurança de falar em público. Só tenho que agradecer a Ilka por ter te posto no meu caminho.

Aos colegas do mestrado que se tornaram amigos, Amélia, Eliane e Rivaldo, sou grata pela parceria. A amizade de vocês não tem preço!

À Jady e ao Rony, pelo incentivo e pela acolhida lá no comecinho do mestrado.

Mirianne, Mariângela, Wendel, Rafaela e Luciana, obrigada por me ouvirem e por compartilhar o conhecimento de vocês.

À professora Laís Cardoso, minha amiga, que prontamente respondia às minhas mensagens de dúvidas sobre o campo da literatura, sempre indicando uma leitura sobre análise de discurso e crítica literária. Obrigada por compartilhar seu conhecimento do campo das Letras.

Aos meus irmãos, sobrinhos, tios e amigos, que entenderam meu afastamento em momentos importantes.

À Universidade Tiradentes e às Agências de Fomento Capes e Fapitec, pela bolsa de incentivo à pesquisa, pois sem elas não conseguiria concluir este trabalho.

Por fim, sinto a necessidade de ressaltar que a conclusão deste percurso, para além da conquista de um título, não foi mérito! O que me trouxe até aqui foi a oportunidade, de acesso e permanência, fruto de políticas públicas, conquistadas pela luta de muitos. Eis aqui a menina negra, do interior sergipano, que cursou uma graduação, tornou-se professora e agora MESTRA. Ciente de que a oportunidade não anula a competência e a capacidade, meu desejo é de que muitos outros, assim como eu, também consigam trilhar bons caminhos e, sobretudo, não desistam de tornar seus sonhos realidade. GRATIDÃO!

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo os discursos raciais na obra *História da Literatura Brasileira* de Sylvio Romero (1888). Este estudo tem como objetivo geral compreender como o autor organizou e sistematizou o discurso racial na obra acima citada. Por tal propósito, fez-se necessário descrever e analisar os aspectos textuais e materiais da obra enquanto objeto de discurso racial, além de identificar e interpretar como o autor se apropriou de teorias científicas para expor as manifestações raciais. Para tanto, procurou-se dialogar com o conceito de repertório, buscando entender a mobilização de teorias importadas da Europa como uma forma utilizada pelo autor para trazer em seus discursos pensamentos raciais em voga no Brasil oitocentista. Logo, se questiona: como Sylvio Romero faz uso da literatura como espaço de manifestações raciais? Que expressões presentes na *História da Literatura Brasileira* (1888) caracterizam tais manifestações e como estas estão expostas na obra? Diante de tais questionamentos, delimitou-se o marco temporal entre 1881 e 1888. Tal escolha partiu do fato de a introdução da obra ter sido publicada inicialmente em 1881 na *Revista Brasileira*, da Academia Brasileira de Letras, e o ano de 1888 por ser o ano de publicação da primeira edição do livro, que foi material de consulta dos professores do Colégio Pedro II. Como procedimento metodológico, foi utilizada a operação histórica de análise de fontes, tendo como ponto de partida o conceito de documento/monumento concebido por Jacques Le Goff. Assim, enfatizou-se a necessidade de pensar as condições de produção e apropriação das fontes históricas. Enfim, entendeu-se o livro com uma função social dentro do contexto da sociedade vigente, um dispositivo transmissor de conhecimento que forma e informa, tendo uma função educativa através das teorias raciais, principalmente com o darwinismo. A circulação e a apropriação possibilitou a disseminação dos discursos raciais naturalizados a partir da linguagem. Dessa forma, o livro de Sylvio Romero revela uma produção intelectual de modelo darwinista, além de evidenciar na teoria como este deveria ser aplicado na sociedade, que para o autor, no futuro, teria uma nova geração com traços mais finos, ou seja, embranquecida. Portanto, a obra possibilitou a divulgação dessas teorias e deu sentido à ideia de embranquecimento racial. Concluiu-se que o impresso foi visto nesta dissertação como uma tecnologia divulgadora de ideias.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso racial, Sylvio Romero, mestiçagem.

ABSTRACT

The present research has as object of study the racial discourses in the work *History of the Brazilian Literature* of Sylvio Romero (1888). This study aims to understand how the author organized and systematized racial discourse in the work cited above. For this purpose, it was necessary to describe and analyze the textual and material aspects of the work as an object of racial discourse, as well as to identify and interpret how the author appropriated scientific theories to expose racial manifestations. To do so, we sought to dialogue with the concept of repertoire, to understand the mobilization of theories imported from Europe as a way used by the author to bring in his speeches racial thoughts in vogue in nineteenth-century Brazil. Therefore, one questions: how does Sylvio Romero use literature as a space for racial manifestations? What expressions present in the *History of Brazilian Literature* (1888) characterize such manifestations and how are they exposed in the work? Faced with such questions, the time frame was delimited between 1881 and 1888. This choice was based on the fact that the introduction of the work was first published in 1881 in the *Brazilian Journal of the Brazilian Academy of Letters*. And the year 1888, for being the year of publication of the first edition of the book, which was material for consultation of the teachers of the *College Pedro II*. As a methodological procedure, the historical operation of source analysis was used, starting with the document / monument concept conceived by Jacques Le Goff. Thus, it was emphasized the need to think about the conditions of production and appropriation of historical sources. Finally, we understood the book with a social function within the context of the current society, a transmitting device of knowledge that forms and informs, having an educational function through racial theories, mainly with Darwinism. Circulation and appropriation enabled the dissemination of naturalized racial discourses from language. In this way, the book of Sylvio Romero reveals an intellectual production of a Darwinian model, besides evidencing in theory how it should be applied in society, which, for the author, would in the future have a new generation with finer traits, that is, whitened. Therefore, the work enabled the dissemination of these theories and gave meaning to the idea of racial whitening. It was concluded that the paper was seen in this dissertation as a technology for disseminating ideas.

KEY WORDS: Racial speech, Sylvio Romero, interbreeding.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1.1 A tríade: objeto, objetivos e problema.....	14
1.2 Trilha teórico-metodológica.....	21
1.3 Produções sobre autor e suas obras.....	26
2 AS NOSSAS LETRAS: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM DISCURSO....	34
2.1 O livro: A casa editorial, o estilo e a crítica.....	36
2.2 “Em via de formação”: Organização da obra História da Literatura Brasileira.....	57
2.3 Heranças teóricas: “a adaptação de doutrinas e escolas europeas ao nosso meio social”.....	62
3.“ENERGIAS DAS RAÇAS”: A “MARCHA EVOLUTIVA” X A COR.....	72
3.1 O mestiço: “critério popular e ethnico do empretecimento para o branqueamento”.....	73
3.2 “O transformismo darwiniano”: evolução racial em terras tupiniquins.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS.....	97

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -Sylvio Vasconcelos da Silveira Ramos Roméro.....	20
Figura 2 - Dorso da encadernação tomo I e II.....	36
Figura 3 - Capa da encadernação Tomo I e II.....	36
Figura 4 - Capas e contracapa do tomo primeiro.....	37
Figura 5 - Capas e contracapa do tomo segundo.....	38
Figura 6 - Página reservada à dedicatória a esposa do autor.....	40
Figura 7 - Índice dos livros I e II.....	42
Figura 8 - Continuação índice do livro III.....	43
Figura 9 -Etiqueta da livraria	50
Figura10 - Anúncio de venda de escrava.....	78
Figura 11 - Anúncio de venda de escrava.....	78
Figura 12 -Poema <i>A mulata</i>	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Livros Publicados sobre o pensamento de Sylvio Romero.....	26
Quadro 2- Livros adotados Pelo Colégio Pedro II.....	45
Quadro 3- Disposição da disciplina por série.....	45
Quadro 4- Expressões relacionadas a raça encontradas em <i>História da Literatura Brasileira</i>	56
Quadro 5- Informativo sobre a obra <i>História da Literatura Brasileira</i>	57
Quadro 6- Autores citados no corpus textual da <i>História da Literatura Brasileira</i>	63
Quadro 7- Teóricos citados por Sylvio Romero em <i>História da Literatura Brasileira</i>	66
Quadro 8- Características raciais	85
Quadro 9- Tipo étnicos / valor social da miscigenação no Brasil.....	86

1 INTRODUÇÃO

1.1 A tríade: objeto, objetivos e problema

O encontro¹ com o objeto de estudo ocorreu em etapas durante o curso de História – EAD da Universidade Federal de Sergipe ao cursar a disciplina Historiografia Brasileira. Nesse momento foram conhecidas diversas personalidades no campo da história, dentre eles Sylvio Romero², que em seus escritos abordara a constituição de temas raciais no Brasil oitocentista.

As experiências vividas durante a construção da minha identidade enquanto mulher negra, estudante de escola pública, foram elementos importantes para pensar esta temática, uma vez que escrevo de um lugar social invisível. Junto a isso, o interesse pelo tema foi fomentado por meio das leituras realizadas das produções de autores como: Schwarcz (2001) e Roberto Ventura (1991), que abordam a temática racial, estes me conduziram a reinterpretar as minhas vivências e revisitar os espaços ocupados, fruto de uma luta histórico-social, uma vez que sou resultado da efetivação de políticas socioeducacionais, visualizando a nordestina, professora de história e a pesquisadora envolvida com questões raciais.

Ao iniciar as aulas do mestrado e receber as orientações da professora Doutora Ilka Miglio de Mesquita, comecei a pensar numa definição para o objeto de pesquisa, e as leituras voltadas especificamente sobre Sylvio Romero me possibilitaram entender o sujeito em seu tempo, e assim, chegamos à sua obra *História da Literatura Brasileira*, publicada inicialmente em 1888.

No primeiro momento, foi pensado o lugar da educação na obra *História da Literatura Brasileira*, partindo do que afirma Brandão (2007) quando aponta que a educação existe em toda parte, a exemplo das inter-relações sociais, pois as trocas de experiências também educam. Foi preciso entender que educar é algo amplo e realizado de formas variadas. Essas noções também são evidentes no processo de circulação do livro como material impresso, pois este possibilita (ou) essa troca e apropriação do conhecimento. Como grande parte das pesquisas orientadas pela professora Dr.^a Ilka Miglio de Mesquita descendem dos projetos intitulados

¹ No encontro com o tema utiliza-se a primeira pessoa.

² Optou-se pela grafia impressa na obra.

“Imprensa e Associações Acadêmicas das Faculdades de Direito de São Paulo e Olinda/Recife no século XIX: configurações de cultura jurídica e política” e “Performances e identidades: ações, reações e re-existências”, sob sua coordenação, este estudo procura dialogar com os dois, quando na verdade não se separam. Ambos projetos propõem a análise das produções da intelectualidade brasileira sobre a identidade do Brasil, no momento histórico em que o país buscava o processo e a constituição de pensamento racial por meio de projetos políticos e sociais.

O presente estudo também está vinculado ao Programa de Pesquisa “A Educação nos Projetos de Brasil: espaço público, modernização e pensamento histórico e social brasileiro nos séculos XIX e XX”, coordenado pelos Professores Dr. Luciano Mendes de Faria Filho e Dr.^a Rosana Areal de Carvalho. O envolvimento com o projeto e com o programa supracitado possibilitou discussões e, conseqüentemente, aprofundamentos sobre as questões raciais no Brasil oitocentista.

Para tanto, em primeiro lugar, foi preciso entender o impresso como um dispositivo que proporcionava circulação de ideias e promovia a propagação de conhecimento. Foi a partir das leituras e dos diálogos no Grupo de Pesquisa História, Memória, Educação e Identidade (GPHMEI) que construímos uma perspectiva a ser investigada. O que mais chamara atenção foi a questão racial, sua formulação no século XIX e como esses sujeitos se apropriavam das teorias evolucionistas. Desta forma, a fonte principal a ser investigada continuou sendo a obra, tendo como objeto de pesquisa os discursos raciais na *História da Literatura Brasileira* de Sylvio Romero (1888), entendendo este como uma construção histórica em que os agentes selecionavam essas ferramentas de forma não aleatória. Neste sentido, quando Sylvio Romero relata a unidade étnica como um elemento importante na constituição da cultura e na formação de uma identidade nacional formulada a partir do cruzamento racial, ele evidencia que a formação histórica do país é constituída da junção de raças, possibilitando o surgimento de um povo com suas próprias características. Segundo Romero:

São as lições da historia.

O Brazil possui uma certa **unidade ethnica que lhe tem garantido a existência até hoje**. Mas esta unidade não deve ser perturbada com a ingestão systematica de elementos estrangeiros em

privilegiada zona do paiz, nem deve ser posta em prova com um projecto perigoso de federação (ROMÉRO, 1888, v. 1, p. XXIII, grifo nosso).

Nesta trilha apresentada pelo autor, é perceptível o tratamento a unidade racial como um elemento importante na constituição da identidade nacional. Quando trata da etnia, ele também está referindo-se às questões raciais, pois entende raça e etnia como características que fazem parte de um único núcleo, ou seja, está se reportando às características biológicas de cada indivíduo. Quando refere-se ao negro, ao índio e ao branco, ratifica alguns indícios referentes ao Brasil mestiço na sua composição étnica, elucidando a cor e a antropologia no estudo do homem em seus espaços sociais. Este modelo nasceu primeiro com os índios e os portugueses, depois entre os portugueses e os negros e bem mais tarde com os imigrantes. Desta forma, pode-se observar no discurso do autor a crítica ao modelo de concentração dos imigrantes europeus vindos para o Brasil, em virtude desses ficarem agrupados em única região. Segundo o autor, seria essencial a expansão para outras regiões, uma vez que existia a necessidade de uma modernização, pois a agricultura tinha como base técnicas rudimentares, sendo sua ferramenta de produção o escravo. Além da inserção de novas técnicas de manejo da agricultura, também existia a finalidade de um cruzamento, uma troca cromossômica entre os imigrantes e os brasileiros. Portanto, a partir desses indícios, Sylvio Roméro aborda elementos de mestiçagem e traça um perfil racial do povo brasileiro por meio da sua história da literatura.

Diante do exposto, toma-se como objetivo geral compreender como Sylvio Roméro organiza e sistematiza o discurso racial na sua obra *História da Literatura Brasileira* (1881–1888). Para alcançar tal objetivo foi preciso entender o Sylvio Roméro leitor, partindo de suas leituras e como este se apropriou de teorias estrangeiras e adaptou-as na construção de sua escrita. Posteriormente, elencou-se dois objetivos específicos com a finalidade de descrever e analisar os aspectos textuais e materiais da obra enquanto objeto de discurso racial; identificar e interpretar como o autor se apropria das teorias científicas para expor as manifestações raciais. Por tais objetivos, questiona-se: como Sylvio Roméro faz uso da literatura tomando-a como espaço de manifestações raciais? Que expressões presentes na *História da Literatura Brasileira* (1888) caracterizam tais manifestações e como estas estão expostas na obra?

Diante de tais questionamentos, delimita-se o marco temporal entre 1881 e 1888. Tal escolha partiu do fato da introdução da obra *História da Literatura Brasileira* ter sido publicada inicialmente em 1881 na *Revista Brasileira*, da Academia Brasileira de Letras, na fase II editada por Nicolau Midosi, nos três volumes finais. Em 1888, foi integralmente publicada pela “B. L. Garnier” livreiro e editor. Observa-se que a obra ganha visibilidade com as ações de publicações e isso se torna evidente quando se encontra Sylvio Roméro afirmando: “[...]o facto de se haver, em poucos annos, esgotado a 1ª edição d'esta obra é prova de não ter sido ella mal recebida pelo publico brasileiro, principalmente tratando-se de um livro de preço um tanto elevado” (ROMÉRO, 1902, v. 1, p. 13). Mediante tal afirmação, pode-se entender que existiram articulações no processo de divulgação das obras, esgotando os exemplares nos espaços onde eram disponibilizados para a venda.

Ao pensar na figura de Sylvio Roméro, Lilian Moritz Schwarcz (1993) destacou que, para ele, o Brasil era uma “sociedade de raças cruzadas”. No entanto, foi a partir da mistura do negro, do índio e do branco que passou a existir o intercruzamento das raças, possibilitando o mestiçamento³ da nação. Esse termo é encontrado em obras de Nina Rodrigues e também do próprio Sylvio Roméro, trazendo como significado a mistura racial numa seleção evolutiva, culminando no branqueamento. Partindo da afirmação de Schwarcz (1993), procurou-se pensar esse autor e o contexto de produção da obra em foco como lugar (espaço) de história do povo brasileiro, uma vez traçado um perfil nacional pelo viés da crítica literária. Assim, foi por meio da linguagem literária que o autor expôs aspectos da identidade racial brasileira.

Tomar esta obra como fonte de estudo constitui-se de fundamental importância para identificar as apropriações das teorias evolucionistas⁴ que tratam da formação e transformação do indivíduo por meio da seleção natural, em que o mais forte consegue se adaptar e sobreviver. Cita-se como exemplos dessas teorias, o darwinismo e o spencerismo, a primeira se refere à biologia evolutiva das

³ Expressão retirada da obra *História da Literatura Brasileira*, utilizada por Rabello (tratou-se de um cientista social) em *Itinerário de Sílvio Romero* para se referir ao termo mestiçagem. De acordo com o dicionário Caldas Aulete online, mestiçamento é o “cruzamento entre raças diferentes”. (AULETE, 2004, n. p).

⁴ “Teorias filosóficas que utilizaram o transformismo biológico ou que se desenvolveram apoiadas nele. [...] tem em comum é o fato de constituírem um relativismo orientado no temo para um absoluto incognoscível (Spencer)”. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 98).

espécies, tendo a sua essência no livro *A origem das espécies*, de Charles Darwin, publicado em 1859. A segunda considera os fenômenos sociais atrelados pelas leis da vida em que o meio interfere nas características físicas e evolutivas do sujeito. Assim, a evolução social do indivíduo também sofre influências internas e externas como o clima, ação predatória e os mecanismos de controle da própria seleção natural que reverbera numa configuração social. Essas teorias evolucionistas também foram utilizadas como referência na constituição e na construção do discurso racial vigente no Brasil oitocentista, esses eram vistos, assimilados nas academias, apropriados e adaptados para a circulação em outros espaços públicos como os jornais e em obras como a de Sylvio Romero, *História da Literatura Brasileira*.

Partindo do que foi enunciado, a obra foi escrita em um período no qual as ciências naturais estavam influenciando os estudos relativos aos cursos de humanidades presentes no contexto do cientificismo e introduzindo tal concepção no contexto literário. Em sua investigação historiográfica, Sylvio Romero parte da concepção de literatura norteada por uma abordagem biológica, tendo em vista o conceito de raça representado a partir do mestiço.

O autor utilizou um método que está atrelado não só às questões ligadas aos processos de formação da literatura, como também apontou Antonio Candido (1988) ao afirmar que o aspecto descrito na obra parte de uma interpretação do processo de formação da cultura brasileira. Desse modo, a finalidade desta dissertação é construir uma narrativa histórica por meio da análise do discurso textual e do tempo de produção, compreendendo como Sylvio Romero interpretou e explicou o desenvolvimento da literatura descrita numa linguagem com abordagem racial.

Para identificar naturalização contida na linguagem racial, foi preciso compreender o livro como uma tecnologia de sua época que guarda as marcas das produções de seu tempo. Para tanto foi preciso utilizar o conceito de livro de Chartier (2002) quando afirma que este “não é somente o texto imaginado ditado ou escrito pelo autor” (2002, p.38). Nele é materializado um discurso que circulava em sua época de produção, assim Chartier caracteriza o livro como um produto cultural fruto de inquietações em voga no momento de produção. Partindo desse conceito outras problematizações foram surgindo. Que livro é esse? A quem se destina? Quais seus conteúdos? As indagações surgidas a partir do levantamento de outras fontes, a exemplo o programa de ensino dos anos 1892-1893 do Colégio Pedro II do Rio de

Janeiro, na qual observou-se que trata-se de uma obra de historiografia da literatura brasileira. O livro foi utilizado como material de consulta do professor, diferente dos compêndios em que os autores adaptavam o conteúdo ao programa de ensino. Observou-se que com a *História da Literatura Brasileira* (1888) de Sylvio Romero, o programa de ensino das disciplinas de literatura do Colégio Pedro II adaptavam-se ao conteúdo do livro e não ao contrário. A seguir apresenta-se informações de elementos estruturais e divisor da obra.

História da Literatura Brasileira (1888) está dividida em dois volumes, totalizando quatro livros. O volume I é composto por três livros divididos da seguinte forma: o primeiro livro é dividido em nove capítulos; o segundo em três; e o terceiro em dez. O volume II contém o quarto livro com sete capítulos. O capítulo um do livro I é exclusivamente teórico, pois o autor trata de teóricos que falam sobre a literatura brasileira, como ela é formada e quais são os elementos principais que constituem um texto literário. Trata-se de uma obra na qual o autor apresentou as suas ideias sobre o atraso do povo brasileiro, retratando o seu ponto de vista racial (realizando uma crítica ao lugar ocupado pelo índio).

Em suma, a obra é uma introdução ao estudo da cultura da sociedade brasileira. O livro faz um panorama sobre a história da literatura e de quais foram as principais influências e as temáticas adotadas pelas escolas literárias como o lirismo e o romantismo. Deste modo, elucidou como o historiador da literatura deve escrever sobre seu país, pois cabia ao historiador contemporâneo “[...] examinar as fontes em que beberam suas narrativas; teria de confronta-los os documentos authenticos”. (ROMÉRO, 1888, p. 537). E ao historiador da literatura “[...] interessam igualmente os erros e as verdades proclamados pelos cronistas” (ROMÉRO, 1888, p. 537). Na narrativa construída, apesar de tomar também as fontes documentais, Sylvio Romero afirma que a diferença entre o historiador literário e o contemporâneo está ligada a forma com que estes lidam com as fontes: enquanto o primeiro se utiliza das descrições dos cronistas, o outro, além dessas, confronta com documentos oficiais para confirmar a veracidade da informação.

Em vista disso, pode-se observar um autor que visa relatar a história e a construção da literatura partindo do entendimento que a “[...] litteratura no Brazil, a litteratura em toda a America, tem sido um processo da adaptação de ideias europeas ás sociedades do continente” (ROMÉRO, 1888, v. 1, p. 15). Desta forma, Sylvio Romero mostra que as teorias evolucionistas também estão adaptadas nos

textos literários e visam refletir sobre o papel e a manutenção das estruturas do passado.

O jurista nasceu na vila de Lagarto, província de Sergipe, em 1851, e morreu em 1914 no Rio de Janeiro. Iniciou os seus estudos em sua cidade natal, e com “[...]17 anos, 1868, desembarcou no Recife para estudar na Faculdade de Direito, onde já estavam alguns sergipanos, como Martinho Garcez e Tobias Barreto, que viriam, com certeza, a ser dois dos seus melhores amigos” (BARRETO, 2007, p. 26). Em 1874, é nomeado promotor da cidade de Estância/SE. Em 1875, foi deputado provincial e juiz municipal de órfãos em Parati, na província de Rio de Janeiro. Lecionou por 30 anos no Colégio Pedro II, foi fundador e professor da Faculdade de Livre Direito, da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro e da Faculdade Livre de Direito de Juiz de Fora. Em 1900, foi eleito deputado federal e participou da fundação da Academia Brasileira de Letras. Por fim, foi membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro.

Figura 1 – Sylvio Vasconcelos da Silveira Ramos Roméro



Fonte: GUIMARÃES, Artur. Sylvio⁵ Romero de perfil, 1915, np.

⁵ Foi mantida a grafia original.

Sylvio Romero contribuiu para jornais como *A crença*, *O Americano*, dirigido por Tobias Barreto, ainda em 1870 no jornal *Correio Pernambucano* e em 1871 no *Diário de Pernambuco*. Em 1872 escreveu no *Movimento*, colaborou no jornal *O Maravilhoso*, e fechou as suas colaborações de 1872 no *Diário de Pernambuco*, no *Jornal do Recife* e na *República*, do Rio de Janeiro. Em 1873, ainda no Recife, escreveu no *Liberal* e no *Trabalho*, encerrando uma colaboração que ele intitulava de “A Poesia Contemporânea”. As colaborações em jornais com suas críticas a obras de outros autores com refutações duras deram ao autor uma fama de polemista. De acordo com Claudfranklin Monteiro Santos (2014):

Assim, de um lado havia um “monstro” da intelectualidade brasileira, o chamado “rei da polêmica”, do outro, um sujeito sem muita expressão, audaciosamente capaz de desconcertar os mais balizados com argumentos racionais, claros e concisos que lhe rederam a alcunha de “rebelde”. Ou ainda, de pessoa não grata, um estranho em ninho de cobras criadas. (SANTOS, 2014, p. 387-388).

Sylvio Romero foi um mutante, em alguns momentos ele refez o que havia escrito tempos atrás, pois já não lhe servia no presente. Contudo, o discurso polêmico foi um dos seus traços característicos, produzindo vários significados aos seus textos escritos, já que a polêmica era marco relevante do quadro dos literários da época. Ele fez parte de um grupo de intelectuais com uma perspectiva de pensamento considerado moderno. Segundo Santos (2014), mesmo sendo “um sujeito” com pouca expressividade, e uma boa oratória, possuía argumentos que podiam abalar o indivíduo mais esclarecido, com um “[...] ardente e por vezes desordenado movimento entre ideias resultante de um humor instável” (CANDIDO, 1988, p. 19). A disputa fez parte da conjuntura e da afirmativa intelectual, logo essa característica de seu desempenho tem reflexos em sua obra. Por sua vez, as polêmicas também foram fatores que contribuíram para a visibilidade de Sylvio Romero.

1.2 Trilha teórico-metodológica

A trilha leva a uma direção, porém é preciso uma escolha para selecionar o caminho a ser percorrido. Esta alternativa partiu da necessidade de compreensão da mobilização teórica desse jurista. Partindo desta dificuldade, procurou-se dialogar

com o conceito de repertório, apresentando-o como um “[...] conjunto de recursos intelectuais disponíveis numa dada sociedade em certo tempo. É composto de padrões analíticos; noções; argumentos; conceitos; teorias; esquemas; explicativos; formas estilísticas; figuras de linguagem; metáforas” (ALONSO, 2002, p. 39). Esse conceito possibilita a compreensão do sujeito e sua atuação, além da forma como mobilizou teorias para disseminação de suas ideias. Tal conceito serve ainda como uma “lente” para compreensão do discurso racial apresentado pelo autor em sua obra. Neste sentido, os textos também caracterizam uma espécie de ação.

Para auxiliar a compreensão de repertório, Faria Filho (2017)⁶, fundamentado nas concepções de Charles Tilly, Ann Swindler e Angela Alonso, em seu livro *Edições e sociabilidades intelectuais: a publicação das obras completas de Rui Barbosa (1930-1949)*, mostra que, ao tratar de repertórios, esses “[...] não se prendem exclusivamente a uma filosofia específica, tampouco ganham forma como resultado de propaganda política. Eles emergem em processos históricos específicos e estão imbricados ao campo cultural de uma época” (FARIA FILHO, 2017, p. 24). Os processos historicamente construídos são importantes para a mobilização de repertórios.

Desta forma, faz-se necessário a assimilação dos formatos de ideias e hábitos da sociedade da época, especialmente no que se refere aos pensamentos que permearam o século XIX. Alonso (2002), ao trabalhar com as produções dos intelectuais da geração de 1870, evidencia como estes sujeitos se apropriavam de elementos das teorias estrangeiras. Assim, a autora mostra que:

O repertório de seu tempo compunha-se de uma gama de teorias da sociedade, indo desde as concepções ultrarreacionárias até anarquistas, do ponto de vista político e de teorias espiritualistas até o cientificismo mais ateísmo. Esta geração não leu aleatoriamente. Na verdade, os autores e teorias a que recorreu são atualizações, digamos assim fontes de formação da elite imperial [...] (ALONSO, 2002, p. 176).

Neste sentido, observa-se que as publicações dos sujeitos revelam que as leituras feitas durante o processo de formação na Academia de Direito destes bacharéis foram importantes para mobilização e apropriação das teorias como o

⁶ Destaca-se que a essência desse conceito reverbera as ideias de Alonso, Charles Tilly e Ann Swindler.

darwinismo social e o spencerismo, vindas da Europa e adaptadas, aqui no Brasil, pela composição de repertórios analíticos.

A consequência da mobilização de recursos intelectuais possibilitou a construção de um ideário imitativo, incorporado a partir das teorias estrangeiras. No decorrer de sua obra, Sylvio Roméro mobilizou sua ação de escrita adaptando os repertórios e a realidade vigente da época. Assim, o autor elucida: “[...] para que a adaptação de doutrinas e escolas europeas ao nosso meio social e litterario [...], é de instante necessidade conhecer bem o estado do pensamento do velho mundo e ter uma ideia nítida do passado e da actualidade nacional” (ROMÉRO, 1888, p. 16). Diante do que foi exposto, Sylvio Rabello explana:

[...] é na *História da Literatura* uma aplicação à larga da sua experiência— de doutrina a tôdas as produções da inteligência do povo brasileiro, quanto à sua origem étnica, num determinado meio físico e sob a influência européia. Uma aplicação junto à literatura [...]. Na *História da Literatura* é, entretanto, que melhor se sente o darwinista a estender até ao domínio da produção intelectual, os princípios biológicos da seleção e da sobrevivência dos mais capazes (RABELLO, 1967, p. 81).

Contudo, a estruturação dos discursos sofre adaptações em consequência do contexto histórico do agente, este, no que lhes diz respeito, elege as ferramentas a serem empregadas conforme a intencionalidade da sua escrita e a necessidade de mobilização da composição do “[...] conjunto de esquemas de pensamento” (ALONSO, 2002, p. 176), ao tratar de temas não apenas de literatura, mas também de raça, de política, de economia e de história. O autor preferiu enveredar por determinados temas e não por outros, evidenciando a sua seletividade ao tomar tal escolha. Embora na *História da Literatura Brasileira* o autor ratifica, em seu discurso, um posicionamento em relação ao “mestiçamento” e às relações raciais, traça um percurso de evolução que só pode ser alcançado por meio da cor. Desta forma, Sylvio Roméro salienta:

Os colonos nacionaes deveriam systematicamente, si isso fosse possível, acompanhar de perto as levas de colonos estrangeiros para dois fins principaes: aprenderem com elles os novos methodos e as novas ideias de trabalho e mais facilmente cruzarem com elles para assimilar-os. (ROMÉRO, 1888, p. XXV).

É perceptível que se faz necessário compreender o contexto da sociedade da época em que o livro *História da Literatura Brasileira* foi produzido. Portanto, as sistematizações das ações performáticas (utilizadas pelo autor para a formulação da obra) constituem-se como parte da composição de seu repertório. Neste sentido, as ações também estão representadas nos textos como forma de performance, permitindo pensar o passado histórico com uma visão mais ampla, na qual os membros que a executaram são convocados por intermédio de seus vestígios performáticos, pois o tempo passado pode ser convocado para reescrevê-lo no presente. Não obstante, o direcionamento que o pesquisador toma torna esse passado lembrado e pode fazer com que seja modificado no presente.

Diante de tais justificativas, o procedimento da pesquisa segue uma linha de esquematização, sendo composto por algumas etapas, sequenciadas ou não. Para responder às inquietações originadas no dedilhar do levantamento de dados, apoiando-se em Marson (1984), observa-se a necessidade de realizar algumas indagações em três níveis ou dimensões, sobre as quais precisam ser feitas aos documentos. A primeira “sobre a existência” do documento, a) O que a obra pode dizer sobre a linguagem racial em voga no Brasil oitocentista?; a segunda sobre o seu “significado [...] como objeto”, b) Quem a produziu? Para quem? Qual a sua finalidade?; a terceira “sobre o significado do documento como sujeito” (MARSON, 1984, p. 52) c) Quais representações e sentidos estão inclusos em seu significado? Quais pensamentos estão expressos implícita e explicitamente? Partindo destas perguntas se buscará “[...] desestruturar esta construção e analisar as condições de produção”. (LE GOFF, 1994, p. 548).

Assim, é imprescindível reportar o documento a sua época com os valores em que ele foi exposto. Contudo, se faz necessária uma reflexão no que se refere ao campo de análise dos documentos, como alertou Bloch (2001). Ademais, o historiador deve observar os documentos e os testemunhos como interrogáveis, uma vez que esses podem dizer sobre o passado pertencido, se questionados. Deste modo, ao analisar os exemplares da obra, é fundamental a realização de uma crítica documental, para que se possa permitir uma compreensão por meio de análise da fonte, mediante investigação, pois “[...] é o testemunho de um poder polivalente e, ao mesmo tempo cria-o” (LE GOFF, 1994, p. 548).

Ao analisar a produção do documento como monumento é necessário indagá-lo a partir de uma reflexão crítica, demolindo esta produção de pensamento que o

trata como verdade. Nesta perspectiva, “[...] todo o documento é mentira [...], é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem” (LE GOFF, 1994, p. 548). Entende-se que o documento guarda a memória. Por conseguinte, faz-se necessário despir o documento para conseguir compreender para além do que está posto. Desta forma, o pesquisador não pode ser ingênuo ante a documentação. Para despir a obra de Sylvio Romero é preciso cruzar informações coletadas nas produções que versam sobre a temática racial e o conteúdo de *História da Literatura Brasileira*, provocando enfretamentos que possam desmitificá-la.

Utilizando o conceito de documento/monumento de Le Goff (1994), enfatiza-se a necessidade de pensar as condições de produção e apropriação das fontes históricas. O documento perdeu a ingenuidade, tornou-se monumento e passou a alvo de uma crítica que o impede de ser um veículo natural da verdade do passado, surgindo a necessidade da problematização atrelada não apenas a uma única crítica histórica, pois uma única forma de análise não pode explicar seu significado tal.

O historiador pode fazer uso de dois suportes, o documento – escolha do historiador –, e o monumento – herança do passado. Ao se estabelecer uma relação entre documento/monumento, Le Goff (1994) convida a desmistificar o documento como monumento, ocultando que há um processo de escolha do que é exposto para a sociedade, transmitindo a ideia de que tudo é apenas uma herança deixada pelo passado.

Enfim, a obra *História da Literatura Brasileira* ratifica a miscigenação como herança do passado e não como uma elaboração ideológica defendida por aqueles que ocuparam o poder no século XIX. Por assim pensar, caracteriza-se o documento como monumento, com um empenho meticuloso de decifrar e interpretar, conforme o contexto dos documentos, podendo-se chegar a desvendar a extensão do pensamento racial que se estratifica no pensamento social.

No entanto, no que se refere às fontes, é preciso desprender-se da ideia de que são “[...] como um campo fechado, restrito, ao tempo” (SANTOS, 2017, p. 15). É preciso analisá-las e não as conceber como algo parado, mas que possibilite uma perspectiva: uma realidade a ser desvelada ao compreender seus sentidos. Logo, o estudo a ser desenvolvido utiliza esta obra como fonte, não só para compreender um dado momento histórico, mas com intuito de analisar os discursos construídos no Brasil oitocentista, tendo como eixo condutor o contexto social da época. Portanto,

para que a análise seja feita nos discursos raciais presentes na *História da Literatura Brasileira*, é preciso questionar as afirmativas que o documento mostra, partindo da desconstrução e reconstruções argumentativas do modo de pensar a temática racial, e como esta é construída a partir da mobilização dos repertórios.

1.3 Produções sobre autor e suas obras

Para situar o autor e sua obra foi preciso fazer a leitura de algumas produções publicadas no formato de livros sobre o “pensamento romeriano” (COLARES; ADEODATO, 2011, p. 2), desde trabalhos biográficos até historiográficos, elencando os referidos trabalhos.

Quadro 1 – Livros Publicados sobre o pensamento de Sylvio Romero

Livros	
Autor	Obra
Artur Guimarães	Sylvio Romero de perfil (1915)
Sylvio Rabello	O Itinerário de Sílvio Romero (1967)
Antonio Candido	O método crítico de Sílvio Romero (1988)
Coletânea organizada pelo Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro (CDPB)	Sílvio Romero (1851/1914): biografia e estudos críticos (1999)
Maria Aparecida Rezende Mota	Sílvio Romero: dilemas e combates do Brasil da virada do século XX (2000)

Fonte: Elaborado pela autora a partir do levantamento bibliográfico.

Assim, para compreender a obra é preciso conhecer a trajetória do autor. Rabello (1967, p. 75) mostra que Sylvio Romero “[...] adotou quase meio século de atividade literária. É certo que a sua obra compreende todo amplo quadro de problemas de etnografia, de história de direito, de sociologia”. A produção de Sylvio Romero é caracterizada pelo cientificismo, o qual é evidenciado na obra *História da Literatura Brasileira*, que resume o pensamento em relação aos “problemas do Brasil – problemas de raça, de história, de política, de economia. E não, apenas literatura” (RABELLO, 1967, p. 81). Sylvio Romero apresenta em sua obra uma linguagem com abordagem voltada para as raças que ajudaram na formação do povo brasileiro, pois a “formação problema peculiar de ethnographia brazilica, base de todos os nossos trabalhos de crítica literária” (ROMÉRO, 1888, p. XXI).

Esta “marcha” evolutiva embasada na ciência outrora foi fruto de sua formação, as apropriações dessas leituras possibilitaram a imersão em um “[...]”

movimento intelectual [...] [que] não pode ser reduzido a uma simples importação de ideias a serem adaptadas a um contexto novo [...] que lhe forneceu as próprias balizas para a incorporação do repertório da política científica”. (ALONSO, 2002, p. 177).

Deste modo, o movimento intelectual da geração de 1870, do qual Sylvio Romero fez parte, gerou perspectivas de conjuntura política e desenvolveu outras formas de pensamentos. Esses repertórios não eram, portanto, apenas uma reprodução de teorias vindas da Europa, pois quando essas teorias evolucionistas chegavam ao Brasil elas ganhavam um novo entendimento original. Sendo assim, a forma como as ideias chegavam e como elas eram apropriadas e mobilizadas possibilitou este novo entendimento. Neste sentido:

A produção “intelectual” da geração de 1870 pode ser lida como expressão da crítica dos grupos sociais letrados e instituições às práticas os valores do *status quo* imperial. Suas obras não são idênticas, mas são estruturalmente assemelhadas. Tanto no sentido quanto em organização e estilo. (ALONSO, 2002, p. 178).

Com efeito, a constituição das obras, elaboradas por esses sujeitos, possuía elementos com características próprias. A formação de Sylvio Romero, enquanto estudante da Faculdade de Direito de Recife, também foi determinante para a sua atuação como professor, contribuindo em instituições de ensino. Segundo Nascimento (2003), a experiência de Sylvio Romero como professor foi alcançada no Colégio Pedro II, em 1882. Nesse momento, ele privilegiou: “[...] os estudos em educação a partir das questões de filosofia e do ensino secundário. [...] deste modo são importantes apreender como o autor pensou a educação através da sua atuação.” (NASCIMENTO, 2003, p. 2).

Ainda, Ana Maria de Oliveira Galvão e Eliane Marta Teixeira Lopes afirmam:

Sabemos que no século XIX, por exemplo, não havia uma distinção nítida entre os campos do conhecimento; homens públicos opinavam sobre assuntos diversos – incluindo a educação. Nesse sentido, ganham relevo hoje os estudos que discutem não apenas as ideias pedagógicas desses sujeitos, mas também os processos de formação intelectual, as redes de sociabilidade, as viagens formativas, o papel da imprensa e de outros veículos, as estratégias de legitimação etc. (GALVÃO; LOPES, 2010, p. 46).

Segundo essas autoras, os homens públicos transitavam nas mais diversas áreas e não estavam condicionados apenas a um único ambiente: a sua formação possibilitava esta transição e a sua aprendizagem não estava restrita às academias – mas em diversos ambientes da sociedade. Para melhor compreensão do desenvolvimento do sujeito se faz necessário pensar sua instrução acadêmica e como esta influenciou no processo de produção literária. Neste sentido, pode-se notar que o discurso racial de Sylvio Romero faz uma imersão e dialoga com teorias científicas evolucionistas, a exemplo do darwinismo. No entanto, percebe-se em Sylvio Romero a preocupação com o “atraso” no desenvolvimento do país, muito embora este retardo fosse por conta da escravidão, o processo de modernização poderia ocorrer com a vinda de colonos europeus que “[...] espalhem-se e misturem-se às populações nacionais. Não vemos motivos para não aceitarem este systema” (ROMÉRO, 1888, v. 1, p. XXIV). Desta forma, o autor mostra que os aspectos civilizatórios apenas teriam início com o processo de branqueamento da população brasileira, uma clara aplicação da lei do darwinismo.

Em um consenso tácito, ao falar da composição do discurso racial de Sylvio Romero, Antonio Candido esclarece:

O que será, então, a crítica fundamentada nestes princípios – meio, raça, cultura? O seu primeiro efeito é destruir o critério estético e valorativo vigente até então. A consequência próxima é tomar como critério de valor literário o caráter representativo do escritor, a sua função no processo de desenvolvimento cultural (CANDIDO, 1998, p. 52).

O discurso de Sylvio Romero é carregado de características que mostram elementos das teorias científicas e uma concepção literária voltada para o social como miscigenação, racismo, a escravidão enquanto problema que impede a modernização, além do ponto de vista econômico. A partir de tais elementos, o texto evidencia algumas características de Sylvio Romero com traços de uma personalidade polêmica.

No entanto, Flory (1997) afirma que “[...] a obra literária é vista em inter-relação com a realidade histórico-cultural do autor e do leitor” (1997, p. 20), a construção textual é feita a partir de elementos vindos de outros textos e da relação do contexto histórico, pois a apropriação que o “eu” leitor faz é necessária para constituição da linguagem textual. Assim, ao observar as leituras que Sylvio Romero

fez de Spencer, dentre outros, auxiliou na composição da ação textual demonstrada em *História da Literatura Brasileira*. Desta forma, houve a “[...] a necessidade de se elaborar uma nova história da literatura, baseada nas reconstruções da obra pelos leitores e na sua recepção em épocas diversas” (FLORY, 1997, p. 20), pois a literatura é produzida por meio de elementos de natureza social, incorporando uma linguagem dialógica entre o momento social, a teoria científica vigente e a recepção do leitor.

Durante o processo de levantamento de dados deste estudo, realizou-se uma pesquisa no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) referente a teses e dissertações que têm como objeto de pesquisa alguma obra ou o próprio Sylvio Romero. Fazendo a seleção de alguns trabalhos entre os anos de 1990 e 2017⁷, foram encontradas 18 dissertações de mestrado e dez teses de doutorado que dialogam com o objeto de pesquisa. Esse levantamento bibliográfico revelou a importância de utilizar as produções de Sylvio Romero enquanto objetos e fontes em nossas pesquisas.

Os trabalhos selecionados são de várias áreas do conhecimento, desde a Antropologia, a História, a Sociologia e a Educação, com temáticas de estudos peculiares. Partindo da necessidade de utilizar bibliografia específica sobre Sylvio Romero, fez-se necessário esse levantamento. Deste quantitativo de obras, o maior número dos trabalhos corresponde a dissertações. A região em que as pesquisas ficaram bem mais centralizadas foi a Sudeste, sendo que do quantitativo de trabalhos pesquisados o maior número está centralizado na área de História. Foram excluídos os trabalhos que não estavam disponíveis na Plataforma, entretanto em um levantamento preliminar ficou explícito que esses trabalhos tratam das mesmas temáticas dos disponíveis.

Vale ressaltar que tanto Sylvio Romero como suas obras são trabalhadas para a construção do objeto científico (com as visões variadas do campo de pesquisa), sendo importante situar alguns trabalhos que tomam as obras de Sylvio Romero como fonte no campo da História da Educação. A pesquisadora Cristiane Vitória de Souza, em sua dissertação de mestrado, intitulada *As leituras pedagógicas de Sílvia Romero*, apresentada na Universidade Federal de Sergipe (UFS) em 2006, teve o objetivo de analisar tais leituras empreendidas por Sylvio

⁷ O ano foi recortado em consequência do crescimento da Pós-Graduação no Brasil.

Romero. A autora traça um perfil da biblioteca pedagógica, tentando compreender como o autor se apropriou das leituras de Herbert Spencer, Edmond Demolins, Paul de Rousiers, Henri de Tourville e Vacher⁸. A pesquisadora utilizou como fonte a biblioteca pedagógica de Sílvio Romero, as suas notas de leitura, as obras por ele escritas, as cartas enviadas, a literatura da época e a literatura sobre a época. Segundo a referida autora, com as habilidades adquiridas no ensino formal e informal, Sylvio Romero “[...] tornou-se um leitor crítico das letras nacionais e estrangeiras e apropriou-se dos livros analisados de modo ativo, apropriando-se das representações que lhe permitiam pensar a educação brasileira e rejeitando as demais” (SOUZA, 2006, p. 13). A leitura do texto possibilitou a compreensão da relação entre obra e público, tendo em vista as apropriações instituídas no percurso da leitura, culminando no processo pedagógico de aprendizagem por meio da recepção do conteúdo.

Elencou-se outra produção, a do pesquisador Cícero João da Costa Filho, em sua tese de doutorado, intitulada *No limiar das raças: Sílvio Romero (1870-1914)*, defendida em 2013 na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). O pesquisador elegeu como objetivo analisar e interpretar a literatura brasileira do escritor ligada ao campo explicativo de raças em um momento de redefinição do Brasil “passado” para um novo Brasil almejado pelas elites econômicas, políticas e intelectuais. Costa Filho dialoga com as questões raciais utilizando autores que abordam o determinismo racial e o evolucionismo. Conclui-se que “[...] a nação brasileira seria pensada tendo por modelo um organismo vivo e a questão racial e cultural seria uma das variantes para compreender o novo Brasil republicano e liberal que estava surgindo” (COSTA FILHO, 2013, p. 10).

⁸ Spencer (1820-1903) foi um “filósofo inglês conhecido por sua teoria da evolução” (JAPIASSÚ; MARCONDES, p. 258).

Edmond Demolins (1852-1907) “nasceu em Marselha, na França. Fez os primeiros estudos na terra natal. Estudou o secundário no *Collège Jésuite des Mongré*. Formou-se em *História* na *École de Chartres*.” (SOUZA, 2006, p. 130).

Paul de Rousiers, membro da Escola de Ciência Social [...] tinha a concepção de uma ciência social que deve servir à intervenção” (SOUZA, 2006, p. 24-123).

Henri de Tourville (1842-1903), sociólogo francês, era filho de um eminente advogado que pertencia à antiga aristocracia. (GALE, 2008, n. p).

Georges Vacher de Lapouge (1854-1936) “nasceu na França. Estudou na *École d’ Anthropologie de Paris*. Foi bibliotecário da *Faculté de Science de Montpellier*. Nesta mesma instituição ministrou um curso livre de *Ciência Política*”. (SOUZA, 2006, p. 160).

Visto que ficou perceptível o intuito de Sylvio Roméro em integrar caminhos e concepções diferenciadas acerca do pensamento de sua época, observa-se que uma das características do autor é o uso denso das palavras no desenvolvimento de suas críticas. Muito embora “[...] a paixão pelo Brasil não deixa de ser um instrumento por demais relevante na compreensão da contribuição literária dos escritores avaliados por Sílvio, pois sabemos que é dela que surgem as reprovações aos vários escritores com suas respectivas obras” (COSTA FILHO, 2013, p. 47).

Acredita-se que o estudo de sua obra se torna ainda mais relevante quando é composto a Sylvio Roméro, um autor sergipano:

Juntamente com o escritor sergipano e mulato Tobias Barreto (possivelmente uma das mais importantes referências para Sílvio), Romero fundou em torno da Faculdade de Direito do Recife, a *Escola do Recife*, rivalizando com os grupos e as panelas literárias cariocas. Defendeu arduamente a cultura de sua província, o *Parnaso Sergipano*, vendo nela originalidade em detrimento da macaqueação dos francesismos que chegavam da Corte. Nada de imitação de ideias e de costumes, clamava Sílvio, tudo por um Brasil real, sem ilusão, sem a mania de passar por aquilo que não somos. Guerreou políticos e escritores que se preocupavam, segundo ele, apenas com a vaidade, esquecendo-se do país, o *Brasil Social* é que merecia todas as atenções (COSTA FILHO, 2013, p. 16, grifo do autor).

Tal comentário discorre sobre o posicionamento de Sylvio Roméro a partir das ideologias que circulavam naquele momento – apropriadas das ideias europeias, que chegavam ao Brasil vindas da Corte –, o autor privilegiava traços dos costumes brasileiros, militando contra as apropriações da literatura europeia. Partindo dos elementos elencados por Costa Filho, pode-se identificar como o conceito de raça estava atrelado ao princípio de modernidade voltado sobretudo ao fator biológico, desta forma o autor possibilitou uma reflexão sobre a aplicação dos discursos desenvolvimentistas e como esses problemas deveriam ser solucionados.

Ainda, sobre a utilização das obras de Sylvio Roméro, traz-se o pesquisador Jorge Carvalho do Nascimento em sua produção intitulada *A pedagogia de Sílvio Romero e suas notas de leitura*, do ano de 2006. O autor traçou como objetivo analisar o projeto pedagógico de Sylvio Roméro a partir das discussões e dos textos sobre a política educacional – o qual ele produziu diretamente e que pode ser encontrado nas notas de leituras e marginais encontradas nos livros da sua biblioteca. O autor faz a seguinte conclusão: “Romero lutava contra o que dizia ser a mentalidade reacionária e retrógrada do ensino brasileiro” (NASCIMENTO, 2006, p.

1). As notas das marginais deixadas por Sylvio Romero em sua biblioteca particular revelam o processo de sistematização do autor com relação ao conteúdo lido e como estas reverberam na constituição de sua obra.

Por fim, o Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos, em seu artigo intitulado *Pendengas e querelas na intelligentsia brasileira: Romero versus Bomfim*, publicado na *Revista do IHGSE* em 2014, traça uma das características de Sylvio Romero, a polêmica: “[...] a partir de sua divergência com outro sergipano não menos importante no cenário nacional: o médico Manoel Bomfim. Uma boa oportunidade para visitar aquele momento singular da cultura nacional” (SANTOS, 2014, p. 384). Os embates vão além de uma mera discussão pedagógica, de uma mera discussão técnica, neles estavam contidas ideias sobre o desenvolvimento da nação. O jurista dialogou com poucas pessoas, porém brigou muito e criou um clima de tensão que repercutiu em sua visibilidade.

Assim, o pensamento crítico de Sylvio Romero é construído segundo as características de sua época e de acordo com as leituras teóricas apreciadas pelo autor. “Analisar a contribuição de Sílvio como historiador literário é adentrar as mais variadas áreas que integravam tal concepção” (COSTA FILHO, 2013, p. 46). Neste sentido, ao atentar-se à linguagem de Sylvio Romero na *História da Literatura Brasileira* é preciso entender como estava embasada a manifestação literária da época.

Ricardo Sequeira Bechelli (2009) afirma:

Sílvio Romero, ao expor a cultura popular, termina com um pessimismo em relação a seu presente e com uma esperança no futuro, posto que com a miscigenação, a população negra e índia iriam desaparecer completamente. Dentro de seu pensamento de construção de um novo país branco, ele imaginava este Brasil mais coeso racial e culturalmente, mesmo que para isso fosse necessário eliminar a sua população “inferior”, através da miscigenação. (BEHELLI, 2009, p. 96).

Segundo o autor, não bastava apenas ter interesse pela cultura popular, Sylvio Romero queria entendê-la “[...] em sua magnitude, de uma forma ‘científica’, no sentido de compreender a cultura, os hábitos e a vida do povo brasileiro.” (BEHELLI, 2009, p. 96). Era preciso conhecer uma nação que não estava evidente, cuja cultura era transmitida pela oralidade. Desta forma, seria possível conhecer um país ainda não revelado e uma cultura que fundamentasse o que ele concebia por

nação. “Em suma, era compreender os hábitos culturais do povo brasileiro, hábitos estes que nos dariam os fundamentos da nação e, portanto, a identidade ao país”. (BECELLI, 2009, p. 96).

Em seu livro, Sylvio Romero expõe o Brasil como um povo atrasado e sem desenvolvimento algum, atribuindo este atraso à miscigenação. Apesar de não negar que a miscigenação compõe a população brasileira, ele acreditava que era necessário civilizar a população por meio do processo de branqueamento – já que as teorias estrangeiras defendiam superioridade genética relativa às outras raças.

Considerando o que foi exposto, este trabalho é dividido na seguinte estrutura: na segunda seção, intitulada “As nossas letras”: processo de construção de um discurso, analisa-se os aspectos textuais e materiais da obra enquanto objeto de discurso racial. Nessa seção pretendeu-se descrever e analisar como Sylvio Romero formula seu discurso expressando na obra suas condições de produção. Quais foram essas condições? O tempo que o autor levou para publicar, a escolha do papel, a letra serifa, a editoração do texto e o material da capa são elementos deste contexto de produção. Além de mostrar como as editoras tiveram seu papel na divulgação das ideias impressas na obra e como os direitos autorais se tornavam uma espécie de limitação para o autor, pois este não poderia escrever outro livro com a mesma temática sem a aprovação da casa editorial.

Na terceira seção, intitulada “Energias das raças”: a “marcha evolutiva” x a cor, objetivou-se identificar e interpretar: como o autor se apropria das teorias científicas para expor as manifestações raciais; apropriações e repertórios que foram feitos como as críticas que recebeu durante o processo de produção e que serviram como fator para mobilização da construção da obra; como as apropriações de obras da escola de ciência social com as teorias evolucionistas foram elementos importantes na construção do discurso de Sylvio Romero; e como o referido historiador literário traça na obra um perfil historiográfico da literatura.

2 “AS NOSSAS LETRAS”⁹: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM DISCURSO

Esta seção tem como objetivo analisar aspectos textuais e materiais da obra *História da Literatura Brasileira* enquanto objeto de discurso racial, não o aspecto semântico da linguagem de todo o texto, mas os aspectos discursivos postos na materialidade de toda a obra. Para alcançar tal objetivo dividiu-se a seção em três momentos. No primeiro, apresenta-se “O livro: a casa editorial, o estilo e a crítica”, destacando a importância do livro como objeto não só com valor comercial, mas um dispositivo que materializa o discurso do autor promovendo a divulgação deste e o papel da Editora Garnier como espaço de difusão da literatura no Brasil; no segundo, intitulado “Em via de formação: Organização da obra História da Literatura Brasileira, mostra a obra organizada cronologicamente pelo autor como uma literatura nacional; e no terceiro momento, “Heranças teóricas: a adaptação de doutrinas e escolas europeas ao nosso meio social”, destaca-se como as teorias estrangeiras estavam presentes no repertório de Sylvio Romero. Foram tomadas como fontes para análise dessa seção *A Revista Pedagógica* (1892), o jornal *o Diário do Rio de Janeiro*, *Revista Brasileira* tomo VII, programa de ensino da disciplina História da Literatura nacional dos anos 1892-1899 do Colégio Pedro II e a obra *História da Literatura Brasileira*.

Diante disso, os aspectos materiais da obra tomados para análise não se limitam aos elementos físicos, como o exemplo do papel, mas principalmente aos elementos históricos de seu tempo de produção, revelando o contexto histórico, as influências e os acontecimentos que transitavam no momento de produção do texto e o pensamento de uma época, neste caso em particular, o pensamento racial vigente no século XIX. Assim, a obra traz em seu conteúdo elementos de mobilização de um repertório racial caracterizados pela naturalização de expressões atreladas à raça.

Talvez por isso não baste apenas explorar a obra, o autor e a construção estilística do texto, é necessário ir além, uma vez que no processo criativo existe a interferência do meio durante o processo de composição textual. As características raciais, além de serem expressas nos aspectos físicos, também eram manifestadas

⁹ Os títulos foram adaptados da obra *História da Literatura Brasileira*, bem como algumas expressões utilizadas no decorrer do texto.

na constituição da língua como ferramenta utilizada para solidificar o pensamento racial. Deste modo, os elementos linguísticos provocavam transformações consideráveis no modo como o público aceitava a obra e a forma como o autor mobilizava o seu discurso. Torna-se, assim, um objeto público, facilitando sua circulação. Assim, utilizar-se-á o conceito de livro de Chartier (2002) para entender este impresso como um dispositivo diferente de outros, compreendendo-o como um objeto material com características físicas e estéticas como encadernação, capa, folha de rosto, etc. Elementos esses tornam o livro diferente dos demais impressos, de tal modo a harmonia estética e totalidade do conteúdo derivam da finalidade almejada pelo seu autor.

Partindo desses aspectos, pode-se verificar que existem adequações nos discursos instaurados nas mais variantes épocas – e isso não seria diferente em *História da Literatura Brasileira*. Mesmo que Sylvio Romero tivesse reformulado seu pensamento acerca das teorias vigentes na época, sabe-se que os “discursos são providos da função ‘autor’, ao passo que outros são dela desprovidos” (FOUCAULT, 1992, p. 46). Neste sentido, as obras são carregadas de discursos formulados a partir da linguagem que circulava, e os livros funcionavam como ferramentas mobilizadoras desses repertórios.

A linguagem expressa na obra com características raciais é o resultado de seu tempo e das teorias que circulavam no momento. Neste sentido, o livro enquanto objeto material é o resultado dos discursos vigentes, que podem corresponder também à história da literatura. Segundo Souza (1999), a obra em questão foi utilizada como livro para consulta na disciplina História da literatura nacional em 1892, a qual substituía as matérias Retórica e poética e Literatura nacional no Colégio Pedro II, tendo o seu último ano de oferta em 1891. Estas disciplinas tinham propostas baseadas em conceitos contemplativos e não era considerada a historicidade da obra de arte.

Diante disso, o livro de Sylvio Romero sobre os estudos historiográficos literários e em seu processo de escrita faz algumas colocações nas quais mostra o papel do historiador da literatura. Assim, ao analisar os aspectos textuais e materiais da obra enquanto objeto de discurso racial, proporciona-nos a compreensão e a mobilização dessas teorias no impresso. Desta forma, questiona-se: Como Sylvio Romero faz uso da literatura como espaço de manifestações raciais?

2.1 O livro: A casa editorial, o estilo e a crítica

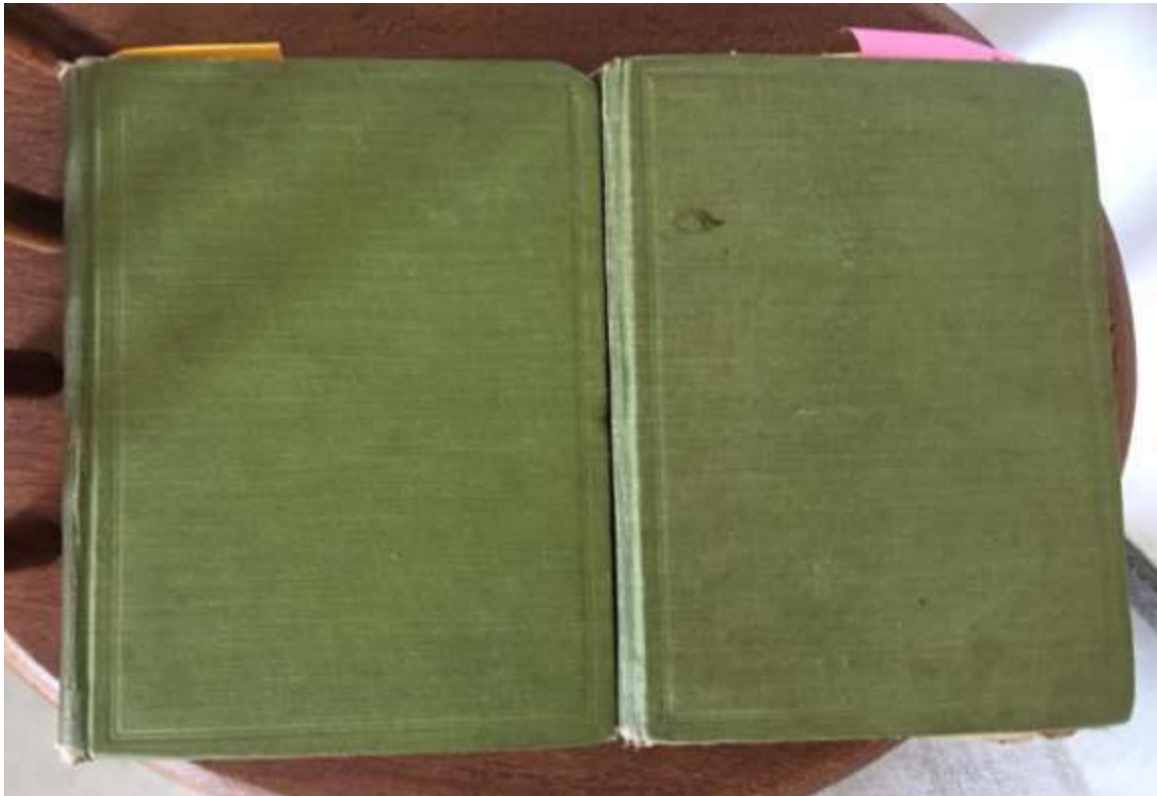
Eis aqui o livro, Tomo I e II!

Figura 2 – Dorso da encadernação Tomo I e II



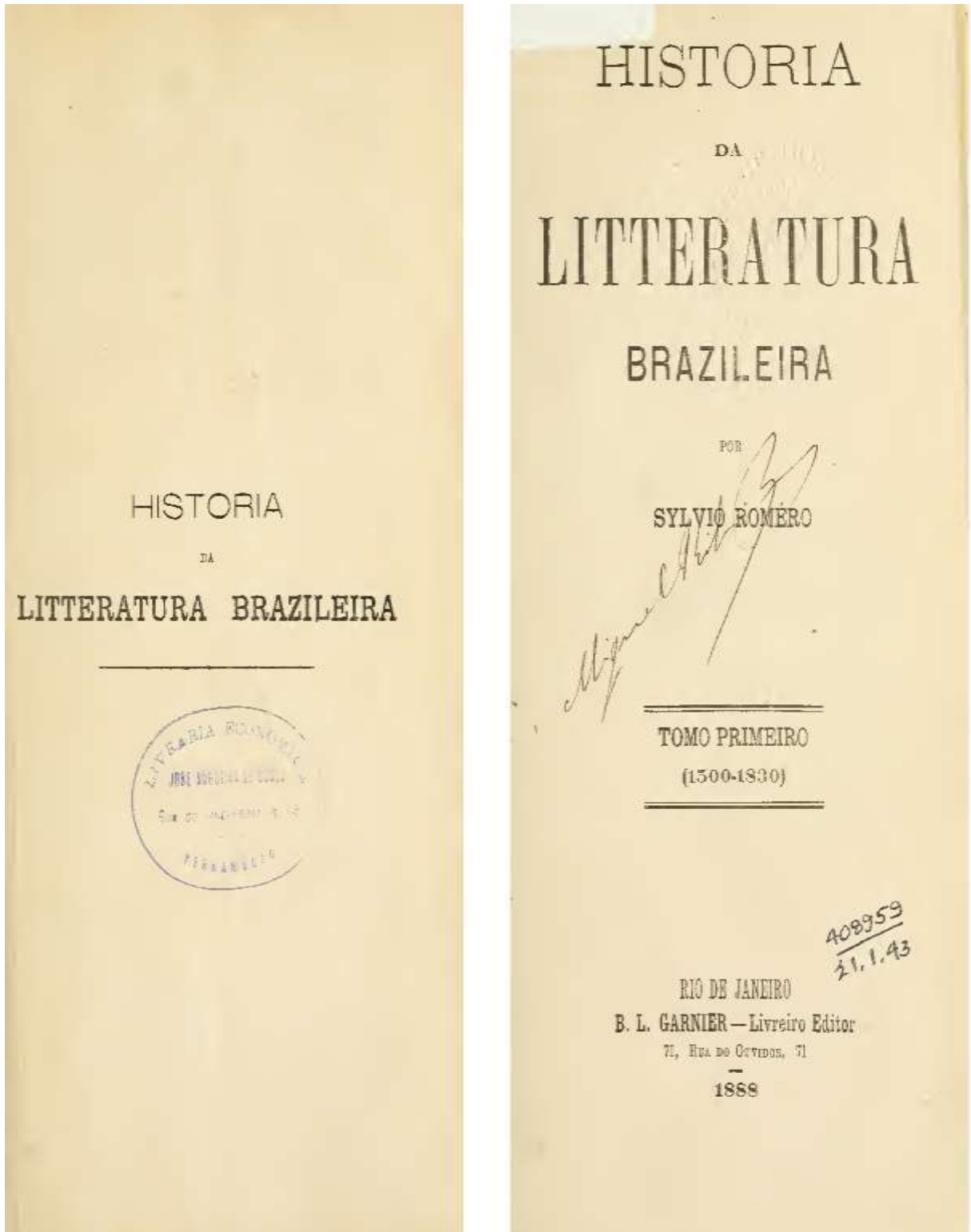
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 3 – Capa da encadernação Tomo I e II



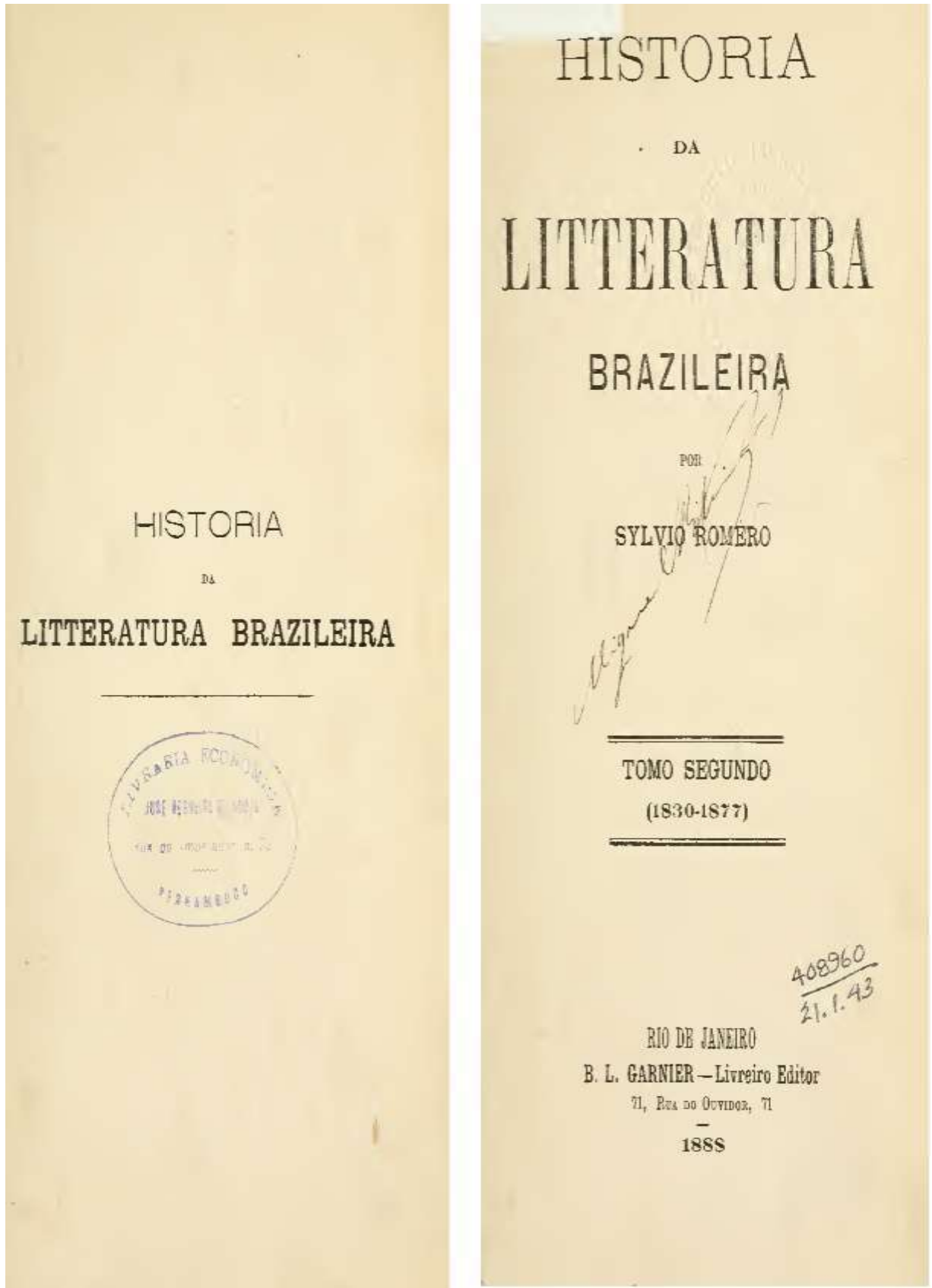
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 4 – Capa e contracapa do tomo primeiro



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 5 – Capa e contracapa do tomo segundo



Fonte: Acervo pessoal.

Ao apresentar o livro é preciso também refletir sobre algumas indagações pertinentes ao seu criador. Quem escreveu? Quem teria esta autoridade de autoria? Por que escreveu? Sendo o autor um intelectual, qual seria o seu propósito? A obra escrita por Sylvio Roméro, um intelectual sergipano e crítico literário, nomeava-se como autoridade da crítica literária e entendedor de historiografia da literatura, trazendo notoriedade para a escrita de uma literatura nacionalista.

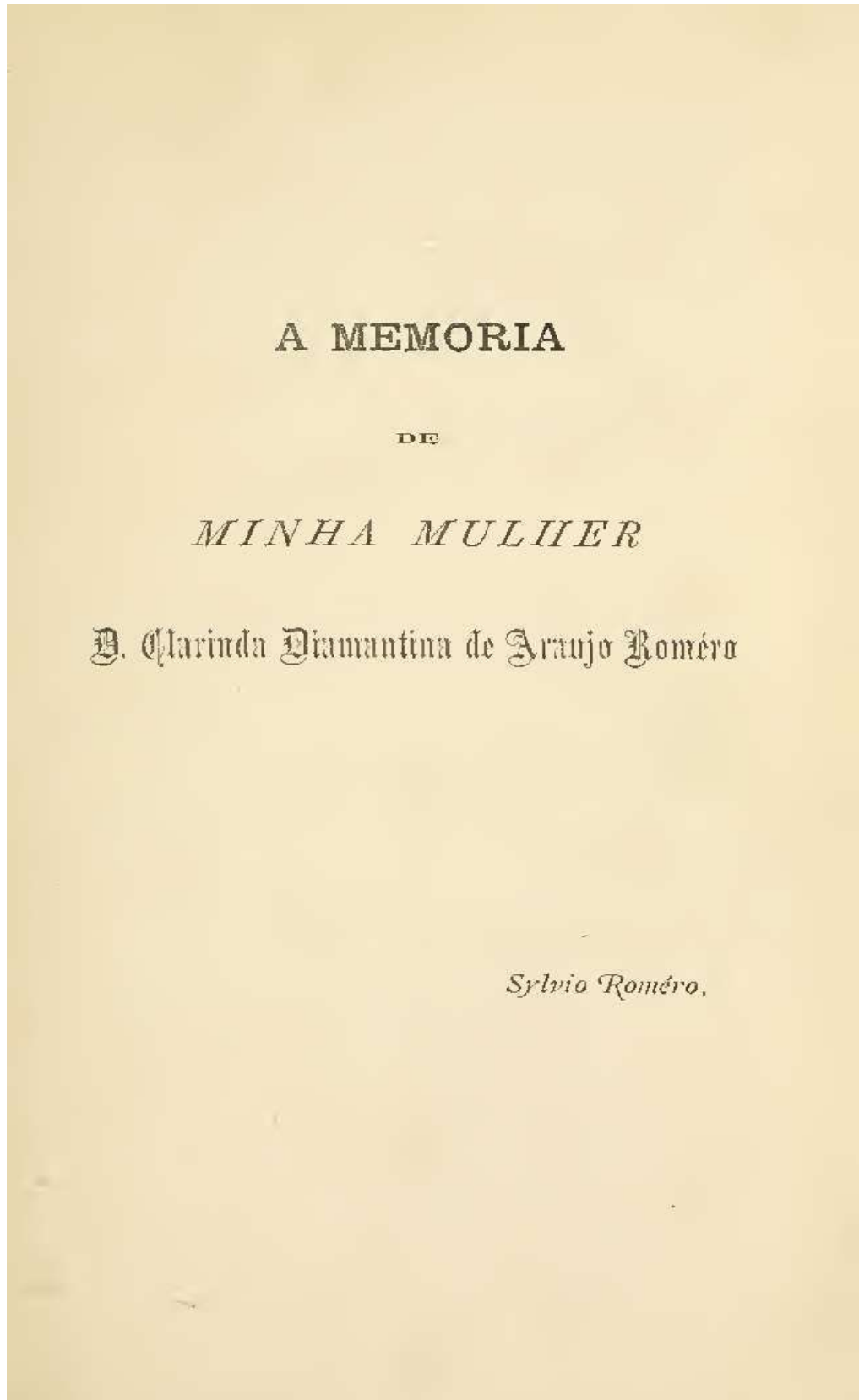
Partindo destas perguntas, falar-se-á dos elementos que compõem o livro como capa, grafia, papel e conteúdo, pois são eles que atraem o leitor no processo de compra. Os elementos estéticos devem ser harmoniosos. Desta forma, observa-se como as fontes das capas foram grafadas em caixa alta, em negrito e com fonte itálica com os mais variados tamanhos. As capas e as contracapas do primeiro tomo, bem como as do segundo, possuem a mesma estética tipográfica, definindo um padrão estético nos dois tomos. A página da capa e o título estão centralizados, as letras possuem formatos e tamanhos diferentes, apenas *História da Literatura* está grafada em tamanho maior e em negrito para ficar em destaque. Na contracapa, a fonte centralizada, com dois traços que identificam o número do tomo e, logo abaixo, a identificação da cidade de impressão, a editora e o ano com fonte em negrito estão grafados em tamanho menor que o título. Ambas as capas dos tomos possuem carimbos da livraria de venda e com as assinaturas do proprietário.

Assim, as capas dos livros também revelam muito sobre os elementos de impressão das casas editoriais. Deste modo, “[...] o que está em questão não é somente a circulação da energia social, mas também a inscrição da vitalidade textual” (CHARTIER, 2002, p. 63). Na primeira edição da *História da Literatura Brasileira*¹⁰, de Sylvio Roméro, publicada inicialmente em 1888, observa-se, primeiramente, que o autor contextualiza a história da literatura e que segue afirmando como esta deve ser feita. A encadernação em capa dura na cor verde, folha de rosto em branco, na contracapa do título da obra e no seu verso contam algumas informações sobre cursos acerca da literatura nacional, contendo ainda os valores com as medições de 13 cm x 21 cm. Trazem as seguintes informações: o nome do livreiro e do editor “B.L Garnier— Livreiro e editor”, a localidade de publicação (o endereço) “Rua do Ouvidor nº 71, Rio de Janeiro”, e os elementos

¹⁰ A cópia deste exemplar foi adquirida na página <https://archive.org/>, site que possui uma variedade muito grande de arquivos de obras de diversos autores. É uma organização sem fins lucrativos, fundada no ano de 1996 e localizada em São Francisco, Califórnia.

tipográficos (as letras). Na página seguinte, uma lista de nomes de obras de Sylvio Romero está dividida em ordem cronológica.

Figura 6 – Página reservada à dedicatória à esposa do autor



Fonte: Acervo pessoal.

Antes da introdução do conteúdo do livro, o autor fez uma dedicatória à sua esposa, D. Clarinda Diamantina de Araujo Roméro, apresentando nesse momento o único elemento gráfico em fonte gótica. Com relação aos suportes e à existência do livro, Mesquita (2015) afirma que:

[...] os dispositivos que materializam um escrito garantem a significação que não pode ser dissociada das modalidades materiais que o dão a ler seus leitores [...] as formas e os suportes dão vida e existência ao escrito. Isto é, convida-nos a estar atentos para os dispositivos que dão materialidade ao documento (MESQUITA, 2015, p. 77).

Os elementos pré e pós textuais são um dos suportes para constituição do livro enquanto objeto material. Assim, o que fica destacado é que os dispositivos possuem uma intencionalidade – seja do autor em relação ao significado interpretativo e as estratégias da composição de sua escrita ou ao editor no que se refere à estética tipográfica. Partindo da reflexão escrita, se faz necessário pensar o sentido da apresentação do índice que nesta obra vem no final de todo conteúdo do primeiro tomo. Deste modo, para ilustrar como Sylvio Roméro dividiu o conteúdo de seu livro, mostra-se aqui uma imagem do referido índice. O autor segue uma ordem cronológica de exposição do conteúdo.

Figura 7 – Os conteúdos-Índice dos livros I e II

<h1>INDICE</h1>	
<hr style="width: 20%; margin: auto;"/>	
<h2>LIVRO I.</h2>	
Factores da Litteratura Brasileira.	
	PAGS.
Capitulo I.—Trabalhos estrangeiros e nacionaes sobre a litteratura brasileira. Espirito geral d'este livro.....	3
Capitulo II.—Theorias da historia do Brazil.....	15
Capitulo III.—A philosophia da historia de Buckle e o atrazo do povo brasileiro.....	27
Capitulo IV.—O meio. Physiologia do brasileiro.....	51
Capitulo V.—A nação brasileira como grupo ethnographico e producto historico.....	63
Capitulo VI.—Raças que constituiram o povo brasileiro — O mestigo.....	71
Capitulo VII.—Tradições populares. Cantos e Contos anonymos. Alterações da lingua portugueza no Brazil.....	93
Capitulo VIII.—Relações economicas. As instituições politicas e sociaes da colonia e do Imperio.....	113
Capitulo IX.—Psychologia nacional. Prejuizos de educação e politicos. Imitação do estrangeiro.....	123
 <h2>LIVRO II.</h2> 	
Primeira epoca, ou periodo de formação (1500-1750).	
Capitulo I.—Estado do paiz. Poetas e chronistas do seculo XVI.	141
Capitulo II.—Escola bahiana. Chronistas, oradores e poetas do seculo XVII.....	163
Capitulo III.—Poetas e escriptores da primeira metade do seculo XVIII.....	197

Fonte: Acervo pessoal.

Figura 8 – Continuação índice livro III

682	HISTORIA	
	LIVRO III.	
	Segunda epoca, ou periodo de desenvolvi- mento autonomico (1750-1830).	
	Capitulo I.—Escola mineira: poesia epica.....	211
	Capitulo II.—Escola mineira: poesia comico-satyrica.....	239
	Capitulo III.—Escola mineira: poesia lyrica.....	259
	Capitulo IV.—Oradores sagrados: poesia religiosa e patriotica.	313
	Capitulo V.—Bellas-Artes.....	367
	Capitulo VI.—Sciencias naturaes.....	375
	Capitulo VII.—Ultimos Poetas classicos.....	417
	Capitulo VIII.—Poetas de transição entre classicos e roman- ticos.....	435
	Capitulo IX.—Historiadores.....	535
	Capitulo X.—Economistas, Jurisconsultos, Publicistas, Ora- dores, Linguistas, Moralistas, Biographo , Theologos e Litteratos.....	605

Fonte: Acervo pessoal.

O livro como um suporte é um dispositivo de mediação composto por elementos físicos e materiais com um único propósito: transmissão de informação de uma mensagem. Muito embora este tenha um formato diferente de outros impressos com características de seu tempo de produção, sua composição depende da produção intelectual do autor na formulação de um discurso que é materializado por meio do processo de escrita e de publicação. A composição de um livro vai além da junção de tinta e papel, ou seja, são fatores que vão além do material impresso, como a revisão que também compõe o processo de materialização. Partindo dessas indagações, trazemos uma definição de livro conforme Chartier (2002), que elucida:

A definição do livro, isto é, ao mesmo tempo um objeto material e uma obra intelectual ou estética identificada pelo nome de seu autor, como para a percepção da cultura escrita e impressa que se baseia em diferenças imediatamente visíveis entre os objetos (cartas, documentos, diários, livros etc.). (CHARTIER, 2002, p. 22).

Partindo dessa definição, é preciso entender o livro como objeto que sofreu várias mutações advindas da modernização do processo de produção, ou seja, entender esse impresso nas suas variadas épocas, sua relação como produto. Desta forma, se faz necessário perceber o que vem a ser um livro. Parte-se, então, do que diz Chartier (2002), “[...] a definição de ‘livro’ tal qual compreendemos, é tanto um objeto específico diferente de outros suportes do escrito, como uma obra cuja coerência e completude resultam de uma intenção intelectual ou estética.” (2002, p. 110). Entende-se este como um impresso diferente de outros, sua materialização depende da construção e da mobilização dos recursos intelectuais do autor e do público que este pretende atingir, pois quem escreve possui uma intencionalidade não só de atingir um público, mas como propósito de visibilidade por meio da ação da escrita legitimada com as publicações.

Destaca-se que o livro *História da Literatura Brasileira* aqui analisado foi utilizado pelo professor como “livro de consulta”, a fim de retirar dele os temas das lições. Desta forma, pode-se identificar por intermédio da análise do programa da disciplina História da Literatura Nacional que o referido livro era utilizado como suporte do professor e não para o aluno, no qual o professor elaborava suas aulas partir do programa de ensino, indo até o livro para assimilar o conteúdo, e, em seguida, elaborar atividades de ensino. Para ilustrar tal afirmação apresenta-se dois

quadros, um com os livros adotados entre os anos 1892-1898 e outro para exemplificar a disposição de disciplinas de Literatura por série.

Quadro 2 – Livros adotados pelo Colégio Pedro II

Ano de adoção	Livros	Autor
1892/1893	<i>História da Literatura Brasileira</i>	Sylvio Roméro
1895/1896/1897	<i>História da Literatura Brasileira;</i> <i>Curso de História da Literatura Portuguesa</i>	Sylvio Roméro Teófilo Braga
1898	Literatura Antiga e medieval; <i>[Resumo de] história literária;</i> <i>História da Literatura Brasileira;</i> <i>Curso de História da Literatura Portuguesa</i>	Adolfo Coelho Cônego Dr. J.C Fernandes Pinheiro Sylvio Roméro Teófilo Braga

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Souza (2007).

Quadro 3 – Disposição da disciplina por série

Ano/ Série	5º ano	6º ano	7º ano
1892/1893/1895		História da Literatura Nacional	
1896/1897	Não tinha no programa	Não tinha no Programa	História da Literatura Nacional
1898	Não tinha no programa	Não tinha no programa	História d Literatura Nacional
1899/1990	Não tinha no programa	História da Literatura Nacional	Não tinha no Program

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Souza (2007b).

Observando esses quadros, nota-se que a partir de 1892 o ensino de literatura estava centralizado nos programas das séries do sexto e sétimo ano, dando ênfase à institucionalização da literatura brasileira e não mais a uma literatura portuguesa, conforme são apresentados no quadro a partir da disposição por série e disciplina. Durante os anos de 1892 a 1898, os programas de ensino da disciplina História da Literatura Nacional evidenciam que este livro fora a base de apoio na consulta de conteúdo. Segundo o autor, “[...] conserva-se a posição de destaque e autonomia conquistada pela literatura brasileira no sistema escolar” (SOUZA, 2007b, p. 21). Mesmo não sendo um livro pensado para o ensino, o fato de o autor ser um crítico literário conhecedor da cultura popular e da literatura possibilitou que este

fosse adotado para tal, era nesse livro que o professor acessava os conteúdos para produção de suas aulas. Souza (1999) afirma:

Enquanto os compêndios de retórica-poética se submetiam desse modo ao sistema de ensino, outra foi a situação das histórias literárias. Verifique-se o caso do livro de Sílvio Romero: publicado em 1888, **não se destina em princípio ao ensino, mas será adotado como vimos em 1892, permanecendo nessa condição até 1898**; correlativamente a essa circunstância não se prende aos programas em vigor, parecendo, ao contrário, de ter determinadas mudanças neles, já que se observa, nos conteúdos programáticos, estabelecidos para 1892, a presença do influxo romeriano. Em alguns itens (por exemplo, nos de número 7 – “fatores da literatura brasileira: o meio, o povo, as raças; tradições; usos e costumes” – 1 e 13—“ a poesia popular”). (SOUZA, 1999, p. 43, grifo nosso).

Embora a intenção de escrita no processo de produção do livro não o encaixasse como manual de ensino, pois não possuía nenhum exercício ou imagem ilustrativa, observa-se que o programa de ensino foi adaptado para que o livro fosse utilizado e as lições fossem extraídas ou elaboradas a partir dele. Durante a análise do programa de ensino do Colégio Pedro II, pode-se observar que temas abordados pelo autor eram utilizados na escrita do programa de ensino. Observa-se ainda o parecer dado ao recurso feito por Sylvio Roméro para solicitar uma premiação devido à utilização de seu livro no referido estabelecimento de ensino.

Vieira relata o seguinte parecer:

Lido o parecer do Sr. reitor do 1º Externato do Ginmnsio Nacional sobre o requerimento do bacharel Sylvio Roméro pede um premio pela adopção de seu livro –Historia da Litteratura Brasileira- par uso dos alumnnos do mesmo Gymnsio, por maioria dos votos foi de parecer o Conselho que, não obstante os meritos literários do autor e do referido livro, **não sendo obra didactica**, não está nas condições de obter o premio de que tratam os Regulamentos em vigor. (VIEIRA, 1890, p. 305, grifo nosso).

O livro não é uma obra didática, pois não possui as características exigidas para enquadrar-se como tal. Assim, para Oliveira (2013, p. 79), “[...] livro escolar é um dispositivo constituído pelos conhecimentos selecionados para serem transmitidos à comunidade escolar”. O autor supracitado elenca alguns elementos que compõem uma obra didática como “[...] *suporte de conhecimentos escolares, suporte de métodos pedagógicos, veículo de um sistema de valores*” (OLIVEIRA, 2013, p. 80, grifo do autor). Desta forma, existe uma seletividade na elaboração do

conteúdo e dentro das características elencadas pelo autor fica perceptível na primeira característica durante a natureza da sua elaboração existe a interferência do Estado na aprovação do conteúdo. Na segunda, o caráter metodológico na constituição da disciplina é o que diferencia o conhecimento escolar. Na terceira, valores ideológicos da época e as dimensões técnicas devem ser os fatores necessários em sua formulação, esses valores são representados no conteúdo, nos exercícios bem como nas ilustrações.

Partindo dos elementos que foram citados por Oliveira (2013), a obra *História da Literatura Brasileira* não os possui nenhuma referência tradicional à forma de transmissão de conhecimento, não contém nenhuma imagem ilustrativa, as margens do livro não dão espaço para fazer anotações e a fonte possui um tamanho pequeno. No entanto, como o Colégio Pedro II servia de modelo curricular padrão para outras instituições de ensino do país, assim supõe-se que esta obra tenha sido adotada por outras instituições de ensino, mesmo não apresentando características de um material didático. Entretanto, a utilização de temas destacados na obra lhe dá um caráter de notoriedade para o autor na concepção de uma historiografia da literatura de cunho nacionalista.

Por sua vez, ao despir a obra desvela-se o seu tempo de produção, sendo necessário logo de início falar a respeito da sua edição. De acordo com Silva (2012), “[...] a edição é o conjunto de operações e passos prévios à publicação de qualquer obra” (SILVA, 2012, p. 136), mas também alude aos exemplares de uma publicação, bem como ao grupo de exemplares publicados por uma editora. As alterações gráficas, textual e no suporte constituem uma nova edição; já a matriz reimpressa de uma obra não constitui uma nova edição.

Segundo Silva (2012), o editor é a pessoa que tem a responsabilidade da produção, da divulgação e da disseminação da propaganda da publicação. Assim, é preciso que a obra seja divulgada e distribuída nos espaços de venda. Não vale a pena a produção de uma obra se esta ficar nas prateleiras e no depósito de uma editora. O “[...] editor sempre foi e parece que continuará sendo o principal agente comercial do ramo das artes gráficas no que diz respeito ao livro, em todas as suas modalidades” (SILVA, 2012, p. 135). Em tempos passados, os editores eram os comerciantes de livros: até o século XIX, o editor estava vinculado a uma tipografia ou a um livreiro, mesmo que este não se ocupasse da arte tipográfica, na qual a produção e a divulgação estavam sempre atreladas à imprensa.

Baptiste Louis Garnier, editor da obra em análise, nasceu em Paris e morreu em 1893, no Rio de Janeiro, onde morava desde 1844. Aprendeu o trabalho na imprensa com seus irmãos mais velhos, em Paris. De acordo com Schapochnik, (2004, p. 16), a “[...] capacidade empreendedora do editor” foi importante para que Louis Garnier montasse o seu próprio negócio. Assim, “[...] resolveu transferir-se para o Brasil, pensando com razão que num país novo e cheio de ambição haveria lugar propício para o desenvolvimento dessa especialidade comercial” (HALLEWELL, 1985, p. 127-128). O editor francês, ao se instalar no Rio de Janeiro, implantou as relações do editorial francês: procedimentos, métodos, editores, autores e livros. A relação de troca estabelecida entre o autor e o editor possibilitou o fortalecimento da literatura brasileira no século XIX. Nesta direção, Granja (2013) destaca:

[...] autores e obras da Literatura Brasileira no século XIX e o estudo dessas relações poderá detalhar algumas informações que, até hoje, forneceu-nos a história da Literatura Brasileira, contribuindo para um maior conhecimento do processo de produção e circulação de obras literárias no Brasil (GRANJA, 2013, p. 81).

Neste sentido, a editora também favorecia o processo de circulação do impresso, pois a importância do editor pode ser avaliada também por sua longevidade no processo editorial e pela publicação do material impresso. Os próprios autores compreendiam a importância da editora para o processo de divulgação de suas obras, “[...] inclusive, que a editora serviu de ponto de encontro para um grupo considerável de intelectuais” (PINHEIRO, 2004, p. 4). Muito embora a editora tivesse uma finalidade definida, ela também possibilitava a formulação de rede de sociabilidade devido ao fluxo de autores que as utilizava.

Segundo Faria Filho (2017), os “[...] lugares de sociabilidade eram entendidos [...] como as casas editoras, os cafés, livrarias, associações culturais, ou seja, a diversidade dos lugares onde estes sujeitos se organizavam” (FARIA FILHO, 2017, p. 21). Esses espaços favoreciam na circulação dos indivíduos e a possibilidade de diálogo entre sujeitos. De acordo com Baptistini (2017), a casa editorial Garnier, além de local de encontro e inter-relações sociais, também adquiriu o prestígio como um palco de aclamação dos intelectuais ou de literatos aceitos em específicos grupos, reunidos em torno de autores consagrados.

O livreiro francês liderou o mercado de vendas de livros. Acompanhando a atividade editorial de Garnier, sobretudo nos anos iniciais de atividade, ressalva-se que, ao perceber as oportunidades que a empresa lhe oferecia, os autores brasileiros aproveitavam da visibilidade proporcionada por esta e por meio das campanhas de promoção dos livros e os escritores associavam os seus nomes à casa editorial devido ao seu prestígio, caracterizando uma espécie de relação de poder. De acordo com Nelson Schapochnik (2010), os autores faziam uma “[...] quantidade de referências ao seu editor [...]. Entretanto, inexistiu alguma referência denegadora dos préstimos do editor. Os elogios são escancarados e as intervenções parecem ser muito mais do que meras resenhas dos lançamentos” (SCHAPOCHNIK, 2010, p. 14). Os informes apresentados, como resenhas de livros, além de uma explanação literária semanal ao visitar o texto, o leitor iria deparar-se com a divulgação do trabalho de Garnier como editor. Após quase duas décadas de atividades no Brasil – ligadas, principalmente, ao comércio de livros –, “[...] a casa Garnier vai abrindo [...] à esfera das publicações literárias e animando os esforços dos escritores. É justo confessar que suas primeiras edições não vinham expurgadas de erros, e era esse um argumento contra as impressões feitas em Paris” (ASSIS, 1864, p. 27-28). Essas notas serviam como propaganda e davam ao livreiro francês notoriedade no campo editorial.

Muito embora fosse conhecido na época, Baptiste Louis Garnier não associava o seu nome a escritores em busca de ascensão, apenas autores que possuíam público e já sustentavam fama no mercado literário eram contratados pela editora. Hallewell (2005) evidencia que parte das obras vendidas na livraria de Baptiste Louis Garnier eram fabricadas no continente europeu e mais especificamente na França. E acrescenta:

[...] isto é cousa tão sabida, que ninguém pode contestar, apesar de virem com designação de sua manufactura no Rio de Janeiro | fica claro que, no entendimento deles, o local da edição significava o local da impressão | e ler esse senhor um revisor por conta própria em Pariz; quando os Senhores Laemmert e companhia, procedendo por maneira diversa, possuem um magnífico estabelecimento typographico e officina de encadernação a rua dos Inválidos, onde acolhem os artistas brasileiros e dão-lhes a ganhar o seu dinheiro, que também é por elles ganho neste paiz [...], o senhor Garnier, porém, tendo o seu estabelecimento typographico em Pariz, dizem que de sociedade com um seu irmão, alli manda manufacturar as

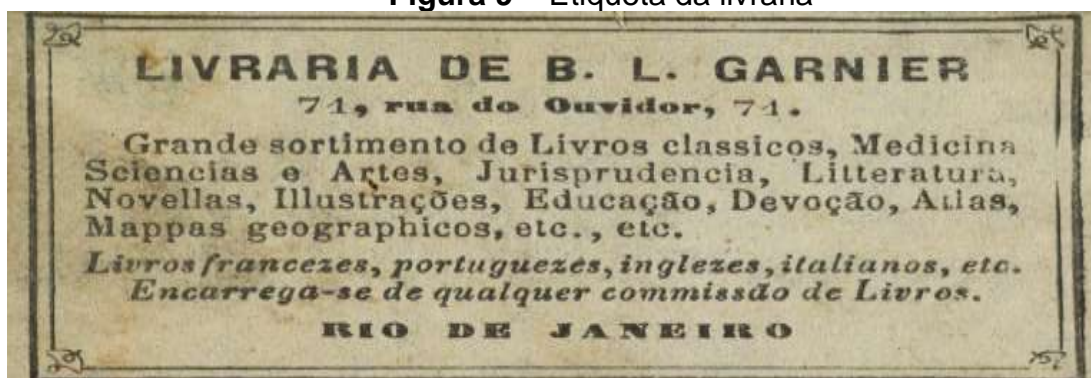
obras de que e incumbido pelos escriptores brasileiros e aufero disso espantoso lucro! (HALLEWELL, 2005, p. 201).

Um dos motivos que levaram os livros a serem impressos na França era o custo elevado do papel produzido no Brasil, quando comparado com o francês. Mesmo com os custos das viagens da França ao Brasil, a produção do livro tinha um custo mais barato e o tempo de editoração do material tipográfico era muito mais rápido do que o produzido em terras brasileiras. Portanto, o livreiro francês tinha lucro e, por muito tempo, dominou o mercado de venda e de editoração de livros.

Quando a viabilidade lucrativa do eixo Paris-Brasil deu os seus primeiros indícios de declínio, Baptiste Louis abriu sua própria tipografia no Brasil. Ao apresentar problemas com a mão de obra, optou por fechá-la e terceirizou a impressão, fazendo assim uso de outras tipografias. “Essa história da maior disposição de Garnier ao imprimir seus livros no Rio causa perplexidade [...]”. (HALLEWELL, 1985, p. 206). Tendo em vista o benefício econômico de impressão de seus livros em Paris, que era bem maior nas décadas de 1870 e 1880, surge daí a opção do livreiro em utilizar tipografias brasileiras para a impressão.

A especificação do local de impressão do material também servia como estratégia utilizada para o aumento no consumo dos livros. Assim, a impressão realizada em Paris dava a ideia de requinte e propiciava a circulação de escritos de autores do Brasil na Europa. Ao analisar as ações tomadas pelo editor francês, pode-se “[...] identificar as descontinuidades básicas que transformaram a circulação da palavra escrita, tanto no literário como não literário” (CHARTIER, 2014, p. 10). As escolhas tomadas pelo editor no processo de divulgação e de confecção do impresso também favoreciam na circulação. As etiquetas dos livros também eram uma forma das livrarias divulgarem a variedade de seu acervo.

Figura 9 – Etiqueta da livraria



Fonte: Biblioteca Nacional acervo digital.

As etiquetas serviam como uma espécie de ficha catalográfica e também como ferramenta de propaganda, uma estratégia utilizada para propagandar o acervo da livraria. Gonçalves (2008) afirma que as tipografias tinham como prática a de utilizar etiquetas no interior das capas ou nas folhas de rosto. Esta ação possibilitava identificar o local onde o livro foi produzido, facilitando a divulgação e a circulação do impresso.

Deste modo, o processo de materialidade da obra, enquanto objeto concreto, ganha sentido por meio da produção textual do escritor e está atrelada ao processo editorial. É no meio da produção que a constituição do livro ganha sentido e que proporciona entretenimento ao leitor. Ao tomar forma, os enredos literários passam a ter uma continuidade e uma descontinuidade conforme circula entre o leitor e a apropriação que este faz do conteúdo, tanto na escrita quanto na oralidade. A “[...] recepção à palavra escrita que é completamente estranha à forma e à materialidade do livro” (CHARTIER, 2014, p. 14). Na composição de seus escritos, Sylvio Romero afirma que:

[...] a índole das raças, a ficção do meio deveriam forçosamente modificar a mentalidade brasileira. Outros assumptos e outra linguagem deveriam iniciar-se em nossa litteratura. **A língua, considerada incontestavelmente, a primeira actividade intellectual do homem e que serve de base a todas as outras**, a lingua tem sido a primeira a ir se modificando entre nós. (ROMÉRO, 1888, p. 492, grifo nosso).

Assim, a construção da linguagem falada reverbera na composição da linguagem escrita e em suas possíveis mutabilidades. Diferentemente da linguagem falada, a escrita possibilita uma nova apropriação e compreensão, dando à linguagem escrita um novo “corpo”, contrário ao primeiro momento, uma vez que é formulada com uma perspectiva diferente e é construída por meio das apropriações discursivas. Na linguagem escrita da *História da Literatura Brasileira*, observa-se traços de elementos raciais que compõem a cultura brasileira. Para Souza (2007a, p. 57), essa escrita literária “[...] reflete a formação racial que atua como formador da nacionalidade”. Embora a “[...] grande obra de evolução ethnica e sociológica que vamos ver passar, de modo rápido, diante de nossos olhos no curso da história de nossas letras” (ROMÉRO, 1888, p. 142). A mobilização desses recursos intelectuais, como chamou Alonso (2002), acrescidos das teorias científicas – evidenciadas por

Sylvio Romero em sua obra – dão resultado à ideia de que não se trataria apenas de uma evolução na cor, mas também na língua. Schwarcz (1993) destaca:

[...] o argumento racial foi política e historicamente construído nesse momento, assim como o conceito raça, que além de sua definição biológica acabou recebendo uma interpretação sobretudo social. O termo raça, antes de aparecer como um conceito fechado, fixo e natural, é entendido como um objeto de conhecimento, cujo significado estará sendo constantemente renegociado e experimentado nesse contexto histórico específico, que tanto investiu em modelos biológicos de análise (SCHWARCZ, 1993, p. 17).

O discurso racial presente em *História da Literatura Brasileira* de Sylvio Romero é caracterizado como uma visão de reorientação intelectual. Desta forma, há o confronto da ideia de raça com a proximidade da constituição de povo. Schwarcz (1993, p. 47) explana que “[...] o discurso racial surgia, dessa maneira, como variante do debate sobre a cidadania, já que no interior desses novos modelos discorriam-se mais sobre as determinações do grupo biológico do que sobre o arbítrio do indivíduo”. Portanto, o discurso racial foi construído historicamente e vem, a todo o momento, modificando-se. Deste modo, o conceito de raça serve para categorizar as espécies e os discursos servem para legitimar o que as teorias afirmam sobre raça. Neste sentido,

[...] o conceito de raça é reinterpretado aqui à luz das representações sociais, [...] é na cultura e, através dela, que ele se constrói e reconstrói. Tais representações visam objetivar e ancorar ideias abstratas em conceitos mais concretos, logo possuem uma dimensão imaginária e identitária (SILVA; MOTA, 2009, p. 73).

A obra *História da Literatura Brasileira* é caracterizada pela linguagem científica das teorias vindas da Europa, mas também pela linguagem popular “[...] das paragens sergipanas abastecidas de seus folguedos e das missas aos domingos da população simples” (COSTA FILHO, 2013, p. 36). Na composição de seu escrito, Sylvio Romero traçou um discurso caracterizado por elementos que configuram a cultura brasileira, trazendo traços da hereditariedade do povo brasileiro.

A hereditariedade representa os elementos estáveis, staticos, as energias das raças, os dados fundamentaes dos povos; é o lado

nacional nas litteraturas. A adaptação exprime os elementos moveis, dynamicos, genéricos, transmissíveis de povo a povo; é a face geral, universal das literaturas. São duas forças que se cruzam, ambas indispensáveis, ambas productos naturaes do meio physico e social. (ROMERO, 1888, p.16).

Embora retrate elementos da cultura popular, pode-se observar um autor preocupado em mostrar, na sua obra, elementos que auxiliavam não apenas na miscigenação da população, mas também na mobilização, na ação e na formulação da literatura com um caráter nacional, Ou seja, com elementos e características próprias. Esta mobilidade literária era possível por meio da mobilidade da oralidade. Por sua vez, a “[...] redação de texto se revela como uma forma de ação” (ALONSO, 2002, p. 39). A composição textual, como um elemento caracterizante da raça e do povo, estabelece semelhanças com o seu aparecimento e com as características que diferenciam o mestiço dentro do caráter evolutivo.

Nas palavras de Ventura,

[...] sua teoria do branqueamento se baseia no “cruzamento” entre os princípios racistas e as leis darwinistas e evolucionistas: Aplicando as leis de Darwin à literatura e ao povo brasileiro, é fácil perceber que a raça que há de vir a triunfar na luta pela vida, neste país, é a raça branca (VENTURA, 1991, p. 64).

Fica perceptível que os componentes teóricos utilizados para compor a ação textual em terras nativas “[...] não foram adotadas aleatoriamente, sofriam um processo de triagem” (ALONSO, 2002, p. 39). A ideia da superioridade branca pregava a higiene da população pela cor. Portanto, tais elementos teóricos não foram selecionados de forma inconsciente: essas ideias eram defendidas pelos intelectuais, dentre eles Sylvio Roméro quando afirma que “[...] dentro de trez ou quatro séculos a fusão ethnica estará talvez completa e o brasileiro mestiço bem caracterizado”. (ROMÉRO, 1888, p. 67). Esses agentes eram selecionados e sofriam adaptações nos campos literário, social e político. Dos elementos teóricos estrangeiros mantinham o estilo requintado e adequado à realidade local. Alonso mostra que

“ler os textos brasileiros conforme graus de fidelidade doutrinária a teorias estrangeiras conduz sempre a um diagnóstico de insuficiência: a questão acaba formulada com relação de cópia/desvio entre sistemas intelectuais nativos e estrangeiros” (ALONSO, 2002, p. 32).

Neste caso, o caráter de cópia não era posto em consideração, pois existiu uma adequação dessas teorias. De acordo com Sylvio Roméro, existia a necessidade do estudo aprofundado das teorias estrangeiras, e, em sua obra, ele faz a aplicação das doutrinas, principalmente quando vemos o autor afirmar que o processo civilizatório da nação ocorrerá, principalmente, com a evolução da cor.

Partindo do pensamento do caráter evolutivo, no qual o mais forte e biologicamente dominante vence, o autor acreditava que, das três raças que compõem a formação do povo brasileiro, o número de negros legitimamente puros iria diminuir ao longo dos tempos e “[...] desaparecerão num futuro não muito remoto, consumidos na lucta que lhes movem os outros ou desfigurados pelo cruzamento”. (ROMÉRO, 1888, p. 66). Além do processo evolutivo racial, o lugar social do negro também era um fator que validava eliminação de sua existência.

Sobre o pensamento evolucionista racial, bem evidente nas produções da época, Chartier (2002) afirma que “[...] a historicidade de um texto vem, ao mesmo tempo, das categorias de atribuição, de designação e de classificação dos discursos peculiares à época e ao lugar a que pertencem, e dos seus suportes de transmissão” (CHARTIER, 2002, p. 11). Desta forma, as produções materializam um discurso da sua época de produção e a naturalização deste é ocasionada por meio do processo de transmissão e circulação. Assim, o que fica é “[...] uma escolha efetuada pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade” (LE GOFF, 1994, p. 535). Essas escolhas operam nas forças e no desenvolvimento temporal do mundo, pois evocam um passado.

Desta forma, o discurso de Sylvio Roméro traduz e representa o contexto da época, o pertencimento das identidades raciais e o seu caráter interpretativo. Sendo elementos característicos de raça – superior e inferior – é possível perceber que “[...] na compreensão de que o texto não existe unicamente na sua realidade semântica, [...] esta encarnação do texto numa materialidade específica carrega as diferentes interpretações, compreensões e usos de seus diferentes públicos” (BARBOSA, 2015, p. 280).

Na fabricação do livro, enquanto material concreto, foi necessária a materialização do discurso, que passou do campo das ideias para a sistematização da “[...] formação discursiva que, por sua vez, seria regulada por uma formação ideológica” (BAPTISTA, 2011, p. 23). Neste sentido, o discurso racial presente na *História da Literatura Brasileira*, foi formulado inicialmente e difundido historicamente

durante o século XIX e parte do século XX, quando as representações eram constituídas em volta das compreensões do darwinismo racial – e os elementos biológicos eram essenciais para a constituição moral do povo – e o modelo darwinista começou a constituir as ferramentas ideológicas e “[...] incorporar o próprio mundo, constituindo-se o próprio texto e seu discurso, na representação dessa realidade inquietamente” (FLORY, 1997, p. 12).

Todo discurso carrega em si um sentido da época que foi formulado e a intencionalidade de quem o proferiu, portando este é legitimado por meio da materialização escrita e da circulação do livro. A escrita parte inicialmente da relação discursiva do autor. Neste sentido, “[...] a criação literária sempre confronta uma imaterialidade inicial do texto – a da página que aguarda ser escrita” (CHARTIER, 2014, p. 12), bem como “a historicidade de um texto deriva das condições em que um documento se inscreve em sua própria materialidade” (CHARTIER 2002, p. 63). Assim, o discurso textual é carregado de ideologias específicas, inseridas a partir da seleção e que são condicionadas – pois os discursos são moldados quando observamos que estes são expressos nesta obra de Sylvio Roméro como “[...] elementos de uma história natural de nossas letras” (ROMÉRO, 1888, p. 11). O autor expressa características e elementos biológicos voltados para a construção da raça apontando como o Brasil tornou-se um amplo “laboratório racial”. Roméro ressalta ainda:

Sabe-se que na **mestiçagem a selecção natural, ao cabo de algumas gerações, faz prevalecer o typo da raça mais numerosa**, e entre nós das raças puras a mais numerosa, pela imigração européa, tem sido, e tende ainda mais a sê-lo, a branca. E' conhecida, por isso, a proverbial tendência do pardo, do mulato em geral, a fazer-se passar por branco, quando sua cor pôde illudir. (ROMÉRO, 1888, p. 67, grifo nosso).

Na escrita do autor, observa-se a aplicação do discurso com base no evolucionismo racial – principalmente em relação aos termos utilizados em se tratando das raças, nos quais o autor traz uma linguagem provocativa e elementos de características raciais, trazendo expressões específicas como “[...] a literatura de um povo era, para Sílvio, o retrato fiel de nossas peculiaridades de vida, história, vigor intelectual, linguagem e identificação de nosso brios, personalidade, origem, forma e tradição” (SOUZA, 1976, p. 208). A linguagem racial, desenvolvida a partir da formação étnica, possibilitou uma compreensão do Brasil por meio das pesquisas

das raças formadoras. Deste modo, os elementos étnicos são apropriados, inicialmente, por intermédio do uso da língua. Autores como Santos (2018) evidenciam que a construção da linguagem racializada é feita pelo repertório de seu tempo por meio da naturalização de um discurso racial reforçado pelas relações de poder, na qual o branco naturalmente evoluído reafirma essa ação pela escrita e oralidade. Assim, quando Sylvio Romero mobilizou expressões com características raciais reafirmou esse evolucionismo. Para exemplificar tal afirmação observa-se o quadro com algumas expressões atreladas à raça retiradas da obra.

Quadro 4 – Expressões relacionadas à raça encontradas em “História da Literatura Brasileira”

Expressões atreladas a raça	Branqueamento	Etnia
irmãos de côr”; “ex-escravo”; “escravos”; “energias das raças”; “negros africanos”; “negrismo”; “captivos”; “raça negra”; “negros do grupo bantú”; “apagal-o do sangue”; “raças inferiores”; “futuro da raça”; “sangue das raças inferiores”	“população crioula”; “pardismo”; “a hygiene experimental do espirito”; “face ethnica” hibridação das gentes cruzadas; “mestiçamento”; “mestiço”; “pardo”; “mulato”; “mulatismo”; “caboclismo”	Selvagens; americanos; “caboclo”; “guaranys”; “tupys-guaranys”; “raças tropicaes”; “selvagem tupy”; “raças americanas”;

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Romero (1888).

Estes vocábulos foram selecionados por se tratarem de expressões utilizadas para referir-se à raça, uma vez que muitas dessas expressões não tratam especificamente do negro, mas de outros grupos étnicos importantes na constituição do povo brasileiro. Desta forma, o vocabulário utilizado nesta obra é carregado de sentidos de inferioridade e legitimado pelo lugar social dos indivíduos definidos pela cor.

Pensando na contextualização da literatura e no uso destes termos, fica como questionamento o porquê da utilização de sua utilização na obra. Por que Sylvio Romero, em sua *História da Literatura Brasileira*, fez uma relação da cultura brasileira com os elementos étnicos?

2.2 Em via de formação: Organização da obra *História da Literatura Brasileira*

É preciso pensar na etimologia da palavra história e no seu significado, assim como a sua alteração com o passar do tempo, dando-a um novo significado. Meier (2013) afirma que, em seu contexto antigo, o significado da palavra história tinha uma concepção específica e que, com o tempo, passou a ter outra conotação, mas que esta possui, ainda, algumas equivalências com o seu uso no tempo atual. Muito embora a história recebesse uma nova ressignificação, a importância narrativa continuou vigente. De certa forma, existe uma relação consolidada entre História e linguagem por se reconhecer a mutabilidade das palavras.

Com relação à mutabilidade das palavras e aos seus significados, é preciso entender o que é literatura, no uso de uma obra literária como fonte, aparece a necessidade de se utilizar termos que são os elementos de uso específico do campo da literatura, tais como os gêneros literários e suas subcategorias. Deste modo, é preciso identificar em qual delas a obra está inserida, já que existem gêneros literários específicos e a fonte para esta pesquisa está inserida em um desses. Partindo dessas informações, segue um quadro informativo sobre a obra analisada:

Quadro 5 – Informativo sobre a obra *História da Literatura Brasileira*

Informações sobre o documento	
Tipo:	Obra Literária
Gênero:	Crítica, teoria ou história literária
Editora:	Livraria Garnier, Rio de Janeiro, RJ
Descrição:	Dois volumes. Primeira edição em 1888
Ano de publicação:	1888
Idiomas:	Português

Fonte: Biblioteca de Literaturas de Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=143237>>.

Entendendo em que categoria literária a obra esta inserida, partiu-se para observação de sua divisão e a concepção teórica do autor. O primeiro livro da *História da Literatura Brasileira* é iniciado por dois capítulos de revisão bibliográfica,

um intitulado “Factores da Litteratura Brazíleira”¹¹, acerca dos principais escritos estrangeiros e nacionais sobre a literatura brasileira, seguido de uma apresentação dos “Trabalhos estrangeiros e nacionaes sobre a literatura brasileira.— Espírito geral deste livro”¹², além de outro que trata das teorias sobre a história do Brasil. Para Sylvio Roméro, a “theoria da historia d'um povo parece-me que deve ser ampla e comprehensiva, a ponto de fornecer uma explicação completa de sua marcha evolutiva” (ROMÉRO, 1888, p. 25).

Uma vez explicadas as contribuições e desacertos dos escritos e teorias, um terceiro capítulo é dedicado à discussão das passagens de Historia d' Civilização da Inglaterra, de Henry Thomas Buckle, que diz respeito à influência do meio na organização das sociedades humanas e o seu efeito sobre a população indígena “brasileira”. Desta forma, “[...] pela lei darwinica da transformação dos seres, entendida o mais latamente, as raças despontaram diferentes em climas diferentes também. Os climas depois disto só tem feito conservar e fortalecer as predisposições nativas” (ROMÉRO, 1888, p. 38). De acordo com as teorias evolucionistas, o clima pode não originar a raça, mas pode fortalecê-la a partir das características biológicas. Assim, a cor não estava mais apenas atrelada à moralidade, “[...] mas cada vez mais a certas condições geográficas e climáticas” (HOFBAUER, 2006, p. 98). Este fator climático seria um dos elementos intensificadores da ciência brasileira, além das “[...] peculiaridades das feições, a raça e a natureza” (SCHWARCZ, 1993, p. 200), na qual caracterizavam os estereótipos raciais, cuja afirmativa justificava “a ideia da escravidão natural à questão da ‘cor de pele’ ou as características definidas como raciais” (HOFBAUER, 2006, p. 38).

Por conseguinte, os três primeiros capítulos marcam a diferença do método de investigação histórica de Sylvio Roméro em relação às teorias antecedentes, no que se refere às influências naturais das raças, na formação do povo brasileiro e dos fatores que atuaram na formação do desenvolvimento dos povos e de sua cultura.

De acordo com Mota, a “[...] compreensão da literatura como testemunho social levou-o a procurar entender a sociedade brasileira de forma abrangente, analisando tudo o que poderia influir na manifestação literária” (MOTA, 2000, p. 41).

¹¹ Título do livro I do primeiro tomo.

¹² Título do capítulo I do livro I do primeiro tomo.

Neste sentido, Sylvio Romero tece, na sua obra *História da Literatura Brasileira*, elementos das escolas literárias e alguns dos principais nomes. Em artigo intitulado *Sylvio Romero — polemista*, publicado na *Revista Brasileira*, Araripe Junior afirma que Romero escreveu “[...] a história da maledicência brasileira. [...] postos em contribuição todos os pessimistas de vulto que falaram mal de sua terra [...] o Brazil possa tão cedo vir a ser uma verdadeira nação, dominada como é por uma maioria de mestiços” (ARARIPE JUNIOR, 1899, p. 359). Por outro lado, fica perceptível a crítica ao modelo científico adotado por Romero na construção teórica de sua obra. Nas palavras de Mota:

A teoria evolucionista [...] ao fornecer uma explicação convincente para o mecanismo da evolução dos seres vivos, extrapolava os limites da biologia, dominando a imagem pública da ciência. Os esquemas explicativos do evolucionismo haviam introduzido na ciências naturais e nas sociais a noção de mudança constante, processo ao qual a humanidade e a natureza estariam inelutavelmente submetidos. Processo/progresso, sinônimos naquele vocabulário [...] mais que do que no poder da ciência, na infalibilidade do método científico (MOTA, 2000, p. 26).

A autora relata que o pensamento intelectual como o de Romero, acreditava que das teorias evolucionistas, aquela proposta por Spencer é a que melhor poderia ser aplicada ao grande laboratório racial científico que era o Brasil. Deste modo, quando o Sylvio Romero propôs, em sua obra, o branqueamento como um meio para purificar as raças tidas como inferiores e incluí-las na civilização “[...] ao serem extintas pela mistura progressiva, pôde pensar, com isso, uma ‘solução’ para o dilema racial que escapava às previsões pessimistas sobre o futuro da civilização no Brasil, sem contestar, porém, os fundamentos do racismo” (VENTURA, 1999, p. 61). Desta forma, levantou-se uma relação de fatores a exemplo de a “influência africana”, “seus costumes”, “as relações da raça superior”, “relações de sangue”, “conflicto das três línguas no Brazil”¹³ que foram importantes para a formação do povo brasileiro, entendida como um processo histórico evolutivo de constituição nacional. Principalmente quando em

Sua teoria da mestiçagem e do branqueamento parte de uma combinação de pressupostos racistas (existência de diferenças

¹³ Elementos retirados da obra *História da Literatura Brasileira*.

étnicas inatas) e evolucionistas (lei da concorrência vital e do predomínio do mais apto). Previa que o elemento branco seria vitorioso na “luta entre raças”, devido à superioridade evolutiva, que garante seu predomínio no cruzamento. Prevê, assim, o total branqueamento da população brasileira em três ou quatro séculos. (VENTURA, 1991, p. 51).

Muito embora em seu discurso Sylvio Romero se caracterize de abolicionista, contrário à escravidão, em seus escritos tem-se um autor adepto das teorias evolucionistas. É evidente que ao traçar elementos favoráveis à limpeza racial dos povos por meio do processo de branqueamento, temos um sujeito preocupado com a clara aplicação das teorias evolucionistas de superioridade racial, em que o negro é o último na cadeia da evolução. Entretanto, Sylvio Romero traça o mestiço como um produto genuíno brasileiro, sendo ele o elemento que inicia a pureza da raça como um dos elementos que favorecem.

Conforme Souza (2007a, p. 57), “[...] a colonização portuguesa legou [...] uma nação unificada em termos étnicos [e] linguísticos”, que propiciou a inter-relação de outras culturas que foram introduzidas no imaginário popular, resultando também a miscigenação cultural, já que a cultura popular é um elemento característico da originalidade do povo brasileiro graças à adaptação de tradições oriundas de outros povos, partindo de fundamentos científicos de escrita das histórias nacional e literária.

Logo os três livros nos quais é dividida a obra *História da Literatura Brasileira* correspondem à historiografia da escrita literária brasileira propriamente dita, ordenada em períodos e com as suas respectivas subdivisões em escolas, produções, fases e gêneros, aqueles tidos por mais significativos. O segundo livro, a “Primeira Época ou Período de Formação (1500-1750)”, é marcado por eventos históricos importantes, tendo início com “a descoberta do paiz” (ROMÉRO, 1888, p. 11), da vinda dos portugueses até a metade do século XVIII. O terceiro livro cobre a “Segunda Época ou Período de Desenvolvimento Autônomo (1750-1830)”, iniciada pela descoberta das minas e pelo “impulso autonomico do paiz dentro dos limites de suas forças e tradições ethnicas (ROMÉRO, 1888, p. 11). O quarto livro, a “Terceira época, ou período de transformação romântica (1830-1870 annos próximos)”, equivale ao segundo tomo da *História da Literatura Brasileira*.

Os marcos temporais de Sylvio Romero para delimitar o período estudado foram selecionados por se tratar de uma ação do passado, e são épocas

caracterizadas por discursos diferentes, “[...] diversos esforços se desenvolveram no sentido de propor conceitos correlativos da literatura brasileira e da sua história” (SOUZA, 2007b, p. 67). Contudo, a título de delimitação dos marcos mais relevantes de “nossa evolução mental”, a data de 1830 é escolhida para demarcar a entrada “[...] completa do romantismo na política e seu trasbordamento na literatura” (ROMÉRO, 1888, p. 12). A esta justificativa, Roméro acrescenta que tanto no Brasil como na Europa, “[...] a evolução litteraria seguiu-se, como sempre, a política” (ROMÉRO, 1888, p. 12).

Além das etapas do progresso da literatura brasileira previamente mencionadas, os dois últimos capítulos expressam a ideia nomeada por Sylvio Roméro como “período de reação crítica”, que vai de 1870 até o presente do autor. Esta fase é marcada pelo retorno às “[...] nossas tradições luz das idéas realistas, procurando harmonisar umas com outras” (ROMÉRO, 1888, p. 11).

É no período chamado em sua narrativa como “reação crítica” que Sylvio Roméro evidencia sua própria atividade intelectual. Dado que “[...] o movimento da geração de 1870 seria uma duplicação ou uma adaptação ou reação às teorias europeias” (ALONSO, 2002, p. 165), sendo este o período de maior efervescência intelectual no qual, por meio da escrita, esses sujeitos mobilizavam suas ideias. As produções “[...] surgem com a nova estrutura de oportunidades políticas” (ALONSO, 2002, p. 166). As formas de ação eram representadas no espaço que o sujeito era inserido, sendo estas literárias, jornalísticas, políticas parlamentares, educacionais, entre outras.

A partir do livro II, a *História da Literatura Brasileira* obedece a uma organização regular, na qual são apresentados pontos importantes, mas que não são desenvolvidos na narrativa. Cada capítulo é dedicado a um ou mais autores e às suas obras consideradas mais significativas, antecedendo a apresentação desses autores e a análise dessas obras. Há, no início de cada capítulo, passagens de extensão, a exemplo “[...] o livro de Ferdinand Wolf, *Le Brésil littéraire* (1863), tem sido, e cotinúa a ser com razão, o nosso oráculo na matéria; porque é único em seu género” (ROMÉRO, 1888, p. 3). Assim como “[...] os climas quentes, diz Michel Lévy, estendem-se entre os trópicos” (ROMÉRO, 1888, p. 81). Essas passagens ficam em plano secundário e são utilizadas como entrada discursiva no assunto a ser tratado no capítulo.

No processo de compreensão das teorias evolucionistas, pode-se indagar: De que modo estas teorias foram incorporadas no meio social?

2.3 Heranças teóricas: “a adaptação de doutrinas e escolas europeas ao nosso meio social”

Por meio de uma relação com as ciências naturais estabeleceu-se a identificação de leis que regeriam a sociedade e os indivíduos. Visualizou-se possíveis mudanças dentro da instituição social e, a partir deste sistema, aquilo que é significado de povo, muito embora o “[...] positivismo philosophico francez, o naturalismo litterario da mesma procedência, a crítica realista allemã e o transformismo darwiniano começaram a espalhar-se em alguns círculos académicos, e uma certa mutação foi operando na intuição corrente” (ROMÉRO, 1888, p. 12). Por certo, o diálogo com outras teorias instaurou a disputa de diferentes posições sobre a análise sociológica do país.

No campo específico da história literária, a relação dos aspectos literários com características da cultura popular possibilitou a seleção e organização de textos, por meio das quais teríamos garantido o acesso à identidade nacional – que é o caso da *História da Literatura Brasileira*, de Sylvio Romero. Todavia, “[...] inicialmente observa-se que o modo que se estudou literatura no Brasil oitocentista implicou em geral um contra ponto universalista e perspectiva nacional”. (SOUZA, 2007b, p. 25-26). Nesta mesma direção, evidencia-se:

Uma litteratura tem uma base, tem elementos e tem órgãos. A base da nossa é o sentimento do brasileiro, como nação à parte, como **productio ethnico determinado; os elementos são as tradições das trez raças sem predominio de uma sobre as outras;** os órgãos são os nossos mais notáveis talentos, todos aquellos que sentiram como brasileiros. (ROMÉRO, 1888, p. 173, grifo nosso).

Partindo do pensamento de Sylvio Romero, entende-se a constituição de uma escrita literária no sentido de predominar todos os elementos culturais das raças que constituíram o povo brasileiro, a exemplo de elementos religiosos adaptados à realidade dos negros escravizados que tiveram sua identidade religiosa apagada e tiveram que se submeter a um culto europeu. Neste sentido, a literatura é a representação da realidade com licença poética, é esta ação da escrita que

possibilita a percepção da construção do tempo histórico em que a literatura é utilizada para a construção do passado histórico, dando bases para o surgimento do “sujeito” como representação de seu tempo e de si, dotada de suas funções específicas.

A função do autor¹⁴ é uma das especificações possíveis de função do sujeito. Assim, é possível pensar como Sylvio Romero caracteriza, em sua *História da Literatura Brasileira*, a sua própria circunstância como sujeito histórico de tipo específico – autor –, o que, por sua vez, confere-lhe a autoridade para apresentar uma narrativa da história da literatura do Brasil. O autor de *História da Literatura Brasileira* encontra-se apto a selecionar, a organizar e a avaliar as obras e autores de acordo com um critério “justo” e “imparcial” e caracterizar estas personagens de sua narrativa, indicando o modo como exprimiram tendências constituintes da identidade nacional.

No entanto, ao caracterizar estas personagens, ou seja, os autores com quem Sylvio Romero dialoga na construção de sua narrativa, este expressa apropriações enquanto leitor e acaba se tornando o “[...] componente fundamental do processo, sendo constantemente invocado, uma vez que é a própria percepção do receptor que vem a ser modificada pelo texto”. (FLORY, 1997, p. 18). As ações escolhidas por Sylvio Romero na construção do discurso, atrelado às questões raciais, estavam interligadas às teorias evolucionistas. Desta forma, segue o quadro com a lista de autores citados na obra.

Quadro 6 – Autores citados no corpus textual da *História da Literatura Brasileira*

Alguns autores que Sylvio Romero cita diretamente neste livro	Obras citadas por Sylvio Romero
Ferdinand Wolf,	<i>Le Brésil Littéraire</i> (1863)
Bouterwerk	<i>História da Literatura Portuguesa</i> (1804)
Sismondi	<i>Literaturas do Meio-Dia da Europa</i> (1819)
Ferdinand Denis	<i>Resumo da História da Literatura de Portugal</i> (1825)
Almeida Garrett	<i>Bosquejo da História da poesia e da Língua Portuguesa</i> (1826)
Costa e Silva	Não cita a obra.

¹⁴ Ver FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 3. ed. Trad. de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1992.

Lopes de Mendonça	Não cita a obra.
Inocência da Silva	Não cita a obra.
Edmond Scherer	Não cita a obra.
Saint-Simon	Não cita a obra.
Bucke	
Gervinus	
Herbert Spencer	

Fonte: Elaborado pela autora a partir de História Literatura brasileira (1888).

Alguns desses autores não possuem suas obras citadas; porém, utiliza-se destes para traçar o perfil da história da literatura nacional – como a teoria positivista, a escola de Ciências Sociais de Frederic Le Play¹⁵, o evolucionismo social de Hebert Spencer e o monismo de Noiré e Hackel – que foram importantes na perspectiva de Sylvio Romero para construir a unidade entre ciências naturais e ciências sociais, uma forma de identificar a existência de leis intrínsecas aos fenômenos da realidade social. Uma vez que “[...] depois que o homem deixou de ser o centro e a medida das cousas, depois que se lhe marcou o genuíno lugar na criação, o modo de tratar a história e os outros ramos científicos, que se lhe prendem, soffreu uma alteração radical”. (ROMÉRO, 1888, p. 63).

Neste sentido, a história e a sociologia de um povo baseiam-se no estudo de “psicofísica” em que o meio influencia na formação das características individual e social. No entanto esta perspectiva materialista esteve presente na Academia de Direito de Recife por ser discutida por autores que negavam a metafísica na explicação dos comportamentos humanos e na questão da liberdade do homem. Diante disso, observa-se que a concepção de história de Sylvio Romero se referia a um diálogo com as ciências naturais: “[...] não é mais possível a história sem a crítica, como não é admissível esta sem as sciencias naturaes. Eis o grande facto firmado pelo século XIX nos últimos annos: estabelecer os outr'ora ditos estudos moraes sobre bases experimentaes” (ROMÉRO, 1888, p. 28). Embora enfatizasse os diferentes panoramas no campo da história, tais como o movimento romântico caracterizando o amor pelo passado e a Idade Média com tendências pitorescas,

¹⁵ “Fundador da escola sociológica, *de Ciência Social* Nasceu na Riviere St. Laveur, na França. Estudou no *Collège du Havre*, na *École Polytechnique* e na *École des Mines de Paris*. Desta última tornou-se professor e dirigente”. (SOUZA, 2006, p. 120).

Sylvio Roméro mostra alguns elementos do pensamento de Buckle¹⁶ sobre os fatores determinantes para composição da história de um povo – como o clima, a alimentação e o solo. Pois determinados povos encontrar-se-iam no estado de selvageria ou de barbárie, em virtude de as pressões do meio externo inibirem as suas faculdades mentais.

Em outras regiões, essas faculdades puderam desenvolver-se tendo em vista que causas comuns produzem efeitos comuns. Desta forma, as ações humanas são determinadas pelos seus antecedentes, cujas leis foram construídas pela influência geográfica, levando-os a produzir os mesmos resultados sob as mesmas circunstâncias. Já Sylvio Roméro, ao contrário, privilegia o determinismo racial como elemento autônomo e que se impõe sobre os determinismos externos. Este posicionamento, segundo o autor, anularia a ideia de uniformidade científica das investigações históricas, concebido a partir do determinismo climático ou geográfico. Esses indícios são reafirmados quando:

As acções humanas são regidas por um complexo de leis que inconscientemente para nós atirara-nos no caminho da vida como uns quasi actores. Mas a historia, que não é uma cadeia de factos sempre novos e desarmônicos com seus antecedentes, como já se pretendeu, será certo que se repita? Os dados estatísticos não podem chegar até ahi; a marcha da historia é evolucional, e tanto basta para que não haja repetição, como não existe disparatada incoherencia. (ROMÉRO, 1888, p.35-36).

A marcha evolutiva enunciada pelo autor é caracterizada pela dinâmica da história em suas feições política, social e econômica. A seleção natural entre as raças, de acordo com Spencer, é o determinante geográfico, segundo Buckle, compõem os determinantes da história de um povo, sobretudo quando auxiliado pela influência de “novas ideias” para mudar a sociedade. Assim, o processo fundamental é a adaptação hereditária, em que o mais forte devora o mais fraco. A miscigenação racial é, assim, “[...] a selecção natural, ao cabo de algumas gerações [...]”. (ROMÉRO, 1888, p. 67).

Embora a mistura de diferentes etnias “[...] faz prevalecer o typo da raça mais numerosa, e entre nós das raças puras [...] por isso, a proverbial tendência do pardo,

¹⁶ “Historiador inglês (1821-1862) foi um dos mais representativos intelectuais que caracterizaram a escrita cientificista da história no século XIX”. (ROMÉRO, 2016, p. 62).

do mulato em geral, a fazer-se passar por branco, quando sua cor pôde iludir [...]” (ROMÉRO, 1888, p. 67), parte-se do princípio de que o indivíduo mais evoluído sobressai. Surge, portanto, na obra de Sylvio Romero, a presença de indivíduos históricos. Em consonância com Augusto Comte, os sujeitos são produtos não apenas da determinação do meio geográfico e biológico, mas da cultura ao seu redor e que lutam por novas formas de organização social.

Romero compreende as diferentes sociedades como expressão dos costumes e de valores familiares. As leis que presidiam a organização das famílias seriam impressas nos princípios reitores da organização do Estado. Para este teórico, a construção de tipologias familiares tornou-se a base fundamental para a compreensão da índole das nações. As mudanças dadas por fatores internos, pela miscigenação racial ou pelos fatores externos, pela adaptação de novas ideias e pelas reformas políticas e econômicas deveriam estar de acordo com a formação étnica. Esta informação, representaria a existência de uma psicologia popular.

Sylvio Romero caracteriza a psicologia brasileira como sendo de natureza comunitária, em oposição direta à psicologia individualista. Por outro lado, acreditava na evolução natural da nação e na ação necessária da organização política para acelerar este processo. Na concepção da análise histórica, apoia-se no evolucionismo de Hebert Spencer e na sociologia de Frédéric Lê Play e de Henri Tourville. No determinismo geográfico, dialoga com Henry Buckle e Otis F. Mason. Em suma, em *História da Literatura Brasileira* a narrativa privilegia várias questões como decisivas da análise de um povo e de sua formação histórica. Para identificar os teóricos citados na obra, segue abaixo um quadro informativo.

Quadro 7 – Teóricos citados por Sylvio Romero em História da Literatura Brasileira

Nome	Quem foi
Edmundo Scherer	(1828-1893) Foi um historiador, crítico literário e pensador francês. Foi um importante representante do Positivismo francês do Século XIX.
Hippolyte Taine	(1828-1893) francês pensador, crítico e historiador, um dos mais estimados expoentes do século XIX. Ele tentou aplicar o método científico ao estudo das humanidades.

Johann Gottfried von Herder	Foi um filósofo alemão “crítico das concepções estéticas voltadas à imitação dos Antigos, esse filósofo defendeu a idéia de particularidade cultural de cada nação e de cada época, cujos valores deveriam ser julgados individualmente”. (BALDO, 2006, p. 1).
Peter William Lund	(1801-1880) “naturalista dinamarquês possibilitou uma compreensão bastante precisa da composição da fauna extinta. (FARIA, 2008 p. 1).
Carl Friedrich von Martius	(1794-1868) Renomado naturalista do século XIX, lecionou botânica na Universidade de Berlim e foi diretor do jardim botânico de Munique. Veio ao Brasil como um dos integrantes da Missão Austríaca.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de levantamento bibliográfico.

A teoria evolucionista viabilizou, para Sylvio Roméro, a possibilidade de se justificar o caminho da formação do povo brasileiro por meio da miscigenação racial e, com isso, a possibilidade de evolução da nação. “No vasto e completo conceito ella é uma só, que evolucionalmente tem-se desenvolvido até nós”. (ROMÉRO, 1888, p. 63). Neste sentido, o desenvolvimento da espécie não seria dado num único centro criador para depois emigrar. Ao contrário, este desenvolvimento dar-se-ia em várias regiões, numa transformação espontânea. Por outro lado, haveria uma evolução única dos diferentes povos: todos passariam pelos mesmos estágios evolutivos.

Deste modo, “[...] todos os tempos e todos os países devem ser estudados, porque todos hão contribuído para o geral progresso; a lei da filiação tem seu maior complemento exatamente na história” (ROMÉRO, 1980, p. 78). Portanto, a nação brasileira acompanharia a marcha evolutiva dos povos civilizados, no entanto “[...] não fica claro se descreve exclusivamente uma alteração biológica ou se se refere também ao campo da cultura” (HOFBAUER, 2006, p. 19), já que a miscigenação racial proporcionaria o branqueamento da população e, com isso, a instauração do progresso cultural no país. “O estudo do regimen mental de uma raça não se determina senão á vista do complexo de suas crenças e de suas idéas” (ROMÉRO, 1888, p. 85). Partidário da perspectiva biológica das raças, Sylvio Roméro considerava que as instituições, crenças religiosas e ideias políticas refletiam estágios evolutivos das raças e as diferenças entre elas na formação psíquica, que se expressaria na forma como desenvolveriam as suas culturas.

As bases teóricas que orientavam as perspectivas científicas estavam

colocadas em jogo na disputa intelectual sobre a representação da sociedade brasileira e na concepção do povo. Essas são evidenciadas em autores como Sylvio Romero, mostrando como eles buscaram construir um campo de debate intelectual a partir de suas referências científicas. O critério de reconhecimento dos escritores passa a estar atrelado à formação do caráter nacional, na singularidade da nação, isto é, “[...] tudo quanto há contribuído para a diferenciação nacional deve ser estudado, e a medida do mérito dos escritores é este critério novo.” (ROMÉRO, 1888, p. 7). Para este autor, diferentes fatores contribuíram para a “evolução” da história do Brasil. Destaca-se:

A historia do Brazil, como deve hoje ser compreendida, não é, conforme se julgava antigamente e era repetido pelos entusiastas lusos, a historia exclusiva dos portuguezes na America. Não é também, como quiz de passagem suppôr o romanticismo, a historia dos tupis, ou, segundo o sonho de alguns representantes do africanismo entre nós, ados negros em o Novo Mundo. (ROMÉRO, 1888, p. 7).

Por tal citação o autor demonstra como a história brasileira constitui-se na sua particularidade de seus traços de formação do povo e, por isso, deve obedecer a um princípio de nacionalidade, se utilizando também de elementos nativos, tendo em vista que “[...] a história do Brasil não é [...] a história exclusiva dos portugueses na América.” Para compreender este caráter particular é preciso considerar a mestiçagem “do sangue e das idéias”, composta pelo “português, negro, índio, meio físico e a imitação estrangeira.” (ROMÉRO, 1888, p. 7). É interessante notar que Romero abre, nesta ideia, uma porta para a mestiçagem cultural, aquilo que chama de “mestiçagem das idéias”. Este conceito possui uma dinâmica própria, que deve ser estudada.

O “[...] cruzamento de raças era entendido, com efeito, como uma questão central para a compreensão dos destinos dessa nação”. (SCHWARCZ, 1993, p. 14). Somente por meio do embranquecimento racial é que o país poderia vir a ser uma nação civilizada, e, com as políticas de imigração de europeus para auxiliar neste processo de branqueamento, além da possibilidade de que os novos métodos de manejo de terras fossem incorporados, eis o que se acreditava e defendia.

A imigração europeia apresenta-se como a possibilidade de ensinar ao “proletariado ex-escravo” as novas técnicas de trabalho. Este último, entretanto,

deveria ser privilegiado como mão de obra, apesar de a miscigenação racial fazer de ambos um único povo: o brasileiro. Sylvio Romero, na proposta de colonização de pequenas propriedades divididas entre nacionais e imigrantes, afirma que:

A divisão progressiva das terras tem duas faces principaes: a das nacionaes e a das particulares. N'aquellas o governo fará bem em distribuil-as aos colonos, dando sempre a preferencia aos nossos patricios; porque este é o direito d'elles. Nas outras, isto é, a redacção dos latifúndios, não é cousa que se decrete; irá áe fazendo por si progressivamente. Pode ser auxiliada por medidas indirectas. (ROMÉRO, 1888, p. XXV-XXVI).

A preocupação de Sylvio Romero era com a agricultura como a força econômica e desenvolvimentista, a população precisaria ser treinada e desenvolver aptidões para administrar o seu negócio. Neste sentido, “[...] a imigração europeia era insubstituível como agente exclusivo de purificação étnica” (AZEVEDO, 1987, p. 75), tendo em vista que os colonos, além de compartilharem novos métodos de manejo com a terra, também auxiliariam no processo de branqueamento da população por meio do cruzamento racial.

A fim de compreender a formação do povo brasileiro e o seu desenvolvimento histórico é preciso dialogar com as teorias de Hebert Spencer, as quais explicam a sua marcha evolutiva. Nesta posição, Carl Friedrich von Martius, e as proposições de Henry Thomas Buckle, ambas dadas na História da Civilização na Inglaterra (1857), na qual ocupou oito páginas sobre o país. Segundo Romero, no trabalho de Martius, o estudo das raças não fora suficientemente trabalhado. A descrição não tomou o lugar dos nexos causais da contribuição de cada raça, particularmente a do mestiço. Sendo

A acção do meio physico em sociologia e na literatura póde-se determinar pelo clima, pelo aspecto geológico e topográfico do paiz, pela alimentação do povo. Quanto a esta, consistente entre nós, pela mor parte, em féculas e legumes, é pouco nutriente e incapaz de avigorar um povo sadio. (ROMÉRO, 1888, p. 58).

Sobre o determinismo climático, Sylvio Romero pondera as colocações de Henry T. Buckle. Para o escritor inglês, na civilização moderna predomina a ação do homem sobre as leis da natureza. O Brasil seria exemplo do inverso, em que esta lei – os ventos alísios, as chuvas torrenciais – tornou a natureza superior ao homem,

mantendo-o no estado de barbarismo. Segundo Sylvio Roméro, faltaria, na teoria de Buckle, explicar porque a ação do meio sobre as raças imigradas para o Brasil levou-as a tomar certa direção e não outra. Isto significa que há qualidades essenciais dos grupos humanos que reagem à ação do determinismo climático.

Assim, posiciona-se quanto a isso do seguinte modo, “[...] o meio não funda uma raça; pôde modificá-la e nada mais. Devemos, neste assumpto, contar com o factor humano, isto é, com uma força viva prestes a reagir contra todas as pressões por meio da cultura.” (ROMÉRO, 1888, p. 64). Por outro lado, Roméro crê que o clima e a alimentação sejam importantes na formação do povo, e acredita que a alimentação fortaleceria mais a nação do que um bom regime político. Sobre a influência do clima e da alimentação na formação dos povos, em especial, de clima equatorial:

O enfraquecimento geral destas raças é também favorecido pela natureza do regimen alimenticio, pouco reparador no fundo, apesar dos condimentos incendiarios com que se esforçam para despertar a inercia de seus órgãos digestivos enfraquecidos pelos excessos venereos, que commettem pelo estímulo especial do clima, pelas desordens de toda a espécie a que as levam sua luxuria natural, a ociosidade e o despudor dos costumes. (ROMÉRO, 1888, p. 55).

De acordo com Ventura (1991), as prováveis modificações das condições físicas dos espaços, a exemplo do clima e da alimentação, também são fatores que favorecem a construção biológica do cruzamento racial. Portanto, a obra “*História da Literatura Brasileira*, toma a literatura como expressão da raça e do povo, e relaciona o seu surgimento à ação diferenciadora do mestiço”. (VENTURA, 1991, p. 48), ou na construção do repertório de seu tempo, no modo como Sylvio Roméro utilizou as teorias vigentes para mobilização da obra. Neste sentido, interessa ainda saber: Como Sylvio Roméro expõe as questões raciais nessa obra? Ao tratar das teorias evolucionistas, como Roméro enfatizou os cruzamentos raciais?

Ao analisar os aspectos textuais e materiais da obra *História da Literatura Brasileira* entende-se que no teor existe uma sistematização de discurso racial vigente na época, disseminado por meio dos repertórios estrangeiros mobilizados pelo autor. Pode-se perceber que a naturalização da linguagem foi dada por intermédio da utilização de vocábulos relacionados à raça, e que a escrita como ação de performance favorece a circulação da linguagem racializada. Desta forma,

entende-se que os discursos são carregados de poder e representam o pensamento de quem os moldou. Entretanto, esta linguagem é perpassada por meio de recurso textual. Muito embora a linguagem como construção social não está presa à estrutura da palavra como ocorre com o contexto semântico. Deste modo, além de compreender os processos que estruturam e configuram os signos, as palavras buscam também compreender as suas representações em um meio social, histórico e cultural. Já que ela pode revelar o contexto histórico e cultural de uma época.

3 “ENERGIAS DAS RAÇAS”: A “MARCHA EVOLUTIVA” X A COR

Esta seção tem como objetivo identificar e interpretar como o autor se apropria das teorias científicas para expor as manifestações raciais. Para alcançar tal objetivo, esta seção foi dividida em três partes. Na primeira, “O mestiço: critério popular e ethnico do empretecimento para o branqueamento”, destaca-se a importância da mistura das raças para formação da cultura popular brasileira. Na segunda parte, “O transformismo darwiniano”: evolução racial em terras tupiniquins, apresenta-se uma das teorias evolucionistas disseminadas nas Academias de São Paulo e Recife no século XIX. Estas eram apropriadas e incorporadas a construção do repertório de escrita de Sylvio Romero do autor, além de evidenciar como estas eram mobilizadas no discurso de branqueamento do povo brasileiro.

Neste sentido, questiona-se: quais expressões presentes na *História da Literatura Brasileira* caracterizam tais manifestações raciais e como estão expostas na obra? Como Sylvio Romero mobiliza os repertórios estrangeiros durante o processo de criação, já que o livro é um objeto material que guarda as marcas de sua produção? As teorias evolucionistas foram elementos importantes na construção do discurso de Sylvio Romero?

Utiliza-se o livro *O racismo no Brasil*, de Schwarcz (2001), e obras bibliográficas que possibilitem o diálogo com o *Jornal Carbonário: órgão do Povo* (RJ) – (1881 a 1890) e com alguns anúncios do jornal *O Comércio*, para o processo de mobilização de escrita desta seção. Entende-se a obra como repertório racial de Sylvio Romero, quando o autor traça um perfil de raças do povo brasileiro, e a cor é abordada como um fator primordial para repensar a evolução social e econômica. Assim, o pensamento racial brasileiro do século XIX está diretamente ligado à força da linguagem não num contexto semântico, mas como naturalização de um discurso, pois as palavras apresentam significado num determinado contexto histórico. Desta forma, enaltece-se a importância desta pesquisa no campo da história da educação, quando os discursos são difundidos por meio de dispositivos materiais como os livros e promovem a disseminação do saber naturalizando o aspecto da linguagem.

3.1 O mestiço: “Critério popular e ethnico” do empretecimento para o branqueamento

E' muito commum entre nós o branco supposto. Para esta illusão inventou-se a doutrina do morenismo; diz-se-é um homem moreno para não se dizer—é um mestiço (ROMÉRO, 1888, p. 292).

Pela epígrafe acima, evidencia-se que no processo de formação do povo brasileiro sempre existiu uma busca por nacionalismo e por unidade racial caracterizada por uma única raça – a branca. Entretanto, as inter-relações raciais proporcionaram ecletismo na constituição racial da população, e uma nova categoria de raça surgiu: “um homem moreno”. Este não seria tão inferior como o negro, pois no grau evolutivo o mestiço é superior ao negro e inferior ao branco. O moreno seria uma raça híbrida, mas livre dos vícios herdados do cruzamento racial do negro com outras raças.

Com a tentativa de embranquecer a população, foram criadas algumas expressões, a exemplo, o “morenismo”, na tentativa de negar raízes com povos negros e minimizar a sua contribuição cromossômica nas características físicas da população brasileira. Partindo de tal afirmativa, nesta construção analítica da fonte, o mestiço é o personagem identificado como um produto especificamente brasileiro. Segundo Rabello (1967, p. 72), é nele “[...] que se encontra o futuro do Brasil, mas nele o que é uma nota é uma transição que há de aproximar-se, cedo ou tarde, do ascendente superior”. Partindo desta afirmação, observa-se que tanto Roméro (1888) como Rabello (1967) exemplificam o caráter evolutivo racial com base nas características da população do Brasil oitocentista. Na literatura, a escrita como repertório de ação legitima o discurso racial por meio de elementos teóricos que exemplificam esse caráter evolutivo por intermédio da evolução racial que culminaria num branqueamento.

Desta forma, parte da figura do mestiço a eliminação da inferioridade racial, trazendo nova perspectiva na formação cultural e social no Brasil oitocentista. Assim, a miscigenação racial possibilitou a fusão de crenças, pois, segundo Roméro,

[...] o mestiçamento, como se sabe, é no seu início uma fonte de perturbações e desequilíbrios.
O mestiço é o depositário de **tendências, indoles e inclinações diversas, que nem sempre acham um ponto de apoio, ordem e**

fixidade. D'ahi o seu character inquieto, contraditório, anormal. Tal a razão da constante turbulência das populações americanas. (ROMÉRO, 1888, p. 858, grifo nosso).

Segundo o autor, os desequilíbrios sociais só existiam por conta do processo de miscigenação racial. Estudos como da craniologia técnica reforçavam o determinismo da natureza biológica da conduta delinquente do indivíduo, sendo a criminalidade um comportamento não apenas físico, mas também biológico. Sylvio Roméro tem seu pensamento atrelado ao de Ratzel no tocante ao determinismo geográfico, em que o meio influenciava na condição moral, intelectual e social do indivíduo. Quando Sylvio Roméro faz uma observação da agitação desarmoniosa das sociedades americanas, ele se refere à forma como foi feita a povoação, com as relações inter-raciais. Estas possibilitaram o surgimento de uma população local considerada degenerada por conta da sua hereditariedade. Schwarcz (1994) salienta que a miscigenação reforçava a ideia de diferentes linhagens de raças humanas, contudo “[...] deveriam ver na hibridação um fenômeno a ser evitado” (SCHWARCZ, 1994, p. 57).

Embora a mistura racial não tenha sido vista com bons olhos no início, pois as características de determinado grupo, a exemplo dos negros, poderiam aflorar como se estes fossem mais propícios a cometerem crimes e outros atos infracionais, é na figura do mestiço inserida a representação de um modelo de evolução, bem como de atraso. Eles eram considerados como indícios definidores que fortaleciam a degeneração e, assim, o atraso da nação. Entretanto, as características biológicas advindas do cruzamento racial se intensificavam segundo os estudiosos da época, principalmente elementos de cunho degenerativo. Observa-se na citação a seguir o que Sylvio Roméro afirma sobre a formação do indivíduo a partir da miscigenação:

O character pratico do portuguez, alliado a raças tropicaes, como a tupy e a africana, **não produziu somente entre nós o typo sensual e debochado da mulata, esse fermento de aphrodisismo pátrio;** produziu também aqui e alli uma certa lucidez de espirito, uma intuição prompta e segura, que constitue o melhor titulo de nossas populações em geral (ROMÉRO, 1888, p. 59, grifo nosso).

Por assim afirmar, o autor faz um apanhado sobre as características sociais da população brasileira. Elementos que eram atrelados ao imaginário social, como a cultura popular por meio da poesia dos folguedos folclóricos.

No entanto, o homem e a mulher têm particularidades que os tornam diferentes dentro desse processo de miscigenação. Um com a força, a malícia, a malandragem; e o outro caracterizado como modelo sexual. Observa-se que tais elementos caracterizam a hipersexualização do corpo negro, sendo este um aspecto que proporcionou também a aproximação dos senhorzinhos da casa grande a senzala. Portanto, a mulher negra além de servir para os afazeres da casa grande também era objeto de prazer dos senhores de escravos.

A sexualização era fruto do imaginário popular em que a mulher mestiça do corpo atraente, com aspectos delicados por conta da mistura genética e seu tom provocativo sexual, foi historicamente construída. Para Schwarcz (2001), o discurso do modelo racial estava voltado ao modelo cultural, e não apenas atrelado às diferenças biológicas, porém ao mesmo tempo símbolos foram incorporados. Schwarcz (2001) relata:

A figura da mulata, que, exótico e sensual, convertia-se cada vez mais em ícone de determinada brasilidade. O certo é que, nas mãos de um discurso de cunho nacionalista, uma série de símbolos vai virando mestiça, assim como uma alentada convivência cultural e miscigenada torna-se modelo de igualdade racial (SCHWARCZ, 2001, p. 30).

A autora nos mostra que as teorias evolucionistas do século XIX provocavam uma visão idealizada e estereotipada de sexualização do corpo negro e utilizam a mulher negra como símbolo sexual por conta dos “atributos”: o corpo atraente, cheio de curvas. Tal característica provocava no imaginário social a ligação da mulher negra à devassidão, sem nenhum pudor sexual, já que a malícia e o caráter perturbador e degenerativo são características genéticas intensificadas por conta da miscigenação racial.

A figura da “mulata” é representada na literatura como um ser atraente e misterioso. No entanto, o branqueamento lhe proporcionou o recebimento diferente na forma de ser tratado, diferente do negro apresentado apenas como um objeto de servidão.

Ao voltar o olhar a ela, observa-se que a conveniência cultural e a mobilização dos repertórios transformaram em rito “[...] o corpo mulato pela sua representação embranquecida, nega o próprio corpo para se encaixar no corpo ‘belo’ do branco, tornando-a protagonista de um espetáculo no qual o objetivo

principal se torna tão somente a comercialização destes corpos” (CUNHA; PAIVA, 2017, p. 5). O estereótipo de beleza ainda era associado à europeia, no entanto, a mulata está associada à representação da evolução racial do negro, segundo o darwinismo, por conta do clareamento da pele. Ela ainda possui traços físicos que remetem aos seus ancestrais, os negros, mesmo com a negação de seu próprio corpo. Entretanto, Sylvio Roméro afirma:

Sabe-se que na mestiçagem a selecção natural, ao cabo de algumas gerações, faz prevalecer o typo da raça mais numerosa, e entre nós das raças puras a mais numerosa, pela immigração européa, tem sido, e tende ainda mais a sê-lo, a branca. E' conhecida, por isso, **a proverbial tendência do pardo, do mulato em geral, a fazer-se passar por branco, quando sua cor pôde illudir** (ROMÉRO, 1888, p. 67, grifo nosso).

Deste modo, para Sylvio Roméro, a cor pode ser negligenciada a alguns, pois com mistura racial a tez retinta acaba se tornando amena, recebendo uma espécie de branquitude. O que proporciona tal característica é o fato de a própria seleção natural¹⁷ se sobressair a uma certa raça, sendo que outras não vão mais existir, pois o darwinismo social estabelece na hereditariedade o melhor ajustamento e a “[...] melhoria da adaptação das raças constitutivas da nacionalidade” (DÓRIA, 2007, p. 20). Tanto Dória (2007) como Sylvio Roméro nos mostram que na cadeia evolutiva do darwinismo social os mestiços estavam acima dos negros. Entretanto, estariam ligados por conta dos vícios e características relativas à própria raça. Na tentativa de um embranquecimento e de acelerar esse processo eugenista, intensificou-se no final do século XIX a vinda de imigrantes europeus em terras brasileiras. No que se refere aos efeitos da entrada de imigrantes, Schwarcz afirma:

Com efeito, tingido pela entrada maciça de imigrantes — brancos —, introduziu-se no Brasil um modelo original que, em vez de apostar que o cruzamento geraria a falência do país, descobriu nele as possibilidades do branqueamento. Dessa forma, paralelamente ao processo que culminaria com a libertação dos escravos, iniciou-se uma política agressiva de incentivo à imigração ainda nos últimos

¹⁷ Lamarck (1809) publicou o livro *Filosofia Zoológica* afirmando que o ambiente em mudança fazia com que os organismos mudassem de comportamento adaptando-se ao meio. Desta forma, há leis de evolução, entre elas a Lei de transmissão dos caracteres adquiridos, em que “a concepção de que as características adquiridas por um indivíduo durante sua vida são herdadas por seus descendentes” (MARTINS; MARTINS, p. 1, 1996). A teoria de Lamarck influenciou no desenvolvimento da teoria de Darwin na evolução das espécies.

anos do Império, marcada por uma intenção também evidente de “tornar o país mais claro” (SCHWARCZ, 1998, p. 187).

A vinda dos imigrantes europeus para o Brasil não foi realizada de maneira aleatória. O objetivo era muito evidente e claro: branquear uma população cuja maioria era composta por negros, mulatos e mestiços. Civilizar a população era um objetivo a ser alcançado. Esses europeus tinham o papel de ocupar a mão de obra dos negros, com o diferencial de que eram pessoas livres e receberiam pelo seu trabalho.

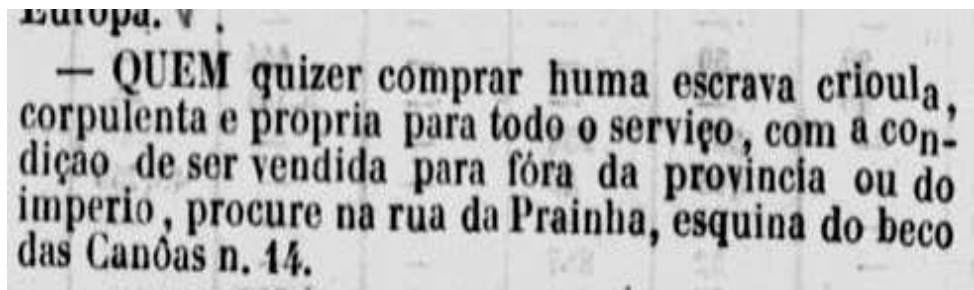
Indubitavelmente, as teorias evolucionistas foram utilizadas para justificar a “[...] desigualdade como inferioridade, mas também para apostar numa miscigenação positiva, contando cada vez mais branco” (SCHWARCZ, 2001, p. 43). Buscava-se uma civilidade por meio da cor, pois mestiços e mulatas estavam ligados “ao branqueamento”, representando a negação a uma cor criando no imaginário popular a figura sensual da mulata. O apelo sexual ainda era uma das características sustentadas na representação mestiça do processo evolutivo do branqueamento. “Através dessa figura mítica, fica implícito não só a intenção de trazer uma espécie de branqueamento a esta personagem, mas uma representação daquilo que deveria ter permanecido no passado” (CUNHA; PAIVA, 2017, p. 4). Esses autores evidenciam a principal finalidade do evolucionismo racial, a purificação atrelada à cor, apoiando os atributos propícios ao apelo sexual, contudo, com novas aparências. No entanto, apresentam o mesmo significado, pois a relação evolutiva do negro ainda tinha um caráter de incivilidade.

Com relação à adaptação das teorias importadas, Schwarcz (1998) afirma:

No entanto, as teorias não foram apenas introduzidas e traduzidas no país; aqui ocorreu uma releitura particular: ao mesmo tempo que se absorveu a ideia de que as raças significavam realidades essenciais, negou-se a noção de que a mestiçagem levava sempre à degeneração. Fazendo-se um casamento entre modelos evolucionistas (que acreditavam que a humanidade passava por etapas diferentes de desenvolvimento) e darwinismo social (que negava qualquer futuro na miscigenação racial) — arranjo esse que, em outros contextos, acabaria em separação litigiosa —, no Brasil as teorias ajudaram a explicar a desigualdade como inferioridade, mas também apostaram em uma **miscigenação positiva, contanto que o resultado fosse cada vez mais branco**. (SCHWARCZ, 1998, p. 186-187, grifo nosso).

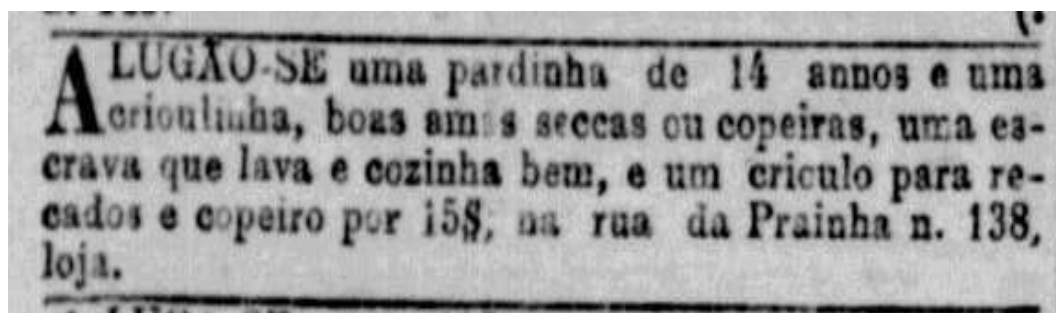
Vale ressaltar como as teorias evolucionistas, mobilizadas no repertório de escrita de Sylvio Romero, reafirmam o caráter moral do branco por meio de simbologias que conotam civilidade por intermédio da naturalização de um discurso tão forte no Brasil oitocentista. O ponto central era o homem branco, sujeito que na classificação evolutiva está “[...] com ilusões de superioridade natural” (CHALHOUB, 1990, p. 39), o que legitima o discurso vigente da época de evolução social por meio da cor. A mobilidade racial dada por intermédio da cor possibilitava status ao negro. Alguns escravos, ao serem anunciados à venda, tinham seus aspectos físicos mais finos enaltecidos e, assim, provocavam a atenção de algum provável comprador.

Figura 10 – Anúncio de venda de escrava



Fonte: Hemeroteca digital brasileira. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_03&pesq=escrava&pasta=ano%20184>. Acesso em: 10 jul. 2017.

Figura 11 – Anúncio de venda de escrava



Fonte: Hemeroteca digital brasileira. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/364568_07/30>. Acesso em: 10 jul. 2017.

As expressões “corpulentas”, “pardinha” e “crioulinha”, evidenciadas nas figuras 10 e 11 em anúncios de jornais, denotam escravas com estereótipos físicos suaves. No primeiro anúncio, a expressão “corpulenta” denota uma escrava com biótipo mais sensual, que além do trabalho da casa talvez poderia ceder aos prazeres de seu senhor. Embora os senhores cedessem aos prazeres sexuais ao se deitarem com suas escravas, suas esposas deveriam ser mulheres respeitáveis. O

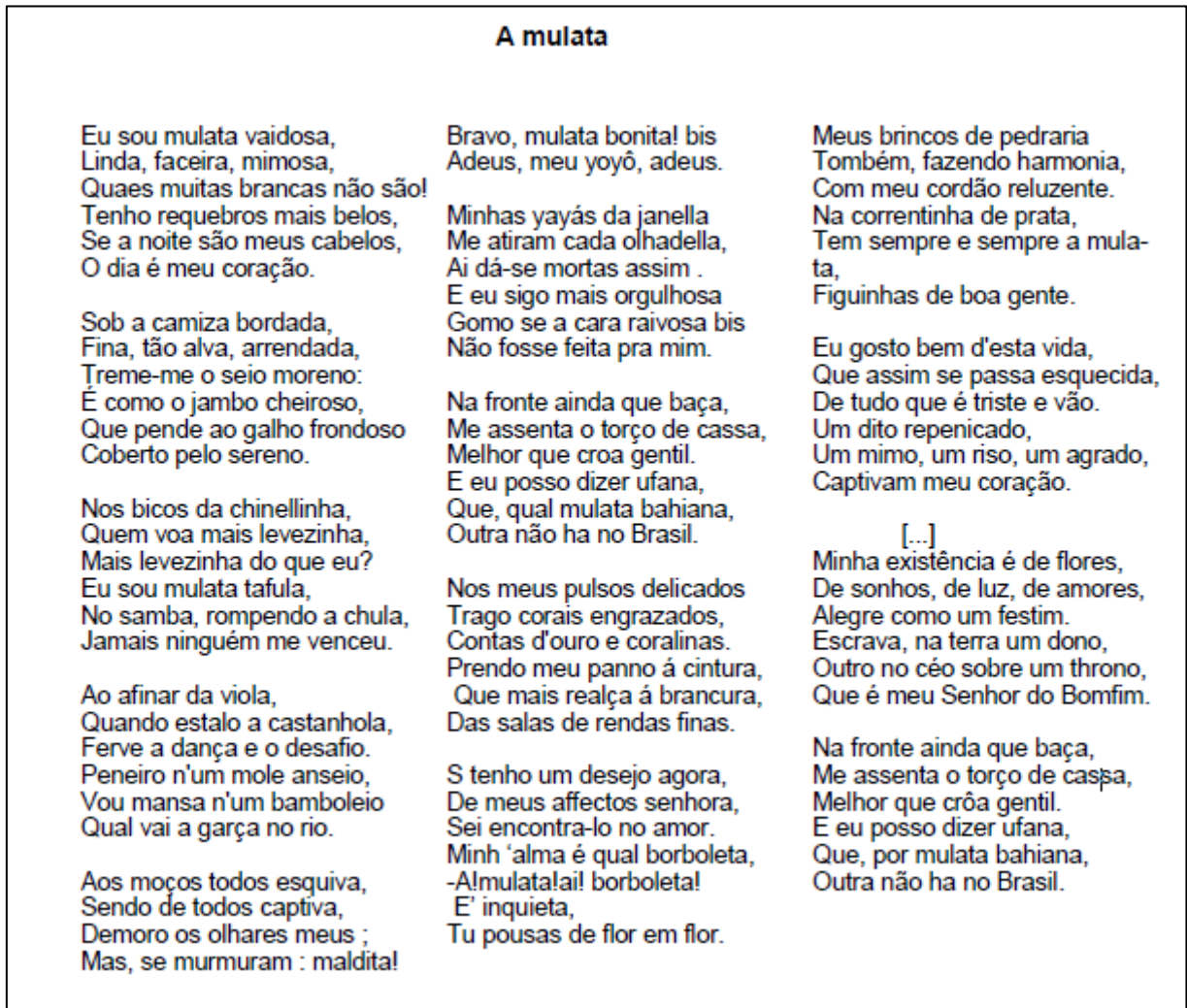
apreço pelo cuidado com a família era seu principal papel, ou seja, os cuidados da casa. Entretanto, com relação ao papel sexual, tanto a branca quanto a mulata tinham seus lugares definidos. De acordo com Beckles:

Percebe-se que os homens brancos possuíam uma tipologia sexual na qual as mulheres brancas eram valoradas pela formalidade e respeitabilidade doméstica, as mulatas pela excitante companhia socio-sexual, e as mulheres negras pela possibilidade de exploração sexual sem necessidade de qualquer estruturação ou exposição (BECKLES, 2017, p. 13).

Na constituição social do papel da mulher, observamos papéis bem distintos: a esposa uma senhora com suas obrigações familiares; a mulata como companhia sexual, e até mesmo exibidas como concubinas. Já a escrava negra, mesmo sendo explorada sexualmente pelo seu senhor, era uma espécie de amante invisível. No entanto, a exploração sexual era muito frequente entre os senhores para com as escravas negras. Essas mulheres geraram filhas “mulatas que no mercado de escravos atingiam preços mais elevados do que elas mesmas”. (BECKLES, 2017, p. 14). No que se refere à mercadoria, bem como à propriedade, seu valor era bem mais alto quando sua tez fosse mais clara. Os senhores não escondiam o apreço por escravas de tez clara, sendo as mulatas suas preferidas no ato de compra, graças ao seu alto valor e também à possibilidade de estas gerarem filhos bem mais claros que elas.

Além de terem traços e características físicas ainda semelhantes às escravas negras, a objetificação das mulatas era um dos fatores que elevavam o preço no comércio de escravos. Para ilustrar o estereótipo em torno da mulata, o jornal *Carbonario: Orgão do Povo* (RJ) – (1882) trazia um poema de Melo Morais Filho¹⁸ que caracteriza a tipologia desse sujeito.

¹⁸ Poeta, folclorista, jornalista, memorialista, etnógrafo, médico e diretor do Arquivo Municipal do Rio de Janeiro.

Figura 12 – Poema *A mulata*

Fonte: Hemeroteca digital brasileira. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/332771/396>>.

Acesso em: 10 jul. 2017.

Nesse poema, o autor trata dos estereótipos raciais e elementos que tipificam a mulata como tenra, dócil, bonita, entre outros atributos, diferenciando a mulata da mulher branca e identificando-a com um ser sensual e provocativo. Desta maneira, tenta retratar como ela utiliza esses atributos para viver no regime escravocrata como uma espécie de resistência e de luta.

Por outro lado, o poema mostra o perfil da sinhá, muitas vezes mulheres que se utilizavam de seu status para atribuir castigos severos às escravas belas que eram exploradas sexualmente por seus senhores. Numa tentativa de vingança ou de uma maneira para descarregar seu ódio à situação de submissão que viviam no

regime patriarcal, promoviam nas escravas as piores e sangrentas punições. Freitas (2011) descreve como eram feitos esses castigos quando afirma:

As mulheres brancas, talvez como forma de compensação da submissão que padeciam aos maridos, exageram no sadismo quando puniam alguma escrava, exagero esse que não era frequente no caso da punição aos escravos. Numa leitura psicológica, podemos entender que também exteriorizavam a libido – energia sexual reprimida – nestas torturas. Literalmente, destroçavam dentes de negras com o sapato e outras que mandavam contar os mamilos das negrinhas recém entradas na puberdade, como se elas fossem as responsáveis pelos olhares gulosos dos esposos brancos (FREITAS, 2011, p. 5).

Tanto o poema de Melo Moraes Filho, como as palavras de Freitas (2011) mostram características distintas das escravas e das sinhás. A escrava, na figura da mulata, que se utiliza de sua sensualidade natural para angariar recursos e assim sobreviver na sociedade escravocrata; e a sinhá que se utiliza de seu status para vingar-se dos senhores através dos castigos dados as negras.

No entanto, o poema caracteriza a mulata como alguém que não possui medo, que se utiliza da beleza como defesa. É nesta representação da mulher que se identificam algumas características que são próprias da raça. Como exemplo, a esperteza, a malandragem, expressões que denotam características raciais expressas por Sylvio Romero em *História da Literatura Brasileira*. A preferência dos senhores pelas mulatas era um dos fatos que separavam as mulheres negras das mestiças no momento de obtenção de benefícios sociais e econômicos “[...] com homens brancos de bens” (BECKLES, 2001, p. 14). Assim, as mulatas obtinham bem mais sucesso por conta do embranquecimento, no entanto tinham características sensuais da mulher negra, herdadas por meio da hereditariedade. Sylvio Romero relata na citação a seguir como as relações foram se modificando com o mestiçamento:

O cruzamento modificou as relações do senhor e do escravo, trouxe mais doçura aos costumes e produziu **o mestiço, que constitue a massa de nossa população, e em certo grau a beleza de nossa raça**. Ainda hoje os mais lindo os mais lindos typos de nossas mulheres são essas moças ágeis, fortes, vividas, de tez de um doce amorenado, de olhos negros, cabelos bastos e pretos, sadias, jovens, em cujas veias circulam, por certo já bem diluídas, muitas gottas de sangue africano (ROMÉRO, 1888, p. 108, grifo nosso).

Beckles (2001) e Sylvio Romero mostram que a relação entre os senhores e suas escravas, bem como dos tipos físicos gerados por este contato, dão origem às características peculiares como força, olhos negros, entre outras. Além disso, evidencia como essas características foram importantes para composição da população brasileira possibilitando uma espécie de suavidade, já que os descendentes teriam os traços mais finos, caracterizando uma pura aplicação do darwinismo. Observa-se também um novo perfil não tipicamente negro, mas mestiço, tendo as mesmas características sensuais da negra. No entanto, com uma fisionomia suavizada com traços finos, aproxima-se do ideal traçado na teoria da evolução. No que se refere à ideia de purificação racial e biológica, Schwarcz reitera:

Vinculados e legitimados pela biologia, a grande ciência desse século, os modelos darwinistas sociais que constituíram-se em instrumentos eficazes para julgar povos e culturas, a partir de critérios deterministas, e, mais uma vez, o Brasil surgia representado como grande exemplo; dessa feita, um “laboratório racial” (SCHWARCZ, 2001, p. 22).

De acordo com as teorias da época, pode-se afirmar ser o mestiço um sujeito mais próximo da evolução. Isso se dá por ele ser fruto da mistura diversificada de várias raças, provocando uma espécie de pureza. Outro ponto foi o auxílio na implantação de uma política que favorecesse a vinda de imigrantes europeus para o Brasil e assim fosse intensificado o processo de mistura racial. Trata-se de compreender como

[...] esse saber sobre as raças implicou, por sua vez, um “ideal político um diagnóstico sobre a submissão ou mesmo a possível eliminação das raças inferiores, que se converteram em uma espécie de prática avançada do darwinismo social — a eugenia¹⁹ —, cuja meta era intervir na reprodução das populações (SCHWARCZ, 1993, p. 60).

O movimento eugenista primava pela eliminação de uma raça para outra se sobressair. Os fatores biológicos repassados por meio da hereditariedade auxiliavam para que este processo evolutivo fosse concretizado, pois de acordo com as teorias evolucionistas, a adaptação ao meio era importante para constituição desse

¹⁹ “O termo “eugenia” — eu: boa- getius: geração — foi criado em 1883 pelo cientista britânico Francis Galton” (SCHWARCZ, 1993, p. 60).

processo. Sylvio Romero (1888, p. 2012) afirma que “[...] para contrabalançar as influências hereditárias da raça, por exemplo, existem as influências transmitidas pela educação, pela seleção artificial da cultura”. Percebe-se que a limpeza racial não poderia ser feita apenas com o embranquecimento da população. Portanto, era preciso um branqueamento cultural, tendo em vista a eliminação de qualquer resquício cultural de traços da ancestralidade negra que seria transmitido por meio da oralidade ou da repetição. Vale ressaltar, sobretudo, que um dos fundamentos da eugenia da civilização era a junção do cruzamento de raça e cultura num processo físico, histórico e cultural. Num sentido de mobilização cultural por meio da educação, pois:

[...] vale dizer que tomar uma posição sobre o caráter desejável ou indesejável de uma raça de imigrantes implicava avaliar sua contribuição biológica e cultural também, avaliar a disponibilidade da raça imigrada a oferecer tais contribuições ao povo brasileiro, se deixando assimilar (RAMOS, 1996, p. 75).

Isso caracteriza uma negociação simbólica de critérios que colocam em primeiro plano não apenas a limpeza racial, mas também cultural de uma raça. Em virtude disso, seria necessário viabilizar meios para apenas uma raça biologicamente evoluída numa nova constituição social, o homem branco com as características do europeu. Diante do exposto, como as teorias evolucionistas – a exemplo, o darwinismo – foram utilizadas como elementos mobilizadores no processo de branqueamento racial no Brasil oitocentista?

3.2 “O transformismo darwiniano”: evolução racial em terras tupiniquins

Muitos nos decantaram as morenas, as moreninhas, as formosas côr de jambo; muitos chegaram até às mulatas, às dengosas mulatinhas com seus cabeções rendados a enfeitiçar toda a gente e outras pieguices da espécie.

Ninguém jamais se lembrou do negro, nem como ente humano, nem como escravo (ROMÉRO, 1888, p. 1111).

Por intermédio da citação acima, ressalta-se em textos literários a exaltação aos traços finos dos mestiços: “morena”, um elemento característico da literatura oitocentista, que reforçava a importância do branqueamento racial para tornar-se uma nação civilizada. No entanto, observa-se que pouco se retrata sobre o negro,

tornando-se muitas vezes invisibilizado nessas obras, e quanto citados não recebem nomes. São apenas o negro, o negrinho, o moreno, a moreninha, dentre outros estereótipos. Muito embora em sua obra *História da Literatura Brasileira* Sylvio Romero mobilize teorias estrangeiras na composição de uma historiografia da literatura, observa-se que o autor tece críticas à forma como o eugenismo seria praticado. O negro continuaria como figura marginalizada e invisível nesse processo de desenvolvimento social. Todavia, ele acredita na necessidade de um transformismo social que só poderia ser alcançado por meio da cor.

Pode-se salientar que esta visão de invisibilidade do negro também era vista pelos viajantes estrangeiros. Esses relatavam em cartas, diários e outros escritos que a população brasileira era uma população feia, com traços grosseiros sem nenhum indício de etiqueta, porém esses mesmos viajantes estrangeiros consideravam a sociedade como um grande “laboratório racial”, na qual a evolução histórica do povo brasileiro era atrelada ao negro não apenas no plano econômico como ferramenta de trabalho, mas como “sujeito” por meio da “[...] cor da pele e lugar social” (SILVÉRIO, 2012, p. 18). O negro tem seu lugar como indivíduo inferior, sendo que a cor promovia as relações existentes entre a casa grande, a senzala e a sociedade. Para justificar o lugar social do negro, que merecia ser escravizado por conta da sua cor, “[...] as teorias raciais permitiam naturalizar algumas desigualdades” (MATTOS, 2009, p. 354). Argumentava-se que grupos considerados racialmente inferiores mereciam o lugar de submissão, para assim justificar a escravidão.

Certamente, a noção de raça formulada a partir das teorias estrangeiras, com ênfase nos fatores biológicos, servira de modelo para fundamentar não “[...] apenas o conceito de raça moderno [como] uma construção do século XIX, mas a racialização da justificativa da escravidão Americana” (MATTOS, 2009, p. 354). Com isso, os grupos racialmente inferiores eram submetidos ao trabalho braçal, sendo que o “[...] negro era considerado uma machina²⁰, na qual devia estupidificar-se para produzir” (ROMÉRO, 1888, p. 118).

Desta forma, o negro era considerado uma ferramenta ou uma máquina, e sua existência deveria ser apenas voltada à servidão. Apesar da condição, é na figura do mestiço que Sylvio Romero visualizava o início do processo evolutivo

²⁰ Ferramenta de trabalho.

racial, já que a relação dos senhores com as suas escravas proporcionou uma espécie de limpeza racial. Entretanto, os mestiços “quando livres, eram tratados com rigor; porque se tinha certeza de encontrar sua origem nas senzalas” (ROMÉRO, 1888, p. 119). Mesmo na condição de liberto, o mestiço tinha a sua condição social atrelada à cor. Desta forma, Mattos afirma (2009, p. 358), “[...] a moderna noção de raça não passava de uma nova solução, mas um problema”, pois ela é fruto da concepção social, solidificada por meio da racialização.

As expressões com características raciais mobilizadas por Sylvio Romero em *História da Literatura Brasileira* têm conotação de racialização. Deste modo, é o “[...] processo que estabeleceu paulatinamente um vínculo naturalizante e essencializado entre subalternidade e aparência física no Brasil, processo esse vinculado ao desmonte da instituição escravista” (SILVERIO, 2012, p. 18). As teorias evolucionistas proporcionaram a legitimação das práticas excludentes, tendo a cor como referência para tal. Assim, a racialização era o recurso que naturalizava e solidificava, atribuindo sentidos às relações sociais. Durante esse processo de afirmação do lugar do negro por meio da cor, expressões foram criadas para se reportar a ele. De certa forma, foi “[...] como condição linguística para expressar a nova realidade, sem recair ao estigma da escravidão” (MATTOS, 2009, p. 357). Para analisar como foi construída historicamente a relação da formação étnica, elaborou-se um quadro com algumas expressões elencadas por Mattos (2009) para se reportar à realidade do negro liberto.

Quadro 8 – Características raciais

Expressões	Significados
Pardos livres	Ex escravos
Pessoas livres de cor	Ex escravos
Classe das pessoas de cor	Referida à população negra
Mulato	Ligado à mestiçagem
Mestiço	Mulato claro
Negros	Escravos forros
Pretos	Escravos forros

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Mattos (2009).

A partir das expressões utilizadas no quadro, observa-se que essas eram utilizadas para legitimar o lugar do negro enquanto sujeito social, que tinha seu lugar de servidão. No entanto, mesmo estando na condição de liberto, o negro também apresentava seu lugar social a ser ocupado. Desta forma, existia a necessidade da utilização de outros termos atrelados à racialização para diferenciar esses tipos de sujeito, pois, neste contexto, a “[...] linguagem, deverá estabelecer vínculos entre a comunicação e a ideologia” (FLORY, 1997, p. 19).

Com um caráter ideológico, esses termos exemplificam a mentalidade da sociedade escravista, já que a mobilização de um repertório também se faz com a naturalização de um discurso. Para ilustrar o sistema do processo de miscigenação, observa-se o quadro abaixo.

Quadro 9 – Tipo étnicos / valor social da miscigenação no Brasil

Raças	Características	Valor social
Branco	O ideal tipo étnico	Superior
Mulato	Tipo intermediário étnica e socialmente. Cruzamento do negro com branco.	Inferior ao branco.
Mameluco	Tipo intermediário étnica e socialmente. Cruzamento do índio com o branco.	Valorizado simbolicamente em certa época do século XIX - Atualmente compõe a massa do campesinato pobre
Cafuzo	Cruzamento do índio com o negro.	Tipo intermediário igualado étnica e socialmente ao negro. Inferiorizado por este motivo.
Pardo	Tipo indeterminado etnicamente e pode ser - Mulato (também chamado cabra, quando pobre) - Moreno escuro. - Moreno claro. - Moreno jambo etc.	Socialmente qualificado pelo status social.
Índio	Tipo etnicamente folclorizado.	Sociopoliticamente tutelado.

Negro	A negação do ideal tipo étnico, social e estético escolhido pela estrutura de poder dominante, quer no passado escravista quer no presente.	Inferior
-------	---	----------

Fonte: Adaptado pela autora a partir de MOURA, Clovis. **Dialética Radical do Brasil Negro**, 1994, p. 154.

Utilizando termos elencados por Moura (1994), o quadro 9 – intitulado “Tipo étnicos / valor social da miscigenação no Brasil” exhibe os resultados dos diversos processos de miscigenação, elencando características de algumas raças e o seu valor social. Tanto Moura (1994) como Roméro (1888) classificam o valor social de cada raça com características e sua importância no valor evolutivo, bem como os vícios degenerativos causados pelo cruzamento racial. Sylvio Roméro salientou que:

A hereditariedade representa os elementos estáveis, staticos, as energias das raças, os dados fundamentaes dos povos; é o lado nacional nas litteraturas. A adaptação exprime os elementos moveis, dyiamicos, genéricos, transmissíveis de povo a povo; é a face geral, universal das litteraturas. São duas forças que se cruzam, ambas indispensáveis (ROMÉRO, 1888, p. 16).

O pensamento racial sustentado é amparado em afirmações biologicamente construídas e possibilitou a racialização de uma identidade nacional. As características físicas não ficam estatizadas e permitem mobilidade evolutiva e social ao indivíduo. Indo ao encontro com Sylvio Roméro, Schwarcz (1993) relata como era ratificado o branqueamento racial e algumas características desse processo de eugenia legitimado pela ciência. De acordo com a autora:

Como ciência ela supunha uma nova compreensão das leis da hereditariedade humana, cuja aplicação visava a produção de “nascimentos desejáveis e controlados”; enquanto movimento social, preocupava-se em promover casamentos entre determinados grupos e — talvez o mais importante — desencorajar certas uniões consideradas nocivas à sociedade” (SCHWARCZ, 1993, p. 60).

A união inter-racial não era vista com bons olhos ainda que proporcionasse a gestação de filhos mestiços. O ideal seria que as pessoas de seu próprio grupo racial se relacionassem entre si. Este movimento foi um meio para criação de políticas públicas que favoreciam a vinda de estrangeiros oriundos da Europa.

Todavia, “[...] novas levas de imigrantes europeus propiciaram a extenuação de nosso povo; conjuremos-a²¹ por meio de todos os grandes recursos da sciencia” (ROMÉRO, 1888, p. 61). O objetivo da vinda destes povos era o enfraquecimento racial dando ênfase ao apagamento da raça. O embasamento científico era atrelado as teorias de evolução racial numa tentativa de eliminar em três ou quatro séculos qualquer resquício que esteja relacionado à cor do negro.

O embranquecimento da população seria atenuado e daria um caráter civilizado ao povo, fortalecendo uma espécie de nova identidade nacional. Assim, as relações raciais seriam delimitadas numa tentativa de limpeza racial acabando com o título de nação composta por mulatos. A vinda desses imigrantes tinha a função de branquear, e não apenas de ser uma mão de obra livre com uma nova prática e manejo nas lavouras. Para tanto, esses recursos das ciências ditos por Sylvio Roméro eram a clara aplicação das teorias evolucionistas atreladas às articulações políticas que inseriam em regiões específicas do Brasil os imigrantes europeus.

A formação popular estaria no estágio inicial de consolidação, entretanto não significa que constituiria uma “nação de mulatos”. Assim,

[...] nossa phyciologia popular é um producto desse estado inicial. Não quer dizer que constituiremos uma nação *mulatos*; **pois que a forma branca vai prevalecendo e prevalecerá; quer dizer apenas que o europeu alliou-se aqui a outras raças**, e desta união saiu o genuino brasileiro, aquelle que não se confunde mais com o portuguez e sobre quem repousa o nosso futuro”. (ROMÉRO, 1881, p. 91, grifo do autor).

O autor fez provocações com relação ao destino da população, com ênfase na raça, pois o Brasil foi erguido socialmente tendo como elemento e força de trabalho o negro. A relação que este obteve com o português criou o mulato, que, segundo as teorias evolucionistas, seria o mais elevado grau de evolução, sendo que seu cruzamento com o homem branco eliminaria qualquer resquício de seus ancestrais. Refirma-se que tais pensamentos evolucionistas favoreceram na mobilização da lei de incentivo à vinda de imigrantes europeus, tendo esta legislação características de outros países que buscavam também embranquecer a população. De acordo com Silveira (2016), para tal empreitada, seria preciso mobilização de

²¹ Grafia da obra.

setores políticos e econômicos para a aplicação do branqueamento racial. De acordo com o autor:

Todo o seu empreendimento científico estava assentado em duas sólidas bases: a hereditariedade e a estatística, cruzadas na construção de estudos de séries, verdadeiros inventários das melhores matrizes para a geração das “raças futuras” na medida que buscava “a média como fundamento empírico da norma, em matéria de caracteres físicos humanos” (SILVEIRA, 2016, p. 95).

Partindo do que afirma o autor, entende-se que para a aplicação do branqueamento racial seria preciso realizar um estudo populacional com o indicativo das áreas com maior índice de negros, pardos e mulatos. Estas seriam selecionadas e seriam inseridos o maior quantitativo de imigrantes, tendo como respaldo o aparato jurídico numa tentativa de redenção racial feita por meio do branqueamento populacional, muito embora a formação social brasileira possuía características próprias. Da escrita de Sylvio Romero (1888) pode-se ler que:

A lei que rege a historia brasileira é a mesma que dirige a de qualquer outro povo: a evolução transformista. Por maior que seja a cegueira dos imitadores, a precipitação dos copistas e plagiários, sempre a literatura brasileira não é uma cousa que lhes pertença exclusivamente e que possam atirar para o *Chiado*, ou para o Levante, conforme lhes vier á estultice. Apesar de tudo, um povo é sempre o factor principal de sua vida e de sua litteratura. (ROMÉRO, 1888, p. 841).

As leis e a literatura sofreram influências de teorias importadas da Europa. Seus arredores literários se encontravam definidos, pois os personagens das narrativas construídas eram emoldurados a partir das narrativas determinadas pelas teorias evolucionistas do Brasil oitocentista. Rabello (1967) afirma que os problemas sociais e literários “[...] foram por êle considerado sob o critério das suas doutrinas – sob o critério de Darwin e de Spencer de início, e mais tarde de Le play e Demolins” (RABELLO, 1967, p. 70). Com a circulação dessas teorias, pode-se analisar a matriz desses problemas como também sua solução, a partir de sua clara aplicação em alguns aspectos sociais que foram extremamente interligados à inferioridade das raças.

Por outro lado, o autor tece críticas às formas de produção da literatura, a qual para ele não é um produto criado com originalidade. Segundo Sylvio Romero (1888), a literatura não passa

[...] em nossa qualidade de povo superficial e semi-barbaro no fundo, nós não podemos ainda passar sem affectações. Não sendo aqui a litteratura um producto forte, original, espontâneo de uma raça enérgica, pois em rigor ella não passa de um negocio de imitação do estrangeiro em sua quasi totalidade, nós andamos a chorar ou a rir, conforme nos tocam de fora... (ROMÉRO, 1888, p. 779).

Apesar das contribuições do negro e do índio no que se refere ao aspecto cultural, o carácter imitativo literário provoca o esvaziamento e a falta de originalidade na constituição do enredo literário. Esses enredos são carregados de discursos de um tempo espacial, que ao serem proferidos trazem verdades de sua época e também a necessidade de tornar este como verdade. Ao ter como base teórica as teorias estrangeiras, o autor mobiliza uma nova concepção de crítica literária e de formulação de sua formação, tendo como exigência a cientificidade, e não uma troca de sutilezas. Para Sylvio Roméro:

Todas as notas são possíveis n'uma litteratura, predominando esta ou aquella, conforme a indole do povo, e a maior ou menor complexidade ou intensidade dos temperamentos individuaes. Os nossos melhores poetas condoreiros tiveram isto de bom: não foram frívolos, nem tetricos; ao lado de muitas paginas por onde coam lagrimas, quantas paginas entusiasticas e festivas! A vida é isto (ROMÉRO, 1888, p. 780).

Diante da afirmativa do autor, entende-se a literatura como a representação do real; no entanto, ela não é a realidade. Aspectos do povo são incorporados na composição desta. Souza (1976, p. 208) afirma que “[...] a literatura de um povo era o retrato fiel de nossas peculiaridades de vida, história, vigor intelectual, linguagem, identificação de nossos brios personalidade, origem e tradição”. Para o autor supracitado, os elementos que compõem a literatura, bem como a mobilização das teorias importadas adaptadas por estes, representam uma época com suas ideologias e formas de pensar. Desta forma, a “[...] acção do meio physico e social, a parte da *natura* e a parte da *cultura* insistiam nos elementos hereditários accumulados na *raça* e em elementos novos provenientes da *educação scientifica*”. (ROMÉRO, 1888, p. 857, grifo do autor). A hereditariedade também era um meio de transmitir aspectos da cultura popular, e não apenas aspectos físicos, bem como morais e sociais. No entanto, alguns viajantes, como o naturalista Conde Arthur de

Gobineau²², não viam de forma positiva as características biológicas que formavam o povo brasileiro.

Em uma visita diplomática ao Brasil, no ano de 1869, Gobineau não vira a miscigenação com bons olhos e considerava-a como degeneração. A “[...] mestiçagem existente no Brasil era não só descrita, mas também adjetivada por esses pesquisadores estrangeiros, constituindo-se uma pista para explicar o atraso, ou a possível inviabilidade de nação” (SCHWARCZ, 2001, p. 26). Muito embora a demora no desenvolvimento da civilidade da nação seja relacionada à mestiçagem, era por meio dela que o progresso seria desenvolvido. Neste sentido, “[...] o modelo que implicava a crença num clareamento moral geral não só físico - tudo, em menos de um século e num espaço de três gerações” (SCHWARCZ, 2001, p. 27). A evolução racial adquirida com o branqueamento da população tornou-se uma ferramenta de cunho político.

À luz de tal ordem de apreciações por parte do Conde de Gobineau, torna-se possível entender seu interesse em estimular a vinda de imigrantes europeus, arianos. Essa tentativa de eleger um grupo étnico como prioritário para a imigração expressa por Gobineau anuncia uma tendência que se tornaria muito forte na passagem do século XIX às primeiras décadas do século XX: a política eugenista de imigração (SILVEIRA, 2016, p. 95).

Alonso (2002) afirma que “[...] as referências europeias se apresentam nas formas de falar” (ALONSO, 2002, p. 54). A mobilização do pensamento racial em terras brasileiras foi adaptada e aplicada em diversos espaços, entre eles na literatura e nos jornais. Estes foram um dos meios de divulgação dessas teorias na tentativa de propiciar um caráter civilizatório, naturalizando alguns aspectos que reafirmam tal pensamento racial. Portanto, a miscigenação era tida como objetivo de limpar a nação, buscando um transformismo darwiniano.

Na *História da Literatura Brasileira* de Sylvio Romero observou-se que, à luz das teorias evolucionistas, o autor exemplifica em seu discurso uma linguagem racializada que é representada por meio de expressões carregadas de sentidos que expressavam as teorias estrangeiras utilizadas para respaldar e legitimar os

²² “O francês esteve no Brasil em missão diplomática no ano de 1869, quando foi designado ministro plenipotenciário [...] da França na corte brasileira, o que corresponde atualmente ao cargo de embaixador. O conde era um típico literato, avesso às especializações que definia os diversos campos das ciências na segunda metade do século XIX” (SOUSA, 2013, p. 3).

pensamentos raciais vigentes. Além de traçar um perfil da população brasileira, afirmando que a miscigenação é um fator determinante para civilizar a população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do estudo, buscou-se compreender como Sylvio Romero organizou e sistematizou o discurso racial na sua obra *História da Literatura Brasileira* (1881–1888), tendo em vista o período de 1881 a 1888. O objeto possibilitou a reflexão sobre as mobilizações das teorias científicas em voga no século XIX e como elas eram adaptadas e divulgadas em escritos. Sob esta perspectiva, durante o percurso histórico percorrido e das inquietações promovidas, buscou-se mostrar uma trilha da história contada a partir da narrativa enunciada pelo documento histórico dialogando com a fonte. A obra analisada foi confrontada com outros documentos históricos levantados durante o decorrer deste estudo: *A Revista Pedagógica* (1892); o jornal o *Diário do Rio de Janeiro*; *Revista Brasileira* tomo VII; os programas de ensino do Ginásio nacional Colégio Pedro II; *Jornal Carbonário: órgão do Povo* (RJ) – (1881 a 1890); e com alguns anúncios do jornal *O Comércio*.

Para tanto, utilizou-se o conceito de raça entendendo-o como uma construção histórica, reformulado a partir das teorias evolucionistas. Assim, nota-se que a cor consistiu no principal elemento do evolucionismo racial. Tomar o conceito de repertório, partindo das formulações de Alonso (2002), ajudou a compreender as teorias evolucionistas estrangeiras mobilizadas por Sylvio Romero em sua obra. Desta forma, chegou-se à conclusão de que a escrita também fez parte da ação performática divulgadora de tais teorias no Brasil oitocentista, uma vez que o texto tem identidade própria, contendo assim as opiniões e compreensão do autor acerca de temas como: miscigenação, eugenia, escravidão, dentre outros.

Conduzidos pelos objetivos que nortearam a escrita deste texto, analisou-se os aspectos textuais e materiais da obra enquanto objeto de discurso racial. Neste contexto, era no impresso que se materializavam os discursos raciais mobilizados a partir desses repertórios estrangeiros. Foi preciso entender o autor enquanto sujeito de seu tempo. Assim sendo, foi necessário enveredar na vida desse sujeito, pois entende-se que suas experiências de vida influenciaram diretamente na construção de sua escrita. Deste modo, sua formação não está dissociada da formulação e composição da sua escrita, pois acredita-se que as teorias científicas mobilizadas pelo autor lhes foram apresentadas durante o período de formação acadêmica, na Faculdade de Direito do Recife.

Pelo estudo da teoria da literatura foi possível compreender que a obra *História da Literatura Brasileira* num contexto literário e caracterizá-la numa subcategoria, ou seja, enquanto gênero específico. Assim, para compreender o processo de construção da escrita do autor, utilizou-se os termos de apropriação e recepção específicos da área da literatura e não da história cultural.

Ao adentrar na obra, evidencia-se que a introdução publicada na *Revista da Academia Brasileira de Letras* revela como os discursos são construídos a partir das apropriações e das adaptações desses repertórios. Tal fato revelou como estes discursos foram selecionados para legitimarem um lugar de servidão do negro, principalmente pelo embrutecido por meio da escravidão. De acordo com a interpretação feita por Sylvio Romero a partir da teoria de Darwin, identificou-se como esse sujeito defendia em seus escritos o embranquecimento e como a literatura servia de instrumento para exemplificar o empreendimento. Tal medida resultaria no melhoramento racial.

Essas mesmas fontes evidenciavam uma contradição ao traçar o perfil do autor, que entendia o negro como indivíduo que merecia estar submisso. No entanto, ele relata uma dívida histórica do Brasil para com os negros, uma reparação aos anos de escravidão e da manutenção econômica do país. Embora em outros momentos afirmava-se a necessidade de um embranquecimento da população e também da eliminação de qualquer traço físico, moral e cultural que fosse relacionado aos negros. Essas fontes possibilitaram, durante a construção do objeto de pesquisa, visualizar a contradição no discurso de Sylvio Romero.

A mutabilidade do discurso proferido por esse sujeito mostrou-se como um dos elementos necessários para entender o tempo, o espaço, o lugar de destaque no meio intelectual ocupado por ele. O mesmo discurso é evidenciado pelo próprio em outra obra intitulada *Minhas contradições*. Esta foi apenas citada nesse momento com o sentido de afirmar as mutações do sujeito nas relações com seus pares e com suas desavenças.

Desta maneira, esta pesquisa proporcionou um novo sentido de aprendizagem à pesquisadora em relação ao trato com a fonte utilizada, além do diálogo e da incorporação de conceitos específicos do campo da literatura. Assim, possibilitou compreender o documento como um elemento que retrata as experiências do sujeito de seu tempo. Ao despír a fonte, entende-se como um documento com informações de seu tempo de produção, ou seja, de um tempo

histórico específico em que as verdades expostas ali são discursos carregados de uma relação de poder. Deste modo, fez-se necessária uma análise minuciosa do seu conteúdo e das evidências que ali estavam apresentados, que sintetizados por meio das apropriações e interpretações do cientificismo em voga, tornam-se importantes para composição de um discurso racial e do repertório de escrita de Sylvio Romero. Ao utilizar-se de expressões como irmãos de cor, negrinho, gente de cor, dentre outras, o autor se reportava ao negro mostrando um repertório racial.

A materialidade do texto revela um discurso muito peculiar reproduzido pelo autor. Além disso, identifica-se e interpreta-se como o autor se apropria das teorias científicas para expor as manifestações raciais. Nesta perspectiva, evidencia-se a constituição da configuração de uma raça tipicamente brasileira que seria nos moldes europeus, tendo início com a vinda dos imigrantes inicialmente para limpar a raça.

Observou-se que pelas ideias evolucionistas de Sylvio Romero são mobilizadas a defesa do branqueamento e a limpeza das raças, trazendo como ponto de partida o processo de miscigenação. Para ele, a evolução se dava por meio da hereditariedade: a cada prole gerada, os negros ficariam mais brancos. Essa limpeza racial não seria feita apenas na população, mas também em um caráter cultural, no qual tudo que tivesse relação ao negro seria eliminado. Era uma tentativa de apagamento social, cultural e moral, pois os elementos de negação, como a malandragem, tendências associadas à criminalidade, dariam lugar a uma sociedade civilizada. Entretanto, por outro lado, ele não nega a dívida histórica da sociedade brasileira para com o negro. Ele defende ainda que era preciso educar os negros, era necessário a vinda dos imigrantes europeus para a extinção de todo e qualquer traço da raça negra. Assim, o Brasil estaria branco por completo.

Algo que proporcionou o entendimento e a materialização do discurso foi compreender o livro como um impresso que sofreu alterações no processo de produção. Um objeto feito para gerar lucro para os autores e livreiros, pois a sua circulação divulgava ideias que o autor do livro materializou em sua escrita. Enfim, entendeu-se o livro como um impresso com função social dentro do contexto da sociedade vigente, um dispositivo transmissor de conhecimento que forma e informa, possuindo uma função educativa por meio das teorias raciais, principalmente com o darwinismo. A circulação e a apropriação possibilitaram a disseminação dos discursos raciais naturalizados a partir da linguagem. Desta

forma, o livro de Sylvio Romero é capaz de revelar em uma produção intelectual o modelo darwinista, além de evidenciar na teoria como esse modelo deveria ter sua prática aplicado na sociedade.

O autor traz em seus discursos raciais o mestiçamento e degeneração como fator necessário para o refinamento genético da população, apresentando assim traços finos das mulatas crioulas bonitas, fazendo menção à miscigenação racial. Outras teorias são retratadas, no entanto a teoria de Charles Darwin é a principal teoria mobilizada em *História da Literatura Brasileira*. Portanto, considera-se o impresso como veículo de comunicação que possibilitou a divulgação dessas teorias e deu sentido às ideias da época. Deste modo, o impresso é visto também como uma tecnologia divulgadora de ideias.

Em todo o enredo da obra, o autor mostra traços da cultura popular e como foi construída a relação entre brancos e negros até a criação de uma população mestiça. Para Sylvio Romero, no Brasil o atraso evolutivo se dava pelo número de pessoas de “cor”, ou seja, negras. Por isso, ele defendia a tentativa de limpeza social e racial, por meio das políticas eugenistas. Desta maneira, ele aprovava e defendia a presença dos imigrantes europeus no Brasil como uma alternativa para a limpeza da sociedade, formada sobretudo por sangue negro e mestiço.

Por meio do levantamento de trabalhos pode-se perceber um quantitativo reduzido de trabalhos da área de História da Educação que tratam desta temática. O alargamento do campo documental revela aspectos particularidades do processo histórico, colaborando no ofício de registrar, de outras perspectivas e as disparidades sociais do período pesquisado. Desta forma, a obra de Sylvio Romero *História da Literatura Brasileira*, consiste em uma fonte importante no sentido de não apenas revelar a realidade de seu tempo de produção, mas de revelar esse impresso como um veículo que forma e informa, trazendo em seu conteúdo elementos naturalizadores de um discurso racial que estava diretamente relacionado à ideia de um branqueamento atrelado à civilização.

Por fim, esta pesquisa possibilitou-nos entender como se deram as apropriações das teorias estrangeiras e quais eram os veículos divulgadores. Além de reafirmar como as representações desses discursos raciais ainda perduram ao longo dos tempos, e ainda permanecem como manutenção das infraestruturas do passado.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. **Ideias em movimento**: a geração 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALONSO, Angela. **Repertório, segundo Charles Tilly**: História de um conceito. *Sociologia&antropologia*. V. 02 n. 03 Jun. 2012. Disponível: <https://revistappgsa.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2015/05/v2n03_02.pdf>. Acesso em: 14 maio 2018.

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Delta, 2004.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco**: o negro no imaginário das elites século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1887.

BARBOSA, Aline Leal. **Materialidades do texto**: um percurso histórico. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 263-286, jul. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2015v11n1p263>>. Acesso em: 23 jun. 2018

BAPTISTA, Livia Márcia Tiba Rádis. **Autoria, discurso e sujeito**: uma questão de singularidade ou originalidade?. *Revista de Letras do Programa de Pós-graduação em Letras - Interfaces entre Língua e Literatura da Unicentro*, Guarapuava, Vol. 2 n. 2, dez. 2011.

BARRETO, Luiz Antônio. **Personalidades Sergipanas**. Aracaju: Typografia, 2007.

BECHELLI, Ricardo Sequeira. **Metamorfoses na interpretação do Brasil**: tensões no paradigma racial (Sílvia Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e Oliveira Vianna). (Tese de doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP 2009.

BECKLES, Hilary Mcd. **Os domínios do prazer**: A mulher escrava como mercadoria sexual. *Revista virtual outros tempos* V. 8, número 12 dez. 2011 – Dossiê História Atlântica e da Diáspora Africana. Disponível em: <http://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uema/index>. Acesso em : 12 ago. 2017.

BERGO, Antonio Carlos. **Darwinismo social e educação no Brasil**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, São Paulo, 1993. 260f

BLOCH, Marc. **A apologia da História ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CANDIDO, Antonio. **O método crítico de Sílvia Romero**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

CUNHA; Patrícia da Silva Simões da PAIVA; Jéssica Souza de. **A erotização da mulata na cultura brasileira**. In: Seminário V Enlaçando Sexualidades Disponível

em:<https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV_072_MD1_SA1_ID428_13062017162251.pdf> . Acesso e 10 dez. 2017.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador - conversações com Jean Lebrun. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. "As Revoluções da Leitura no Ocidente". In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas/ SP: Mercado de Letras, 1999.

CHARTIER, Roger. **Do palco à página**: publicar teatro e ler romance na época moderna(séculos XVI-XVIII). Tradução de Bruno Feitler. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2002.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Ed. UNESP, 2014.

COLARES, Camila; ADEODATO, João Maurício. **A obra de Sílvio Romero no desenvolvimento da nação como paradigma**: da dicotomia entre o positivismo e a metafísica à adoção do evolucionismo spenceriano na transição republicana. *Prima Facie*, João Pessoa, V. 10, 19, ano 10, jul-dez, 2011.

CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. **Cadernos Pagu**. Campinas, SP, n. 6/7, p. 35-50, jan. 2010. ISSN 1809-4449. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1860>>. Acesso em: 09 jan. 2019.

COSTA FILHO, Cícero João da. **No limiar das raças**: Sílvio Romero (1870-1914). Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012. 495 f.

CRUZ, Victoria Santa. **Me gritaram negra**. Disponível em: <<https://feminismo.org.br/me-gritaram-negra-poema-de-victoria-santa-cruz/18468/>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

DARTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org), **A Escrita da História**: novas perspectivas, Tradução: Magda Lopes, Unesp, São Paulo,1992.

DÓRIA, Carlos Alberto. **Cadências e Decadências do Brasil (o futuro da nação à sombra de Darwin, Haeckel e Spencer)**. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo, 2007.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. **Edição e Sociabilidades intelectuais**: A publicação das obras completas de Rui Barbosa (1930-1949). 1.ed. Belo Horizonte: Autentica Editora: Editora UFMG, 2017.

FLORY, Suely Fadul Villibor. **O Leitor e o Labirinto**. São Paulo: Arte e Ciência, 1997.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?**. 3. ed. Trad. de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1992.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 23ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FREITAS, Marcel de Almeida. **O cotidiano afetivo-sexual no Brasil colônia e suas consequências psicológicas e culturais nos dias de hoje**. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/1577>> Acesso em: 06 jun. 2018.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Amansando meninos**: uma leitura do cotidiano da escola a partir da obra de José Lins do Rêgo (1890-1920). João Pessoa: EDUFPB, 1998.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território plural**: a pesquisa em história da educação. 1. ed. - São Paulo: Ática, 2010.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulatas profissionais**: raça, gênero e ocupação. Rev. Estud. Fem. [online]. 2006, vol.14, n.1, p.85-101.

GRANJA, Lúcia. **Rio-Paris**: primórdios da publicação da literatura brasileira chez Garnier. Letras, Santa Maria, v. 23, n. 47, p. 81-95, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11756>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

GONÇALVES, Edmar Moraes. **Estudo das estruturas das encadernações de livros do século XIX na coleção Rui Barbosa**: uma contribuição para a conservação-restauração de livros raros no Brasil. 2008. F. Dissertação (mestrado) — Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

GUIMARÃES, Artur. **Sílvio Romero de perfil**. Porto: Tipografia A Vapor de Artur José de Souza, 1915.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Edusp, 2005.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

JAPIASSÚ Hilton; MARCONES Danilo, Dicionário básico de filosofia, 4.ed, Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2006.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Borges. 5. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003. p. 525-541

MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura, orgs. **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCBB, 1996.

MARSON, Adalberto. Reflexões sobre o procedimento histórico. In: SILVA, Marco A. da (Org.). **Repensando a história**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984. p. 37-64.

MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira; MARTINS Roberto de Andrade. A metodologia de Lamarck. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, 1996.

MATTOS, Hebe. Racialização e cidadania no império do Brasil. In: CARVALHO, José Murilo; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. **Repensando o Brasil do Oitocentos: cidadania, política e liberdade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MEIER, Christian. Antiguidade. In: KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian; GÜNTHER, Horst; ENGELS, Odilo. **O conceito de História**. Trad. René E. Gertz. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MESQUITA, Ilka Miglio. **Presenças e ausências de referências sobre escravismo e educação nas teses e dissertações da Academia de Direito de São Paulo (1830-1880)**. In: NOGUEIRA, Vera Lúcia(org). População negra escravismo e educação no Brasil: séculosXIX e XX. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015.

MOURA, Clovis. **Dialética Radical do Brasil Negro**. São Paulo: Editora Anita, 1994.

MOTA, Maria Aparecida Rezende. **Sílvio Romero: Dilemas e combates no Brasil da virada do século XX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Os vestígios do leitor: a biblioteca pedagógica de Sílvio Romero**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003. CD-ROM

NOGUEIRA, Julio Cesar Giacomelli. **Letra e imagem: a tipografia nas capas de livros desenhadas por Eugenio Hirsch**. 2009. 157 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284076>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

OLIVEIRA Marcus Aldenison de, **Antônio Bandeira Trajano e o método intuitivo para o ensino de aritmética (1879-1954)**. (Dissertação) Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tiradentes – PPED-UNIT, 2013.

PINHEIRO, Alexandra Santos. **Baptiste Louis Garnier: O Homem e o Empresário**. In: I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, 1., 2004, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UFF/FCRB, 2004. Disponível em:< <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/alexandrasantospinheiro.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

RABELLO, Sylvio. **O Itinerário de Sílvio Romero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

RAMOS, Jair de Souza. Dos Males que Vêm com o Sangue: as Representações Raciais e a Categoria do Imigrante Indesejável nas Concepções sobre Imigração da

Década de 20. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura, orgs. **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCBB, 1996.

RODRIGUES, Olira Saraiva. **Políticas públicas educacionais de espaços não formais de educação**. Disponível: <<http://www.anapolis.go.gov.br/revistaanapolisdigital/wpcontent/uploads/2013/03/Olira-Rodrigues.pdf>> Acesso em: 22 jun. 2017.

ROMERO, Alejandro Gomes. No país dos ventos alísios: leituras sobre Henry Thomas Buckle no Brasil republicano (1880-1900). **Revista Vernáculo**, [S.l.], set. 2016. ISSN 2317-4021. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/39823/29164>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

SANTOS, Gustavo; **Academia de direito de São Paulo: relação entre ciência e cultura política e jurídica na formação dos bacharéis e doutores. (1850-1889)**. (Dissertação) Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tiradentes – PPED-UNIT, 2015.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro. **Pendengas e querelas na intelligentsia brasileira: Romero versus Bomfim**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju, nº 44, 2014. Disponível em: <<http://www.revistaihgse.org.br/index.php/revista/article/view/97>>. Acesso em 28 de set. 2017.

SANTOS, Maria Vera. **O livro didático de geografia: Sergipe, do século XIX ao século XX**. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe- Edise, 2017.

SANTOS, Luzinete Rosa. **Escravidão e direito civil no romance “Rosaura, a enjeitada” de Bernardo Guimarães**. 2018. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Tiradentes, Aracaju.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da; MOTTA, Jorge França. Relendo o significado de raça. **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, fev., 2009. Disponível em: <http://apl.unisuam.edu.br/augustus/pdf/rev_augustus_ed%2027_08.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2018.

SILVA, José Pereira da. **Como se faz a edição de um livro?**. Cadernos do CNLF, Vol. XVI, Nº 03 – Livro de Minicursos e Oficinas. 2012. Disponível em:<http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/min_ofic/15.pdf> Acesso em: 24 jun. 2018.

SILVEIRA, Éder. **A cura da raça: eugenia e higienismo no discurso médico sul-riograndense nas primeiras décadas do século XX**. Porto Alegre: Ed. da UFCSPA, 2016.

SILVÉRIO, José Carlos. **Antiescravismo e racialização em Ouro Preto (1871-1888)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História, 2012.

SOUZA, João Mendonça de. **Sílvio Romero: o crítico e o polemista**. Rio de Janeiro: Emebe Editora, 1976.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **O império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista**. Rio de Janeiro: EdUERJ/EdUFF, 1999.

SOUZA, Ricardo Luís de. **Método, nação e identidade nacional**. Revista de História Regional. Ponta Grossa, PR: UEPG, v. 9, n. 1, Verão 2004, p. 9-30.

SOUZA, Cristiane Vítório de. **As leituras pedagógicas de Sílvio Romero**. São Cristóvão, SE, 2006. 233 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2006.

SOUZA, Ricardo Luis de Souza. **Identidade nacionalidade e modernidade brasileira: O dialogo entre Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007a.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **A introdução à historiografia da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007b.

SOUZA Ricardo Alexandre Santos de. **A extinção dos brasileiros segundo o Conde Gobineau**. Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 21-34, jan –jun, 2013.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Malditos tipógrafos. In: **I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial**, 1., 2004, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UFF/FCRB, 2004. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/nelsonschapochnik.pdf> Acesso em: 15 jul. 2018.

SCHNEIDER, Luiz Alberto. **O Brasil de Sílvio Romero: Uma Leitura da população brasileira no final do século**. In: Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. ISSN 2176-2767, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Espetáculo da miscigenação**. Estudos avançados, v. 8 n. 20, 1994.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questões racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo Companhia das letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O olhar naturalista: entre a ruptura e a tradução**. Revista De Antropologia, 35, 149-167.1992.

VENTURA, Roberto. **Uma nação mestiça**. In: Estilo tropical: História cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

FONTES

ARARIPE JUNIOR, Sylvio Romero – polemista. In: **Revista Brasileira**. Tomo XX. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/139955/_1900_00020.> Acesso em: 10 out. 2017.

ASSIS, Machado de. *Diário do Rio de Janeiro* (20/06/1864) In: **Chronicas** 2º vol. p.50.

LIVRARIA de B. L. Garnier: 71, rua do Ouvidor, 71...Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.]. 1 etiqueta, p&b, 3,2 x 5,9. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1385217/icon1385217.jpg>. Acesso em: 3 ago. 2018.

ROMERO, Sílvio. **História da Literatura Brasileira**, vol. I e volume II. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1888. 2 v.

ROMERO, Sílvio. **História da Literatura Brasileira**, vol. I e volume II. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902. V1.

ROMÉRO, Sylvio, Introdução á historia da litteratura brazileira, **Revista Brasileira**. Rio de Janeiro, tomo VII, abril-junho, 1881. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/139955/per139955_1881_00007.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2018.

VIEIRA, Menezes. Parte oficial. **Revista Pedagógica**, Rio de Janeiro, Tomo terceiro, nº 18, 1982. Disponível: <<http://memoria.bn.br/docreader/341010/1>>. Acesso em: 08 dez. 2018.